Os assaltos às crianças continuam

Telheiras: pais poderão impor greve às aulas Pág. 9

Macau: ampla autonomia garantida até 2050 Págs. 6 e 7

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 323 Quinta-feira, 26 de Março de 1987 Preço 40$00

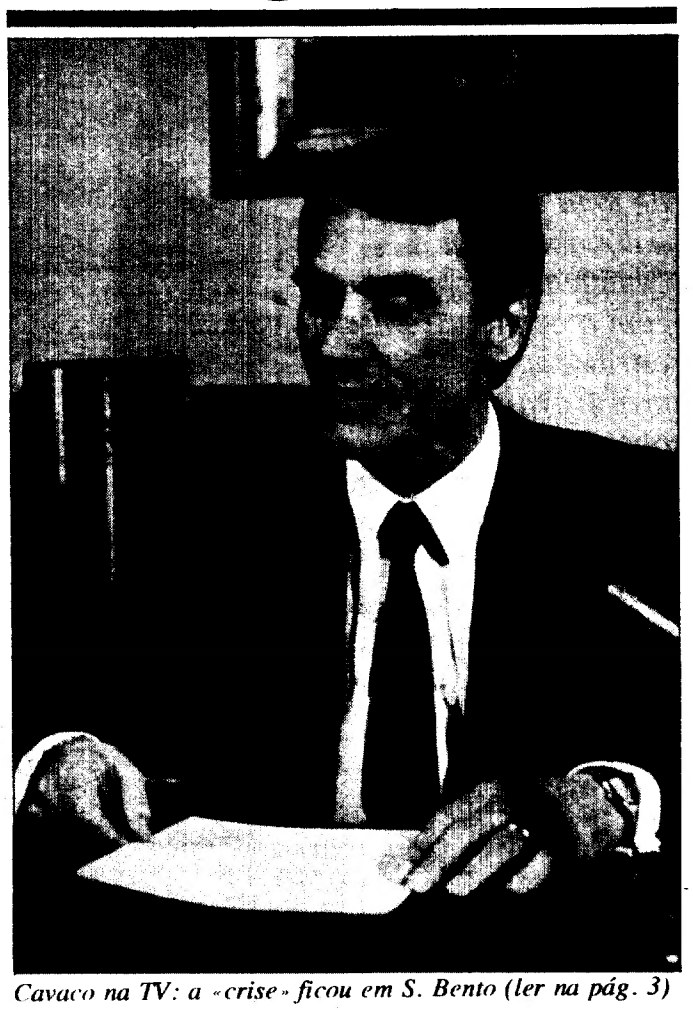
Cerca de 100 mil abrangidos, mas nem todos parados

PROFESSORES FAZEM GREVE POR DEFINIÇÃO DE CARREIRAS

Cerca de cem mil professores estão hoje potencialmente envolvidos numa greve de dois dias, com elevadas adesões registadas esta manhã pelas estruturas sindicais dos professores. Esta greve foi justificada pela Fenprof, entre outros pontos, com o desrespeito por parte do Ministério dos seus próprios prazos para discutir o estatuto da carreira docente, num processo que se arrasta mesmo depois de aprovada, pela Assembleia da República, a Lei de Bases do Sistema Educativo (em Julho do ano passado), com a exigência de que o estatuto seja publicado até 14 de Outubro deste ano.

Pág. 10

A "CRISE"



Cavaco na TV: a «crise» ficou em S. Bento (ler na pág. 3)

PS fala com Oposição excluindo o PRD e "renovadores" admitem entrada de segunda moção de censura

Pág. 3

Viagem por um país agitado

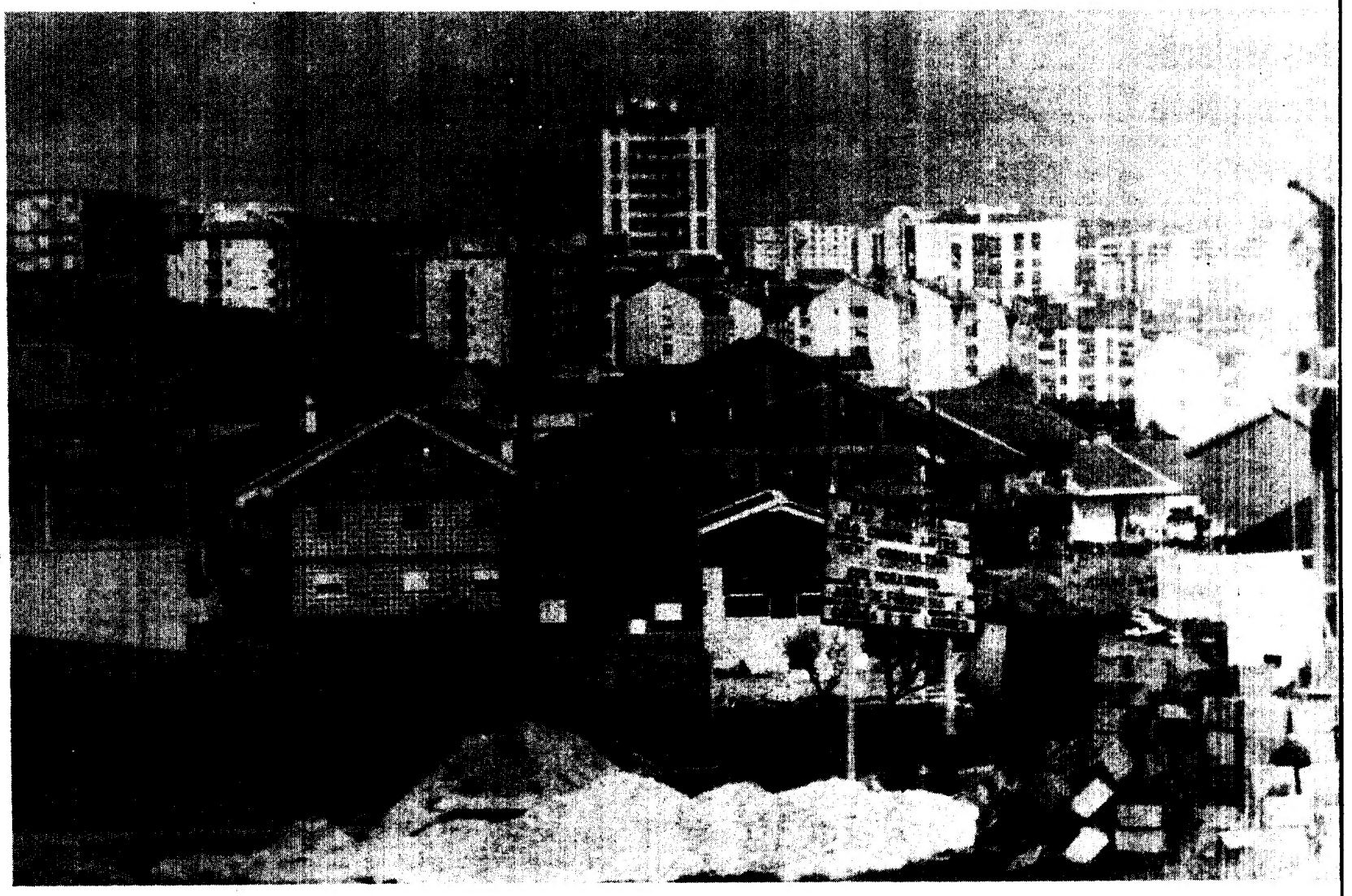
Soares leva ao Brasil exemplo de Portugal

Soares discursou esta manhã no Congresso brasileiro. Tónica da sua intervenção — a primeira de um Chefe de Estado estrangeiro naquele órgão legislativo: o exemplo democrático português.

Págs. 4 e 24

Mário Soares com Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores

GRANDE LISBOA



Para quando a organização do caos? (4)

Bárbara Lopes

Em artigo anterior vimos, em linhas gerais, o sentdo das propostas contidas no Plano Director da Região de Lisboa, documento que, em 1964, preconizava a organização do espaço urbano da Grande Lisboa com base na estruturação de cinco cidades à volta da cidade central, capazes de uma vida urbana autónoma e complementar entre si e com o centro. Com esta estruturação, procurava-se que as populações a fixar na área urbana de Lisboa o fizessem dentro de um esquema de ordenamento que, além de preservar terrenos de cultivo e espaços de cultura e lazer, e de resolver os problemas de infra-estruturas, equipamentos e transportes, contribuiria decisivamente para a construção de uma vida urbana pacífica e equilibrada, quer na cidade central quer nas cidades periféricas que seriam, então, muito mais do que periferias produtoras ou dormitórios de mão-de-obra dos serviços.

Porém, tudo isto eram simples propostas de um simples Gabinete de Planeamento, que **nunca dispôs de qualquer força vinculativa para ordenar o seu território. Nem sequer da que lhe teria advindo da aprovação do Plano, por ele produzido, aprovação que nunca aconteceu.** A sua actuação estava prevista através da Comissão do Plano, que entraria em funções logo após a aprovação daquele. Visto que a aprovação foi sendo sucessivamente adiada, ao Gabinete nunca foi dado o espaço de acção necessário. Esta ficou limitada, num primeiro tempo, à produção de um plano-imagem, meramente indicativo de um ordenamento desejável, e, num segundo, mais longo, à fiscalização das actuações, privadas e públicas, no território da sua jurisdição, teórica. Ineficaz num caso como no outro. Por razões várias não estavam reunidas as condições necessárias para que este Plano se constituísse no motor de um processo de ordenamento, inserido no real concreto da prática urbanística de enão. Em termos práticos, **este Gabinete foi quase exclusivamente espectador que assistiu, impotente, a um processo de urbanização subversivo, que se salda por uma ocupação deste território que é, nas suas linhas gerais, diametralmente oposta às orientações do documento de 1964.**

Era um nado-morto, este plano, que, sem ser uma perfeição, se, no entanto, lhe fossem dados os meios institucionais indispensáveis, teria evitado grande parte dos males que afligem, hoje, a vida quotidiana dos dois milhões de habitantes da Grande Lisboa. E não só.

Adiada a aprovação do Plano, ao longo de oito anos, foi a sua revisão decidida, em 1972. Este novo processo, que não iria ultrapassar as fases de inquérito e análise, foi, então, confiado a duas empresas privadas de consultores. Teoricamente, o interesse público seria salvaguardado pelo acompanhamento dos trabalhos, a exercer por um núcleo de apoio, então criado, e integrado por técnicos do Gabinete. Em termos práticos, a actuação do referido núcleo ultrapassou de muito pouco o nível burocrático, pois raramente foi chamado a participar.

O facto de a Administração Central confiar a revisão do Plano a entidades que lhe eram exteriores significa, no menos, que ela se assumiu incapaz desse acto técnico. Esta parece-me a leitura possível da situação, para que, como no caso recorrente, não pretende enveredar por outro tipo de crítica. Pergunta-se: por que razões não se aprovou um Plano que, apesar das suas fraquezas, teria constituído um instrumento útil de enquadramento da prática urbana? Pergunta-se ainda: se os técnicos da Administração, dispondo de condições deficientes, produziram um documento relativamente válido, por que razões não teriam sido capazes de proceder à sua revisão, sob condição, óbvia, de se lhes darem meios idênticos aos que foram assegurados às referidas empresas?

Será útil termos presente que o **Plano e a sua revisão custaram muito dinheiro aos contribuintes, directos e indirectos, que somos todos nós. Que, em consequência, o seu custo agravou injustamente as condições de vida dos que, no país real, sempre pagaram os custos da cidade.** Pergunta-se de novo: quem ganhou com a ineficácia de um Plano a que se negaram, desde o início, todas as possibilidades de funcionamento? Quem ganhou, afinal, com o liberalismo institucional responsável pelas condições quase concentracionárias de que dispõem largas centenas de milhar de portugueses? Cabe, naturalmente, a cada um deles procurar as respostas a estas perguntas incómodas.

O G.P.D.R.L. não só não teve força de intervenção no sentido de organizar e/ou apoiar actuações como nem sequer conseguiu a coordenação dos diversos intervenientes no território, o que, a dar-se, teria levado à compatibilização das respectivas actuações, multiplicando-lhes a eficácia. **Concretamente, tudo se passou como num qualquer texas, à mercê dos atropelos dos mais fortes, da ganância dos mais desonestos, tendo por pano de fundo a passividade, quando não a permissividade de uma administração cujos técnicos honestos foram, muitas vezes, ultrapassados.**

Estamos, pois, perante um exemplo concreto de desarticulação entre o organismo que planeia e a prática urbana real, que, neste caso, se identifica com uma **prática terrorista** obedecendo a lógicas desconhecidas dos que ela prejudica seriamente.

O G.P.D.R.L. ficou reduzido a uma quase instância moral. Nuns casos, e por razões diversas, ultrapassado pela incapacidade de resposta em tempo útil, noutros, vendo as suas exigências contornadas e iludidas por uma prática urbana que o punha perante o facto consumado. Isto, quando alguns intervenientes no processo não comandavam, por dentro, essa prática subversiva, conforme é voz corrente, o que tem dado origem, como sabemos, a alguns inquéritos, tão complicados como ineficazes. Também aqui, e mais uma vez, não se faz o que seria, realmente, útil. Caçam-se (?) bruxas com redes de borboletas. Gasta-se, em inutilidades, o tempo e as energias necessárias para as reformas, que urgem. Principalmente, desperdiçam-se cidadãos honestos e sabedores, porque não integram as clientelas dos políticos no poder, o que mantém actual (!) o desabafo de Vieira: «Vota o conselheiro no parente, porque é parente, vota no amigo, porque é amigo, vota no recomendado, porque é recomendado: e os mais dignos e os mais beneméritos, porque não têm amizade, nem parentesco, nem valia, ficam de fora».

Entretanto, continua a barafunda. Até quando, oh deuses?

Cavaco na TV iludiu expectativas

"Serenidade" e silêncio contra "agitação" da Oposição

«Nunca esteve previsto que o primeiro-ministro falasse sobre a situação política. A sua presença na televisão, ontem à noite, teve como único objectivo, transmitir ao País o entendimento do Governo sobre os acordos assinados em Pequim sobre a transferência de Macau para a soberania da República Popular da China» — esta a posição transmitida esta manhã por uma «fonte governamental» face à expectativa gerada ontem com a anúncio da ida de Cavaco Silva à TV, no momento em que a vida política portuguesa é agitada pela anunciada moção de censura ao seu Governo, agitação de que o «DL» fez eco na sua edição de ontem.

Embora tenha sido garantido esta manhã ao «DL» que «nunca esteve na intenção do primeiro-ministro ir à televisão falar de outra coisa senão Macau», a verdade é que, mesmo entre elementos do «staff» de Cavaco Silva existia, na manhã de ontem, a ideia de que a intrevenção televisiva seria aproveitada para uma referência, ainda que breve, à «crise política».

Na verdade, segundo apuramos, havia quem defendesse que, embora Macau fosse o tema central da comunicação do primeiro-ministro, a ocasião devia ser aproveitada para uma curta referência à situação política, a qual poderia surgir pelo estabelecimento de um paralelo entre assinatura daquilo que o Governo considera como «um bom acordo» e a «agitação» internamente provocada pela Oposição.

Durante a tarde de ontem, Cavaco Silva teve reunido com membros do seu gabinete e, nessa altura, terá ficado definitivamente assente que a comunicação versaria exclusivamente o acordo de Macau, já que, em si mesma, ela iria permitir à opinião pública confrontar a «serenidade governamental com a tempestade nos partidos da Oposição».

Aliás, a estratégia que prevalece nas hostes governamentais — e do PSD —, na conjuntura criada pela iniciativa parlamentar do PRD, é a de que o Governo deve «deixar as coisas correrem», opondo uma « grande serenidade e calma» à «agitação entre a Oposição».

Hoje: reunião alargada do Governo

O Conselho de Ministros está reunido desde o princípio da manhã com a presença de todos os membros do Governo para «perspectivar as grandes linhas de orientação da acção governativa para o período de 87/89», revelou à «Lusa» uma fonte oficial. No plenário, Cavaco Silva deverá proceder a um «balanço da actividade governativa».

Interrogado pela mesma agência de notícias sobre a relação entre os temas da reunião e a apresentação de uma moção de censura pelo PRD, uma fonte do Gabinete do Primeiro-Ministro disse que a reunião estava convocada «há mais de uma semana», data em que os renovadores democráticos ainda não haviam decidido apresentar a sua moção.

Apesar de ter reposto já uns dólares

Reagan deposita grande confiança no embaixador nomeado para Lisboa

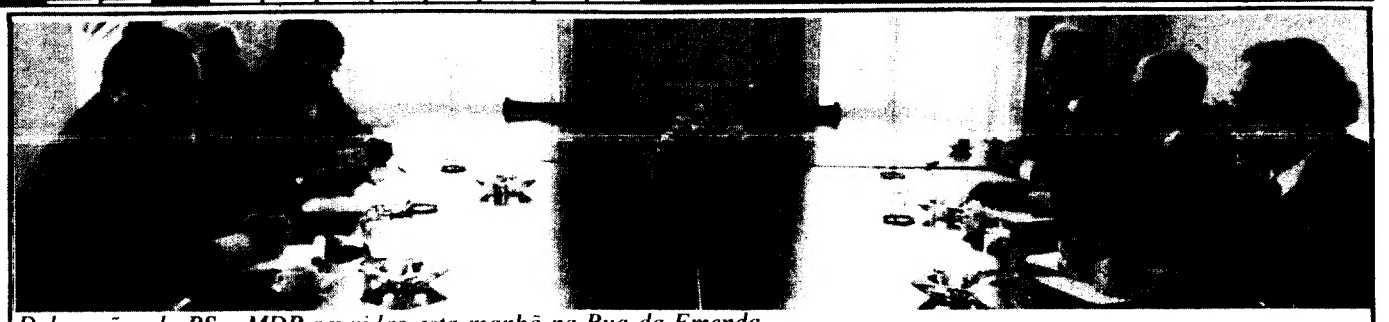
O embaixador norte-americano designado para Lisboa, Richard Viets, continua a gozar da «total confiança» do presidente Ronald Reagan e do secretário de Estado George Shultz, afirmou ontem um porta-voz do departamento de Estado.

A indigitação de Viets para a missão diplomática dos EUA na capital portuguesa fora contestada, terça-feira, pelo senador republicano Jesse Helms, que citou perante a comissão de Relações Externas do Senado, alegadas irregularidades cometidas no passado por aquele diplomata, como eventuais obstáculos à sua confirmação.

«O embaixador Viets goza da total confiança do presidente e do secretário do Estado e continua a ser a escolha de Ronald Reagan para embaixador em Portugal», afirmou o porta-voz do departamento de Estado, em resposta a um pedido de comentário sobre a contestação feita por aquele senador.

Helms, líder da minoria republicana na comissão de Relações Exteriores, que confirma as nomeações de embaixadores, baseou a sua contestação num relatório elaborado em 1983 pelo Departamento do Estado. Nesse relatório, Viets era acusado de «comportamento autocrático» e de cometer irregularidades com as contas da embaixada dos EUA na Jordânia, quando era responsável dessa missão diplomática.

O porta-voz do depoartamento do Estado adiantaria a propósito: «Em 1983, uma auditoria administrativa concluiu que o ambaixador havia sido reembolsado indevidamente de algumas despesas consideradas privadas e não oficiais. Desde então jé repôs essa pequena quantia em questão», concluiu. Recorde-se, entretanto, que Viets se recusou até ao momento a fazer comentários às reservas postas por Helms.



Delegações do PS e MDP reunidas esta manhã na Rua da Emenda

MOÇÃO DE CENSURA É AMANHÃ ENTREGUE NO PARLAMENTO

A moção de censura ao Governo anunciada pelo PRD será debatida no Parlamento nos dia 2 e 3 de Abril. Foi a conferência dos líderes parlamentares que fixou ontem o agendamento e estabeleceu todos os pormenores do debate, depois de os renovadores informarem que o texto da referida moção será entregue amanhã de manhã na Mesa da Assembleia da República.

Ainda de acordo com o que o «DL» apurou, o PRD acedeu a que o Governo tivesse mais 15 minutos do que o previsto na distribuição dos tempos e deu o seu consenso para que qualquer outra moção de censura possa ser apresentada após a sua ou mesmo para uma discussão conjunta, desde que os seus subscritores se conformem com os limites impostos pelo Regimento da Assembleia. Isto é, desde que prescindam de abrir e encerrar o debate e com a certeza de que será o moção do PRD a primeira a ser votada. Soubemos também que o texto a apresentar pelo PRD já está elaborado, mas que eventuais alterações podiam ser introduzidas quer devido à intervenção do Primeiro Ministro, quer em resultado das conclusões da Comissão Política alargada que o PS realiza esta noite.

Entretanto, e como o «DL» já ontem anunciava iniciaram-se esta manhã os encontros dos socialistas com os outros partidos da Oposição. O primeiro destes encontros — decorrentes de uma decisão tomada pelo Secretariado Nacional do partido na última segunda-feira - realizou-se esta manhã com o MDP. Seguem-se, de tarde, respectivamente, o CDS e o PCP.

Realce para o facto de os renovadores terem sido excluidos destes contactos. A explicar esta posição, o «Acção Socialista» aponta na sua edição hoje distribuida, o facto de o PRD ter anunciado a moção de censura «sem consulta prévia» aos restantes partidos da Oposição. «Foi mais uma insólita iniciativa dos renovadores que confirma a total ausência de linha política deste partido depois de ter caído sob o comando do general Eanes», acusa o semanário do PS, num ataque aos seus mais directos opositores no campo eleitoral.

«Campanha de comando»

Por seu lado, os centristas reuniram ontem a sua Comissão Permanente para uma primeira análise à situação criada com o anúncio da moção de censura por parte do PRD.

De qualquer maneira e para já uma coisa é certa: o CDS só dará indicação de voto nesta matéria após a reunião da sua Comissão Política, cuja data ainda não foi marcada.

Num texto distribuido após a reunião de ontem, aquele orgão partidário do CDS anuncia que fará «uma campanha chamando à mobilização para a constituição de um Governo de maioria». Isto para impedir «a marcha da esquerdização do país».

Para a Comissão Permanente democrata-cristã, «as eventuais consequências de uma moção de censura implicam que os responsáveis tenham uma alternativa viável a apresentar». De qualquer forma, os centristas não deixam de registar um facto que qualificam de «grave desvio constitucional»: a recente publicação, como resolução do Governo, das Grandes Opções do Plano. Segundo disse Adriano Moreira aos jornalistas isto prenuncia um novo «confronto» entre o Governo e a Assembleia da República.

No final da interpelação PCP conclui:

"Governo voltou a chumbar"

«O Governo PSD/Cavaco Silva voltou a chumbar». A afirmação é do líder da bancada comunista, Carlos Brito, ontem, no final do debate da interpelação sobre política laboral que, durante dois dias, ocupou os trabalhos parlamentares. Mas aquela é apenas uma das conclusões que o dirigente do PCP apresentou num discurso que constitui um autêntico libelo acusatório ao Governo no sector do trabalho.

Mas o certo é que os comunistas não se sentiram sós nesta apreciação e, por isso, Carlos Brito fez questão de enriquecer a demonstração da sua tese sobre «esta unanimidade na preocupação e na condenação» da política laboral do Governo com afirmações de deputados de todas as bancadas.

Especialmente visado foi o Ministro do Trabalho acusado de professar um «liberalismo serôdio», de falar como «um capataz saído das páginas Dickens ou de Zola», de ter como missão «produzir lucros, aumentar só os lucros do grande capital» e de transformar o ministério que tutela «na secção de pessoal da empresa cavaquista».

Para o PCP assumiu «um grande significado político» o facto de o Governo se mostrar «incapaz» de discutir com o Parlamento cinco questões fundamentais: o ressurgimento do trabalho infantil, a generalização do trabalho precário e clandestino, os despedimentos em massa, a protecção e incentivo à repressão patronal e o reaparecimento de novas zonas de pobreza.

Isto são, segundo o deputado do PCP, razões que evidenciam a «urgente necessidade de uma política alternativa». Tanto mais que, fez questão de frisar, «o debate permitiu definir largas zonas de consenso». E não seria compreensível, prossegue Carlos Brito, «que nesta hora e nesta situação, em vésperas de uma moção de censura, os diversos partidos fossem colocados perante as mais duras, mais dramáticas e gritantes realidades sociais que exigem uma resposta pronta e frontal que não se compadece com mesquinhas conveniências partidárias». Para bom entendedor meia palavra basta: os comunistas não pouparão responsabilidades aqueles que eventualmente se sintam tentados a sustentar por mais algum tempo o actual Governo.

Cadilhe e as promessas

O Ministro das Finanças, Miguel Cadilhe encerrou o debate conseguindo mesmo deixar boquiabertos alguns deputados da bancada que apoia o Governo ao prometer para 1992 ou 1993 «o estado de pleno emprego» no nosso país. Prometeu ainda que o Governo vai «continuar a fazer em 1987» o que fez no ano transacto, garantiu que o emprego cresceu, que o desemprego baixou, que a inflacção vai baixar, que haverá menos défices e mais crescimento e mais bem estar. Por tudo isto se compreende a perplexidade de Miguel Cadilhe: interpelar o Governo sobre o problema do desemprego «é iniciativa que, no mínimo, sofre de assincronia relativamente aos factos da economia portuguesa e às acções governativas».

CDS demolidor

Não pode passar sem referência um discurso de todo em todo inesperado: o do centista Narana Coissoró.

Foi uma intervenção verdadeiramente demolidora que esgota a política social do Governo «nas comunicações debitadas durante o tempo de antena do senhor Ministro Fernando Nogueira, no seu telejornal, e nas curtas e bem medidas frases da autoria so senhor Primeiro Ministro que o pequeno ecran divulga em rodapé às imagens fornecidas para consumo obrigatório dos seus espectadores»; que qualifica de «desolador» qualquer balanço desta política; a recordar que, desde 1979, é o PSD a ocupar ininterruptamente o Ministério do Trabalho e de já «tudo ter prometido e nada ter realizado; que a inserção profissional dos jovens «apresenta resultados nulos»; que o «combate à precaridade do emprego já desapareceu do discurso oficial»e que a negociação colectiva se resume à «fixaxação sirecta ou indirecta de tectos salariais».

MÁRIO SOARES 'MERGULHA' NA CRISE BRASILEIRA E EXPLICA PROCESSO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS

Augusto Vilela
enviado especial do «DL»

BRASÍLIA, 26 — A profunda crise em que o Brasil se encontra mergulhado, envolvendo praticamente todos os sectores políticos e sociais, é o cenário de fundo da visita de Mário Soares. Começando por Brasília, o centro político do país, Soares veio cair no meio dessa crise e a sua visita não pode deixar de sentir-lhe os efeitos. Para outro político qualquer, isto seria o bastante para o fracasso. A opinião pública e os grandes meios de Comunicação têm as atenções viradas para os grandes problemas internos, para as greves e agitação social, o que se reflecte no tratamento dispensado à visita, mais noticioso do que reflectivo. É, porém, nestas situações difíceis que Soares exprime melhor o seu talento político. O que falta de impacto popular à visita é compensando pelo interesse com que a classe dirigente brasileira o tem ouvido.

Com toda a sua longa experiência, o Presidente português abstém-se do mínimo gesto que possa ser interpretado como uma ingerência ou um simples conselho, mas não se cansa de explicar aos brasileiros o que foi o processo de democratização portuguesa, os erros e os desacertos, os fracassos e as vitórias. Fornece-lhes, assim, matéria para uma reflexão profunda, baseada na realidade de um País que, dispondo de muito menos recursos, teve que enfrentar crises não menos graves. O resultado é que os líderes dos mais diversos quadrantes políticos o têm escutado com o maior interesse.

Um exemplo disso são as declarações feitas pelo deputado Ulysses Guimarães, o político que hoje tem mais força no Brasil.

«Mário Soares é um político de envergadura internacional e sempre frequentou o Brasil, mesmo quando estava exilado. Tenho por ele um respeito muito grande porque durante a parte da luta do MDM para o restabelecimento da democracia ele foi primeiro-ministro e sempre distinguiu o partido de uma maneira que nós não podemos esquecer.»

O presidente do MDB e da Assembleia Constituinte brasileira salientou as possibilidades que se abre com a participação de Portugal na Comunidade Europeia e o facto de Mário Soares trazer consigo empresários que vão ter conversações no sentido de uma maior aproximação e uma projecção de negócios no campo europeu através de Portugal.

Grande parte da audiência foi ocupada com temas referentes ao sistema político português, um assunto de interesse para os brasileiros no momento em que se preparam para elaborar a sua nova Constituição.

Interrogado pelo «DL» sobre a maneira como via esta visita, Ulysses Guimarães disse entender que a visita de Mário Soares «é, sem dúvida nenhuma, entre os chefes estrangeiros que têm visitado o Brasil, recebida com uma grande simpatia e uma repercussão popular muito grande, e entendo que é uma visita sumamente proveitosa e não é somente de carácter afectivo, de carácter fraterno. Ela tem também objectivos de estabelecer, já agora que Portugal pertence à CEE, uma vinculação que poderá ser muito proveitosa também no campo da economia para o Brasil e para Portugal».

Mas sem dúvida que o grande impacto na opinião pública brasileira foram as declarações de Mário Soares quanto à dívida externa brasileira, ao afirmar que a comunidade internacional não pode tratar o Brasil de uma maneira qualquer, que tem de encontrar para o caso brasileiro uma solução específica.

Soares prometeu exercer toda a sua influência junto dos países ricos para a compreensão deste problema e afirmou que em Maio terá um encontro com o Presidente Reagan para lhe explicar a realidade brasileira.

Foi este o aspecto que mais repercussões teve junto dos líderes partidários que, em audiências sucessivas, ao longo do dia de ontem conversaram com o Presidente português no Palácio Jaburu.

Jarbas Passarinho, outro político brasileiro de grande influência, sublinhou aos jornalistas o interesse da audiência com Mário Soares.

«Sobre a questão da dívida externa afirmou a solidariedade de Portugal e até tocou num ponto muito interessante porque é ele por duas vezes teve que negociar com o FMI e acha até que perdeu eleições pela necessidade de austeridade a aplicar

Soares, José Sarney e o Governador de Brasília, José Aparecido, com os artistas Grande Otelo, Renata Drumond e Raul Solnado

no seu país, mas que estaria em condições morais de demonstrar, ao fundo, que o Brasil não poderia ser tratado da mesma forma».

Outra audiência aguardada com expectativa tinha como protagonista o carismático sindicalista Lula, agora dirigente partidário. Lula considerou a entrevista muito importante porque entre outras coisas permitiu falar sobre o movimento sindical português.

Em declarações aos jornalistas, Lula atacou violentamente a classe dirigente brasileira e considerou que ninguém por si só tem soluções para o Brasil, mas que «as coisas poderiam começar a dar certo se envolvessem o movimento sindical e os partidos políticos na elaboração da política económica e social».

Ao fim da tarde e depois de uma recepção ao Corpo Diplomático no Itamaraty, Soares recebeu a Confederação dos Bispos Brasileiros, que solicitara a audiência. Igualmente uma curiosidade muito grande sobre o caso português e uma inequívoca preocupação social destes representantes da Igreja, bem ao lado das classes mais desfavorecidas.

Soares inaugurou depois, no Teatro Nacional de Brasília, uma exposição de azulejos portugueses que se pode considerar um sucesso. Êxito foi também uma breve actuação de Carlos Paredes e Luísa Amaro, com o auditório completamente cheio e ainda muita gente de pé. Carlos Paredes foi aplaudido de pé e constituiu uma surpresa para os brasileiros, infelizmente desconhecedores da actual música portuguesa.

No plano económico o único facto a assinalar é a decisão de Sarney de isentar de financiamento importações de conservas, cortiça e outros produtos, na maior parte alimentares, até ao montante de dez milhões de dólares, vindas de Portugal.

Comentando para o «DL» esta decisão, o presidente da AIP, Rocha de Matos, considerou que não assume importância no plano global das exportações, mas significa uma intenção.

Programa para hoje

O Presidente da República, Mário Soares, é hoje o primeiro Chefe de Estado estrangeiro a discursar perante o novo Congresso brasileiro, que está investido de poderes constituintes, numa sessão solene em Brasília.

Depois de um almoço oerecido por Ulysses Guimarães, presidente do Congresso e líder do maior partido brasileiro, o PMDB, Soares preside a outra sessão solene, desta vez no Supremo Tribunal Federal.

Num programa separado, a mulher do Presidente da República, MARIA Barroso, visita a Legião Brasileira de Assistência, instituição brasileira de caridade.

O Presidente da República assiste depois à cerimónia de assinatura do único acordo que será rubricado durante a sua visita oficial de doze dias, a acta de instalação da comissão binacional encarregada de preparar as comemorações do quinto centeário do descobrimento do Brasil.

Depois desta cerimónia, que tem lugar no Palácio do Planalto, Mário Soares realiza uma conferência de Imprensa do Itamaraty, sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

À noite, o Presidente da República retribui a recepção oferecida na véspera pelo seu homólogo brasileiro, José Sarney, com um banquete que tem lugar na Embaixada Portuguesa.

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

Concurso público n.º 3-7-176/87

FORNECIMENTO DE CAMAS PARA CUIDADOS INTENSIVOS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 16 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Rua José António Serrano — Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 17 de Março de 1987.

O Chefe do Serviço
Ilídio Luís de Sousa

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6421, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Ramalhal, concelho de Torres Vedras, de uma linha aérea a 10 KV, com 384 metros, do apoio n.º 12 da linha n.º 1423 ao PT n.º 183 (DPTVD), na Vila Facaia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 17 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1219, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Vila do Rei, de uma linha aérea a 30 KV, com 1862 metros, do poste n.º 8 da linha para o Penedo Furado à subestação de Brejo Fundeiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 17 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

POLÍTICA DE RENDIMENTOS PARA 1987

O Conselho de Concertação Social, em reunião de 16 de Fevereiro de 1987, sob a presidência do Ministro das Finanças e a participação da **U.G.T.** — União Geral de Trabalhadores, da **C.A.P.** — Confederação dos Agricultores de Portugal, da **C.C.P.** — Confederação do Comércio Português, da **C.I.P.** — Confederação da Indústria Portuguesa, confirmou **a consistência das expectativas de desinflação traçadas em 1986** e congratulou-se com os resultados já alcançados pelo acordo de 29 de Julho de 1986 sobre Política de Rendimentos para 1987.

ACORDO DE 16.2.87
no seguimento do Acordo de 29.7.86

«O Conselho de Concertação Social, em reunião do Conselho Coordenador de 16 de Fevereiro de 1987, analisou o andamento das variáveis macro-económicas e a evolução recente do índice de preços no consumidor.»

«A inflação encontra-se no nível de 9,8%, medida de Janeiro de 1987 sobre Janeiro de 1986, o que reforça a credibilidade dos referenciais de 9% e 8% para a inflação anual 'esperada' nos I e II trimestres de 1987.»

O Conselho deliberou que:

1.º **«Os referenciais de *inflação 'esperada'*, a considerar nas negociações salariais cujos efeitos se produzam a partir dos III e IV trimestres de 1987, são fixados em:**

III trimestre — 7%
IV trimestre — 6%

2.º **«Caso surjam *desvios significativos* da inflação *verificada* relativamente à *esperada*, recomendará:**

a) **Se a inflação vier a situar-se em valores superiores aos fixados como referenciais de inflação esperada, haverá lugar a uma correcção correspondente à perda salarial verificada — quando superior a 1% — correcção que se traduzirá numa revisão automática do salário convencional no valor correspondente ao desvio no fim do período de vigência, independentemente da revisão salarial seguinte.**

b) **Se o desvio for negativo e em valor absoluto superior a 1% , a correcção far-se-á na negociação salarial seguinte.»**

9%	8%	7%	6%
no I.º trimestre	no II.º trimestre	no III.º trimestre	no IV.º trimestre

CONSELHO PERMANENTE DE CONCERTAÇÃO SOCIAL

MACAU PASSA A REGIÃO ADMINISTRATIVA

Portugal e a China rubricaram esta madrugada em Pequim, o acordo mediante o qual Macau se transformará, em 20 de Dezembro de 1999, numa «região administrativa especial» chinesa, com a manutenção, durante 50 anos, do sistema capitalista vigente. Gozando de «um alto grau de autonomia», a futura região de Macau contará com poderes executivos, legislativos e judiciais independentes, e os seus habitantes manterão todos os seus direitos e liberdades - referem os textos agora rubricados, após nove meses de conversações.

O acordo que devolverá à China o exercício da soberania sobre Macau foi rubricado pelos chefes das delegações oficiais que segunda-feira concluiram o processo de negociações iniciado em Junho de 1986, o embaixador Rui Medina e o vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan.

Os instrumentos diplomáticos que constituem o acordo - uma «declaração conjunta sobre a questão de Macau», dois anexos e dois memorandos - serão assinados na primeira metade de Abril, deslocando-se para o efeito a Pequim o primeiro-ministro português, Cavaco Silva, devendo posteriormente ser ratificados pelos Parlamentos dos dois países.

Numa comunicação televisiva aos portugueses, na noite de ontem, Cavaco Silva disse que «foram atingidos todos os objectivos que Portugal se propusera» nas negociações com a China.

A cerimónia de rubrica dos documentos acordados entre os dois Governos, teve lugar no Palácio do Povo, sede do executivo chinês, enquanto prosseguia, a poucas dezenas de metros, a sessão plenária da Assembleia Popular Nacional (o Parlamento chinês), que vai aprovar os textos sobre Macau.

No preâmbulo da declaração conjunta, os Governos de Portugal e da China recordam «com satisfação o desenvolvimento das relações amistosas» entre os dois Estados e os dois povos, «existentes desde o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países».

Afirmam ter chegado a acordo sobre «uma solução apropriada da questão de Macau, legada pelo passado», e adiantam que ela será «propícia ao desenvolvimento económico e estabilidade social de Macau e a um maior fortalecimento das relações de amizade e de cooperação entre os dois países».

Idêntico ao acordo sino-britânico

O acordo negociado por Lisboa e Pequim, é indentificado por observadores como «uma cópia quase fiél» dos textos que chineses e britânicos assinaram em 1984 para a transferência de soberania de Honguecongue em 1997.

Ele prevê, designadamente, a nomeação pelo Governo português de um cônsul-geral para Macau, após a transferência de poderes. A língua portuguesa poderá continuar a ser utilizada nos organismos do |Governo, no órgão legislativo e nos tribunais, enquanto a moeda actual, a pataca, continuará em circulação e convertível.

Portugal, que será responsável pela administração até 19 de Dezembro de 1999, continuará, nos termos da declaração, «a promover o desenvolvimento económico e a preservar a estabilidade social de Macau», enquanto o Governo chinês «dará a sua cooperação nesse sentido».

Os dois países decidiram ainda criar um «grupo de ligação conjunto luso-chinês», que funcionará desde a entrada em vigor dos documentos do acordo até 1 de Janeiro de 2000, tendo por objectivo «assegurar a aplicação efectiva» da declaração conjunta.

Tal como fizera no acordo com a Grã-Bretanha sobre a transferência de soberania de Honguecongue, em 1997, o Governo chinês declara respeitar em Macau, após 20 de Dezembro de 1999, o princípio «um país, dois sistemas», mantendo inalterados «os actuais sistemas social e económico, bem como a respectiva maneira de viver».

Mediante este acordo permanecem, pois, intactas as estruturas económicas de cariz capitalista existentes em Macau e a instituição do jogo, a principal fonte de receitas do território.

A declaração conjunta refere que a região de Macau poderá estabelecer relações económicas de benefício mútuo com Portugal, sendo «devidamente tidos em consideração os interesses económicos de Portugal e de outros países» no território, sendo protegidos «em conformidade com a lei» os interesses dos descendentes de portugueses.

«Manter-se-à como porto franco e território aduaneiro separado, para desenvolver as suas actividade económicas» - adianta a declaração conjunta, que refere manter-se futuramente livre o fluxo de capitais e a independência financeira da região.

Só defesa e relações externas fogem à autonomia

Macau irá dispôr de uma lei básica da região, uma espécie de constituição, que respeitará a lei fundamental chinesa, e poderá contar, além da bandeira nacional e do emblema da República Popular da China, com uma bandeira e emblema regionais próprios.

O «alto grau de autonomia» consagrado para a região de Macau apenas não se exercerá nas áreas de relações externas e de defesa, que ficarão sob a competência do Governo central, em Pequim.

O governo da região administrativa especial «poderá emitir documentos de viagem para entrada e saída de Macau».

O território definirá por si próprio - refere o acordo - «as políticas de cultura, educação, ciência e tecnologia e protegerá (...) o património cultural em Macau» e poderá manter e desenvolver relações nesse âmbito «e celebrar acordos com os países, regiões e organizações internacionais interessados».

Serão assegurados «todos os direitos e liberdades dos habitantes e outros individuos em Macau, designadamente as liberdades pessoais, a liberdade de expressão, de Imprensa, de reunião, de associação, de deslocação e migração, de greve, de escola de profissão, de investigação académica, de religião e de crença, de comunicação e o direito à propriedade privada».

A região contará ainda com um governo composto por habitantes locais, sendo o chefe do executivo nomeado pelo Governo de Pequim, «com base nos resultados das eleições ou consultas realizadas em Macau». Este chefe do Governo será quem indigita os titulares dos principais cargos públicos.

O órgão legislativo será composto por habitantes locais e constituído por uma maioria de membros eleitos.

Dos textos do acordo fazem ainda parte dois anexos, um relativo ao «esclarecimento do Governo da Republica Popular da China sobre as políticas fundamentais respeitantes a Macau», e o outro intitulado «arranjos relativos ao período de transição».

Em cada um dos dois memorandos, os últimos documentos do acordo, os Governos estabelecem, separadamente, os respectivos entendimentos sobre as questões de cidadânia dos habitantes do território.

Discursos de Rui Medina e Zhou Nan

Os chefes das delegações portuguesa e chinesa que negociaram o futuro de Macau, consideraram que os termos do acordo alcançado corresponde aos interesses dos habitantes do território e consolidam as relações de amizade entre os dois países.

O embaixador Rui Medina e o vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhon Nan, referiram também que a declaração conjunta e os outros documentos subscritos pelos dois países lançam os fundamentos para a preservação da estabilidade social, o progresso e o desenvolvimento económico de Macau, após a transferência de administração.

Os dois negociadores-chefes discursavam em Pequim durante a cerimónia de rúbrica da «declaração conjunta sobre a questão de Macau», momentos antes da divulgação dos textos acordados entre os dois governos, e que irão ser definitivamente assinados em meados de Abril.

«A declaração conjunta e os seus anexos estabelecem o esquema da transferência do exercício da soberania sobre Macau, preservando, ao mesmo tempo, a manutenção e o desenvolvimento do seu progresso e estabilidade e o fortalecimento das relações de amizade entre Portugal e a China», disse Rui Medina no ocasião.

«É-me assim particularmente grato, ao concluir estas negociações, manifestar aqui a minha convicção sincera de que o acordo agora rubricado não só se insere neste contexto como constitui um importante elemento destinado a assegurar as aspirações legíti-

---

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

Arrematação

2.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa — no dia 6 de Abril de 1987, pelas 10 horas, neste Tribunal — R. Braamcamp, n.º 5-4.º em Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados penhorados a TAIT — Transportes (Lisboa) SARL com sede na R. Diogo Couto, 1-7º Fte — Lisboa, no proc.º executivo n.º 5602/84, por divida de contribuição industrial.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao trespasse e arrendamento do 7.º andar frente do prédio sito na R. Diogo Couto, n.º 1 onde se encontra instalada a firma executada, sendo seu senhorio J. Santos & Irmão, Lda., a que se atribui o valor de 1 000 000$00.

Verba n.º 2 — 1 máquina fotocopiadora Rank Xerox 2300 c/ o n.º 210-240089 de fabrico inglês em bom estado de conservação e funcionamento a que se atribui o valor de 150 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 23 de Março/87

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Escrivão
J. Henriques

D.L. 26/3/1987

«MERCANDEX — REPRESENTAÇÕES E EXPORTAÇÃO, LIMITADA»

NOTARIADO PORTUGUÊS SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

CERTFICO

PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO

Que, por escritura de dezasseis de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e sete, exarada de folhas cinquenta e três a folhas cinquenta e cinco, do Livro Noventa e Sete-C, das notas deste Cartório, após cessão de quotas, Rui Manuel Sousa Raimundo e Maria José Belo Lopes Afonso, como únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada «MERCANDEX — REPRESENTAÇÕES E EXPORTAÇÃO, LIMITADA», com sede na Rua S. João da Praça, número noventa, rés-do-chão, em Lisboa, aumentaram o respectivo capital social de cento e cinquenta mil escudos para seiscentos mil escudos, sendo a importância do aumento de quatrocentos e cinquenta mil escudos, importância esta inteiramente realizada em dinheiro, já integrado no activo social desta sociedade, e subscrito em partes iguais por cada um deles sócios, ou seja, duzentos e vinte e cinco mil escudos por cada um, ficando cada um deles na sociedade com quotas :no valor nominal de trezentos mil escudos cada.

Que, pela mesma escritura, e em consequência do operado aumento, alteraram o artigo quarto dos respectivos estatutos, o qual ficou com a seguinte redacção:

«QUARTO

O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, é de seiscentos mil escudos, e corresponde à soma de duas quotas iguais de trezentos mil escudos, uma de cada um dos sócios, Rui Manuel Sousa Raimundo e Maria José Belo Lopes Afonso.»

Lisboa, vinte de Fevereiro de mil novencentos e oitenta e sete.

A Ajudante,
Natália de Sá Martins Braz

D.L. 26/3/87

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 7 de Abril de 1987, pelas 10 horas neste Tribunal — R. Braamcamp n.º 5-4.º — Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a TELECOL — Empresa Técnica de Equipamentos LD.ª, com sede na R. D. Estefânia n.º 155-4.º Esq.º Lisboa — Proc.º 190/85...

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Oito secretárias metálicas com o tampo em fórmica, no valor de 160 000$00.
Verba n.º 2 — Oito cadeiras de secretária, forradas a napa, sendo 4 c/braços e 4 simples, no valor de 50 000$00.
Verba n.º 3 — Uma mesa de reuniões com 2,5 m x 1 m metálica c/tampo em fórmica e 8 cadeiras metálicas forradas a napa, no valor de 30 000$00.
Verba n.º 4 — Três corpos de prateleiras Handy, no valor de 25 000$00.
Verba n.º 5 — Três armários metálicos, na marca RALL, c/prateleiras, no valor de 45 000$00.
Verba n.º 6 — Um armário ficheiro, metálico, c/4 gavetas, no valor de 5000$00.
Verba n.º 7 — Uma máquina de escrever IBM, eléctrica, no valor de 85 000$00.
Verba n.º 8 — Duas máquinas de escrever mamuais, PREDON, no valor de 20 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Março de 1987

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Escrivão
J. Henriques

«DL» 26/3/87 — 2.º Pub.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA – 1.º JUÍZO

Arrematação

1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 6 de Abril de 1987, pelas 15 horas neste Tribunal – R. Braamcamp n.º 5-4.º – Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: AGÊNCIA FUNERÁRIA GONÇALVES, Ld.ª, com sede na Calçada de Santana, n.º 183 em Lisboa, no processo executivo n.º 3 269/78.

Bens Penhorados

Verba única – O direito ao arrendamento e trespasse da loja sita na Calçada de Santana, n.º 183, em Lisboa, estabelecimento de Agência Funerária, pela qual é paga a renda mensal de 3 300$00, e o respectivo recheio constante de relação anexa no processo, a que se atribui o valor presumível de 3 000 000$00 (três milhões de escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 20 de Março de 1987

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Liq. Trib.
F. Lopes

«DL» 26/3/87 2.ª – Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

14.º Juízo
1.ª Secção
Proc.º n.º 185/85-C.I.T.

O Doutor FERNANDO JOSÉ LEAL LOUREIRO PIPA, Juiz de Direito do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª Secção deste Juízo e nos autos de acção com processo comum ordinário, que MANUEL PEREIRA RODRIGUES move contra GTR — GABINETE TÉCNICO DE REVESTIMENTOS, LDA., cuja última sede conhecida foi na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 52-1.º Dt.º, em Lisboa, e actualmente em parte incerta, correm éditos de TRINTA DIAS (30), citando a referida ré, na pessoa legal, para no prazo de DEZ DIAS (10), findos que sejam os dos éditos, que começarão a contar da segunda e última publicação deste anúncio, contestar a referida acção, sob pena de se considerarem confessados os factos articulados pelo autor.

O duplicado legal encontra-se na Secção onde poderá ser solicitado.

E para constar se lavrou o presente anúncio e outro de igual teor, que vão ser devidamente publicados.

Lisboa, 20 de Março de 1987.

O Juiz de Direito,
Fernando José Leal Loureiro Pipa

A Escrivã-Adjunta,
Ana Maria Pargana Lúcio Sousa Dias

D.L. 26/3/87-1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Proc.º n.º 216/87-I.P.

Com o presente se anuncia que pela 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Av.ª Almirante Reis, n.º 130-6.º em Lisboa e nos autos de Impugnação Pauliana, registados sob o n.º 216/87 em que é requerente ARTUR DA SILVA CRUZ e requeridas, ESQUENTADORES V.C. Lda., com última sede conhecida na Calçadinha do Tijolo, n.º 45-A Lisboa e OUTRA, e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a requerida, para no prazo de OITO DIAS, findo o dos éditos, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestar, querendo, a referida acção, sob pena de não o fazendo, o credor ter direito à restituição dos bens, na medida do seu interesse, podendo executá-los no património do obrigado à restituição e praticar os actos de conservação da garantia patrimonial autorizados por Lei, no caso de ser julgada procedente a impugnação, cujo duplicado se encontra nesta secção à disposição da requerida.

No mesmo prazo poderá fazer oposição, querendo ao pedido de assistência judiciária.

Lisboa, 20 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
João António Valente Torrão

A escriturária,
Maria de Jesus Amaral

D.L. 26/3/87-1.ª Pub.

ESPECIAL COM GRANDE AUTONOMIA

mas dos países e das populações interessadas», adiantou.

Rui Medina salientou que as conversações decorreram numa «atmosfera de harmonia e cordialidade (...) no quadro de um espírito de concertação e compromisso que permitiu resolver uma importante questão num prazo de negociações relativamente curto».

Por seu turno, o chefe da delegação chinesa referiu que «inspirados pelo espírito de compreensão e cedência recíprocas, os Governos dos dois países resolveram satisfatoriamente, através de consultas amistosas e num prazo não muito longo, a questão de Macau, legada pelo passado desde os tempos remotos».

Zhou Nan sublinhou que a declaração conjunta resolve, com êxito, «a questão da recuperação chinesa do exercício de soberania sobre Macau e, simultâneamente, lançou os alicerces para a estabilidade social e o desenvolvimento económico de Macau no futuro».

O vice–ministro chinês afirmou que «a feliz resolução da questão de Macau abriu um ampla perspectiva no sentido de consolidar e desenvolver ainda mais, e a partir de uma nova base, as relações de cooperação amígavel entre a China e Portugal».

Mensagem do Governador

Coincidindo com a assinatura do acordo, em Pequim, o Governador de Macau, Pinto Machado, enviou, a partir de Lisboa, uma mensagem à população daquele território na qual afirma que o acordo luso-chinês honra os dois países.

O resultado final a que se chegou, se analisado com objectividade e realismo, honra a República Popular da China e Portugal, pois atende às exigencias indispensáveis e que Macau prossiga a sua marcha de progresso em todos os domínios» disse Pinto Machado.

«Temos, administração portuguesa e população do território, uma dúzia de anos para, em esforço conjugado e determinado, estabelecer com solidez os requisitos indispensáveis para que a região administrativa especial de Macau, da República Popular da China, venha a corresponder, na sua constituição e na sua vivência, ao que Macau merece e tem direito e que o acordo agora lhe garante», declarou o Governador.

Pinto Machado referiu que desde a sua tomada de posse procurou, «por convicção sincera, manter e reforçar a confiança da população do território no seu futuro».

«Agora, face ao texto final do acordo sino–português, a minha confiança não fica abalada. Proclamá–lo às gentes de Macau é a fundamental razão de ser desta minha mensagem», afirmou.

Cavaco na RTP

Também em Lisboa, o primeiro–ministro, Cavaco Silva, garantiu ontem à noite, em mensagem ao país, que «foram atingidos todos os objectivos que Portugal que propusera» nas negociações com a China para a transferência da administração de Macau.

«Garantimos a nossa presença em Macau até ao ano 2000. E garantimos a continuação do sistema actualmente vigente até ao ano 2050», disse Cavaco Silva, que salientou ainda estarem «criadas condições para valorizar a nossa presença em Macau e relançar a projecção de Portugal no Oriente».

Em cerca de 1.500 palavras, o primeiro–ministro relatou o processo que conduziu ao início das conversações, «longas, e por vezes difíceis», mas que «decorreram sempre num clima de amizade, Harmonia e compreensão, e os termos do acordo, que definiu como respeitando «sobretudo as realidades do próximo século».

O que estava em causa - afirmou - era «assegurar a transferência ordenada da administração do território», salvaguardando «os legítimos interesses e expectativas dos habitantes de Macau», promover a continuidade e o reforço da presença portuguesa no Extremo Oriente e criar condições para o desenvolvimento das relações com a China.

Formosa: a próxima meta

Em menos de três anos, a China concluiu os processos negociais que lhe permitirão recuperar o poder em Hongue congue e Macau, respectivamente em 1997 e 1999, concentrando agora os seus esforços numa outra meta - a Formosa.

A rubrica hoje, em Pequim, da declaração conjunta Luso–chinesa sobre a transferência de administração em Macau, completa mais uma etapa para o grande objectivo da reunificação do país até final do século, lançado pelas autoridades chinesas ainda nos anos 70 e que tem vindo a ser metodicamente cumprido.

E ao fazer uma declaração de circunstância na cerimónia que encerrou o processo de negociações com Portugal, o vice–ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Zhou Nan, que chefiou a delegação do seu país, foi bem explicito quanto ao objectivo de Pequim.

«A resolução da questão de Macau assinala que o povo chinês deu mais um passo importante rumo à grande meta da concretização da grandiosa causa da reunificação da sua pátria dentro do presente século» - disse Zhou Nan.

O Governo de Taipé continua a rejeitar publicamente qualquer tipo de negociação aberta com vista à resolução da disputa que há 38 anos opõe os nacionalistas da Formosa ao regime comunista de Pequim, que derrotou aqueles em 1949, forçando–os a procurarem refúgio na ilha.

Além da admissão, em diversas ocasiões, de que pretendem manter o sistema capitalista e o actual estilo de vida numa Formosa futuramente regressada «à grande Pátria chinesa», os dirigentes de Pequim foram já mais longe e disseram mesmo estar presvisto um regime de maior autonomia para a ilha do que o negociado para Hongue congue e Macau.

Por outro lado, as autoridades de Pequim fizeram também já declarações peremptórias afastando totalmente a hipótese de uma utilização de força como último recurso para a recuperação da Formosa, caso se malograssem os esforços diplomáticos e a negociação.

Com estas posições, a China afastou os principais obstáculos a uma maior abertura e compreensão por parte de alguns países que se têm mostrado mais intransigente na apresiação da questão chinesa.

E até nos Estados Unidos, começaram a ser já registados indícios de alterações profundas de atitudes.

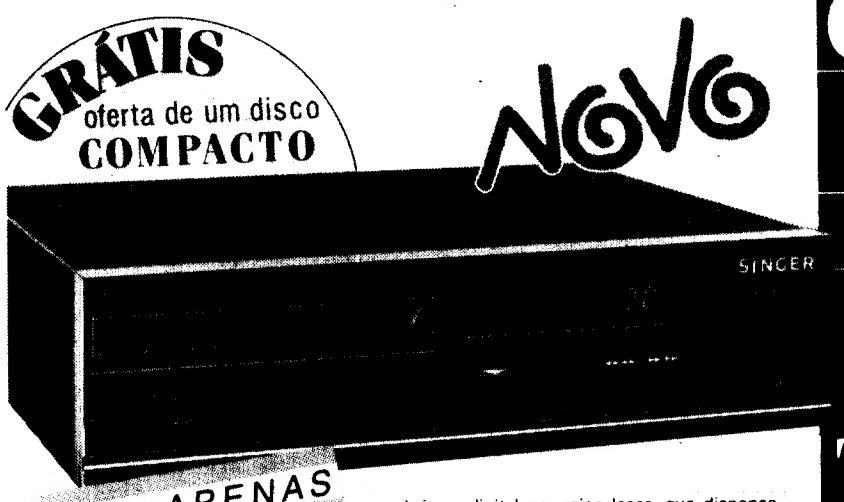
Diplomatas e observadores têm referido nos ultimos meses o crescimento de um forte «lobby» pró - Pequim no Congresso norte–americano e em várias instâncias da Administração, enquanto diminui a influência de Taipé, o que faz prever eventuais alterações na política de Washington.

O encerramento dos processos de recuperação, por Pequim, do poder nos dois territórios da costa sul deixa, pois, aberta a via para o objectivo seguinte no quadro da estratégia de reunificação da China, em relação à qual a tradicional perseverança chinesa está uma vez mais à prova.

UM ESPECTÁCULO DE SOM E IMAGEM

GRÁTIS oferta de um disco COMPACTO

NOVO



COMPACT DISC PLAYER

Conheça o fabuloso equipamento de audio Singer.

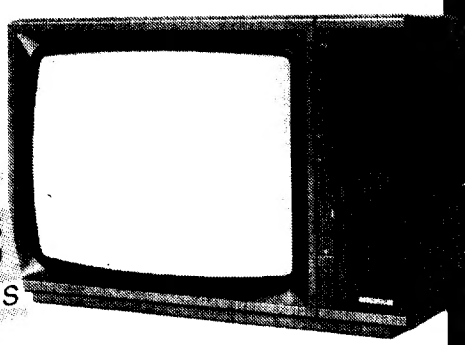
POR APENAS 2.600$ MENSAIS

- Leitura digital por raios laser, que dispensa as tradicionais agulhas e elimina totalmente os ruídos
- 16 bits lineares por canal
- Acesso a qualquer ponto do disco
- Indicador digital de mudança de faixa
- Fácil ligação a qualquer Hifi Singer e à maioria das outras aparelhagens

TELEVISOR 51 N

A alta qualidade de imagem Singer. Em autênticos prodígios da tecnologia com total garantia de assistência.

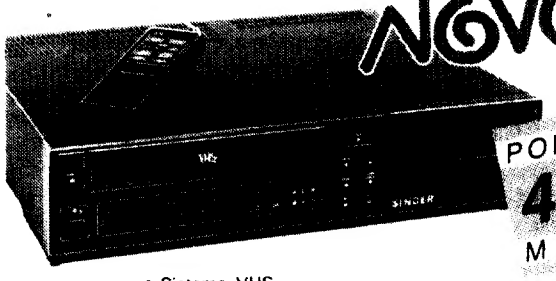
- Écran de 51 cm
- Selecção de canais pré-programável
- Antena telescópica incorporada
- Ligação para videogravador
- **Também disponível o modelo 51 NC, equipado com comando à distância**



POR APENAS 5.450$ MENSAIS

VIDEO VB 619

Adquira-os em condições únicas, que só a Singer lhe oferece! Veja quanto poupa com Singer!



NOVO

POR APENAS 4.500$ MENSAIS

- Sistema VHS
- Telecomando por infravermelhos
- Gravação pré-programável em dia e hora, até 14 dias e 6 programas, com OTR
- Possibilidade de gravação de um canal enquanto se vê outro
- Tecla de eliminação de ruído em pausa

Peça já uma demonstração na loja ou concessionário Singer mais próximo!

EHP EUROPEAN HOME PRODUCTS GROUP SINGER*

* Uma Marca de Fabrica da «THE SINGER COMPANY»

SINGER* 87 uma data de POUPANÇA

Em Monchique

JULGAMENTO DAS NOTAS FALSAS ENTROU NA FASE DE ALEGAÇÕES

A representante do Ministério Público procurou ontem demonstrar, na sétima sessão do julgamento do processo sobre falsificação de notas que decorre em Monchique, a culpabilidade dos seis réus presentes ao tribunal. Quatro dos réus confessaram até agora a sua implicação no delito de contrafacção de notas, enquanto dois recusaram em absoluto o seu envolvimento.

No período das alegações, iniciado à tarde, a procuradora da República, em Portimão, Isabel São Marcos, interveio cerca de uma hora, tentando provar estar-se perante um grupo organizado, com um plano cuidadosamente elaborado, que até à data da intervenção da Polícia Judiciária de Setúbal (23 Abril de 1986), tinha elaborado «um trabalho perfeito».

A procuradora tentou demonstrar que cada um dos réus sabia o montante que eventualmente receberia no termo da operação (150 mil contos) e que, ao contrário do que afirmaram em tribunal, nunca tiveram um propósito de desistir por alegada falta de meios técnicos e impreparação profissional.

O advogado de defesa do réu Salvador Guerreiro, (um dos dois que negou o seu envolvimento contra o que disseram os quatro réus confessos), pugnou pela possibilidade de o seu constituinte desconhecer tudo o que se passava numa vacaria de sua propriedade onde a PJ de Setúbal deteve os réus e apreendeu maquinaria e papel com a impressão de notas de mil já iniciada.

O causídico aventou a hipótese de «um grupo mais ou menos organizado ter-se aproveitado da ingenuidade e boa-fé» do réu Salvador Guerreiro.

O advogado afirmou que o processo em julgamento «deixa muito a desejar na fase de instrução» mencionando declarações de alguns dos réus, segundo as quais os seus interrogatórios na Polícia Judiciária teriam sido feitos, quer sob tortura quer sob ameaça de sevícias.

O causídico manifestou estranheza pelo facto de o indivíduo de apelido «Leal», citado a miúudo no julgamento como peça importante no processo, ter sido indentificado nos autos, ouvido e, após isso, «ser mandado em paz».

A propósito referiu que a Polícia Judiciária interveio no local de Monchique, onde o grupo se encontrava, um dia depois de um dos réus ter comunicado «ao senhor Leal», pelo telefone, a intenção de desistirem do fabrico de notas falsas.

Uma carta do juiz Norberto de Brito Câmara

Do juiz Norberto José Araújo de Brito Câmara, presidente do Tri bunal que julga o caso das notas falsas, a decorrer em Mon chique, recebemos o seguinte esclarecimento:

«Na edição do dia 19 do vosso jornal, na notícia sobre um julgamento a que presido em Monchique, a dado passo diz–se: «Contrariando a autorização que fora dada pelo presidente do Tribunal da vila de Monchique, Norberto Brito Câmara, o juiz Joaquim Cardoso opôs–se a que fossem tiradas quaisquer fotografias, dentro ou fora do tribunal, e ameaçou o repórter...».

Julgo que a vosssa notícia tem este teor por desconhecimento da génese do acontecimento.

Estamos a fazer o julgamento em questão numa sala gentilmente cedida pela Casa do Povo e não numa sala de audiências do Tribunal Judicial porque este, em face do grande número de pessoas que intervêm, seria demasiado pequeno para as comportar. Só por esta razão estamos ali a efectuar o julgamento.

Assim sendo somente dentro daquela sala tenho poderes de disciplina de audiência, isto é, de dirigir os trabalhos que se realizam.

No intervalo das 12 e 30, ao sair, eu, da sala, ainda dentro da Casa do Povo, sozinho, um senhor repórter da Lusa que se me apresentou como tal perguntou–me se podia tirar uma fotografia lá fora. Eu respondi–lhe que sim que o podia fazer. Pensei para mim que o repórter iria tirar uma fotografia ao edifício onde se estva a realizar o julgamento ou outra foto do mesmo género.

Simplesmente, ao que vim a saber mais tarde, o senhor repórter deve ter suposto que eu o autorizava a fazer fotografias aos réus quando estes iam a caminho do carro prisional.

Daqui segundo soube, porque não assisti, resultou um desaguizado que envolveu várias pessoas já que os réus não queriam ser fotografados.

Como o senhor repórter não me perguntou se eu autorizava a fotografar os réus julgo que não se pode verdadeiramente afirmar que o meu colega Juiz Joaquim Cardoso contrariou a minha autorização...

Se me tivesse passado pela cabeça que a fotografia era dos réus e uma vez que a mesma teria lugar fora da sala de audiências claro está que eu teria simplesmente dito ao senhor jornalista que o exterior da sala de audiências já eu não tinha poderes de que falei atrás e assim o problema não me diria respeito enquanto Juiz -Presidente daquele Tribunal Colectivo.

Como disse, nunca pensei que o objectivo do fotógrafo fosse fotografar os réus e que ele pensasse que eu é que tinha de dar ou negar autorização para isso, até porque o senhor repórter da Lusa ou mesmo qualquer outro não me ouviram recusar qualquer pedido de fotografia dentro da sala pela razão simples de que tal pedido não me foi feito.

Aliás os senhores jornalistas que têm estado presentes ocupam quando querem uma fila de cadeiras que tem estado vaga, em parte por causa disso, por eu ter determinado, para melhor assistirem à audiência, pois me apercebi que tinham dificuldade em obter lugares dentro da sala.

O meu colega disse–me que supunha que eu não tinha dado autorização para fotografar os réus (na realidade ele não me vira dar qualquer licença para isso) e, na intenção de fazer respeitar a minha (presumível) ordem, entendeu dever fazê–la respeitar.

Como não gosto de ver o «Diário de Lisboa», jornal que leio desde muito jovem com agrado, publicar, embora inadvertidamente, creio, uma incorrecção, solicito (...) uma breve explicação».

Norberto José Araújo de Brito Câmara

Nota da Redacção: A notícia em causa foi veiculada pela agência Lusa, ao serviço da qual se encontrava o repórter aue esteve no centro do conflito. Mas o esclarecimento aqui fica, certamente até com interesse, como explicação, para o jornalista que inexplicavelmente para ele e na altura se viu impedido de cumprir a sua missão, como a lei lhe faculta.

"Setúbal connection" ainda sem data para julgamento

«O processo relativo ao caso de contrabando conhecido por «Setúbal Connection» encontra-se desde a Páscoa de 1986, no Tribunal da Relação de Évora», disse à Agência Lusa o juiz Germano da Fonseca.

Segundo o magistrado, «dois dos réus recorreram para o Supremo Tribunal de Justiça».

«Os mandados de captura estão suspensos, mas serão accionados quando o processo regressar ao Supremo» disse o juiz do processo.

O processo conhecido por «Setúbal Connection» foi iniciado em 1984 com o julgamento do camionista espanhol, Ezponda Iarola, condenado a 14 meses de prisão por transporte ilegal de tabaco. Do processo fazem parte 34 presumíveis implicados um dos quais já falecido.

«Em termos de tempo, não posso referir quando poderá ser o julgamento. Pessoalmente estou convencido de que ele se realizará, mas como não há limite de tempo não se podem apontar datas», adiantou.

Questionado sobre um novo enquadramento do processo, à luz do novo Código de Processo Penal, o magistrado disse que «ainda não foi analisado o processo sob esse aspecto, pelo que ainda não sei se a nova lei processual poderá introduzir alterações. Aguardo decisão do Supremo Tribunal de Justiça».

Preso engajador que ludibriava emigrantes para os EUA

A Polícia Judiciária deteve um indivíduo, natural de Alcoentre, que conseguiu «arrecadar» desde 1985 «alguns milhares de contos» a dezenas de candidatos à emigração para os Estados Unidos — anunciou o gabinete de Imprensa da PJ.

Segundo o gabinete de Imprensa, o indivíduo em questão, «fazendo-se passar falsamente por agente da Políia Judiciária reformado por acidente em serviço, terá cobrado a candidatos à emigração para os Estados Unidos da América importâncias em dinheiro na ordem dos 150 a 250 contos».

«A actividade criminosa terá tido início no Verão de 1985 — informou a Polícia, sublinhando que o eventual engajador para actuar junto das pessoas alegava ter «fortes conhecimentos junto da Embaixada daquele país, por ali ter desempenhado, funções policiais nos respectivos serviços de segurança», o que não corresponde à verdade.

A PJ frisou que «não tinha qualquer tipo de influência junto dos serviços americanos, só sendo concedidos vistos de entrada nos EUA a quem estivesse, de facto, em condições de os obter».

A Judiciária informou ainda que a partir de Outubro de 1986, «o suposto engajador começou a levar para o Brasil os indivíduos que não conseguiam as autorizações necessárias em Lisboa, com a promessa de que, naquele país, 'tudo seria mais fácil', para o que contaria com a ajuda de outros cidadãos portugueses e também brasileiros», mas os candidatos a emigrantes tiveram de regressar a Portugal a suas expensas.

Morreu o artesão baleeiro Othon Silveira

Um dos mais conhecidos artesãos de osso e dente de baleia, Othon Silveira, morreu terç-feira à noite na sua casa do Faial, nos Açores, acometido de doença súbita, disse a família.

Othon Silveira tinha 46 anos e há 20 que se dedicava a fazer obectos em osso de baleia: miniaturas de moinhos típicos, mulheres de pote, canoas, marinheiros e outros motivos da etnografia local.

Estadistas, embaixadores e artistas passaram pela sua oficina, para ver e adquirirem peças do artesão, que decorou o interior do iate «Jessica» do multilionário argentino Carlos Perdomo.

A actividade deste artesão, cuja oficina figurava nos roteiros de algumas agências de viagens, foi objecto de reportagens publicadas em diversas revistas estrangeiras.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

As complicações diplomáticas do nosso país conheceram hoje novo desenvolvimento. E é de crer que não ficaremos por aqui.
Como se sabe, encontra-se em Portugal uma delegação dos países árabes, com os quais, por motivos petrolíferos e não só, nos interessa basto estreitar relações. Está em jogo, segundo se diz um investimento em petrodólares na ordem das centenas de milhões de contos.
A fim de obsequiar os nossos ilustres visitantes, o itinerário compreendia a Mata do Buçaco, para onde foram transportados de helicóptero para se fugir ao espectáculo do vinho e do leitão da Bairrada.
Daí, dirigiram-se para a capital do Norte, onde lhes serviram um Porto de Honra com água mineral. Partiram depois para Évora, onde vibraram com a influência astral das suas raízes. Dois dias depois seguiram para Faro e Silves.
Aqui estalou a bronca. A delegação recebeu ordens dos seus governos para cancelarem essa visita!
Começaram duras negociações entre o Governo de Lisboa e os governos árabes. Estes opinavam que tal visita devia cancelar-se «pois nenhum país árabe, até hoje, reconheceu a anexação, pelo Governo português, do Reino dos Algarves». Apresentaram documentos históricos comprovativos de que tal anexação se processara de maneira inaceitável para o mundo árabe e que, passem os séculos que passarem, «quem não se sente não é filho de boa gente».
Segundo a nota dos governos árabes, assistiu-se, de facto, a uma anexação e não de uma assimilação, apresentavam como prova o título que a si próprios davam os reis de Portugal: primeiro, «Rei de Portugal **e dos Algarves»;** *mais tarde, «Rei de Portugal* **e dos Algarves,** *d'Aquém e d'Além Mar, senhor da Guiné, disto e daquilo».*
Os povos árabes não podiam pois visitar uma província tão valiosa, ilegalmente mantida pelo Estado português.
Estavam, porém, abertos ao diálogo, desde o que o Governo português concordasse no lançamento de **pipe-lines** *para a conduta de água do Luso através dos desertos.*
Resultado previsível: aumento de preço do precioso líquido...

Vaga de assaltos continua

ESCOLA SECUNDÁRIA DE TELHEIRAS PODE FECHAR EM ABRIL

A vaga de assaltos que tem assolado a Escola Secundária de Telheiras podera levar ao encerramento daquele estabelecimento se, até ao fim do corrente mês, não for ali colocado mais um guarda da PSP.

«Vamos convocar uma Assembleia Geral no inicio de Abril, na primeira semana, e se até lá não forem tomadas as medidas de policiamento necessárias, vamos propôr o encerramento da esacola», declarou esta manhã ao «DL» José Aráujo, da Associação de Pais da Escola Secundária de Telheiras.

Como atempadamente noticiámos, a onda de assaltos, alguns com agressões fisícas a alunos, nos acessos aquele estabelecimento escolar, levou já por diversas vezes a Associação de Pais a alertar as autoridades policiais e o Ministério da Educação para a necessidade de reforçar o policiamento, até agora a cargo de apenas um guarda da Policia de Segurança Pública que tem, como missão, proteger uma Escola Primária, uma Secundária e o Colégio Alemão...

«Anteontem, foram assaltados mais dois alunos, um dos quais foi agredido», declarou José Araújo, e esta terá sido a gota de água que levou a Associação de Pais a considerar a hipótese do encerramento da escola, depois de ter feito uma campanha junto da Imprensa e de ter diligenciado junto do Ministério da Educação, da esquadra de Telheiras e do Comando Distrital da PSP.

No entanto, todas as moções aprovadas e enviadas não se traduziram em resultados palpáveis. «A esquadra de Telheiras da Policia de Segurança Pública devolveu a moção, porque não estava assinada», referiu o porta-voz da Associação de Pais.

Alunos ameaçam com greve

A continuidade dos assaltos levou a que os alunos, «numa atitude de auto-defesa que os pais não conseguem controlar, passassem a trazer para a escola navalhas ou canivetes, o que a qualquer momento pode causar problemas», prosseguiu José Araújo.

A Associação de Pais da Escola Secundária de Telheiras tem contado com a solidariedade do Conselho Directivo, que, segundo Isabel Miranda, tem posto o problema várias vezes ao Ministério da Educação.

«Deslocámo-nos à Delegação Distrital de Lisboa do Ministério da Educação e dado que tinha havido notícias nos jornais, conversámos sobre o assunto da segurança», prosseguiu aquele membro do Conselho Directivo, adiantando que «marcaram-nos uma audiência e o responsável do Departamento de Segurança do Ministério disse-nos que ia tentar ultrapassar esta situação».

No entanto, nada foi resolvido, e «ontem os alunos manifestaram-se de uma forma mais marcante, dizendo que iam fazer greve, e à hora de almoço foram protestar junto da esquadra da Policia de Seguranca Pública da PSP».

Feira Popular abre amanhã: é a alegria das crianças e custa 60 escudos ao adulto

A Feira Popular de Lisboa abre amanhã com algumas alterações em realação ao certame de 1986: um novo palco na Praça das Novidades (onde se apresentarão os melhores artistas portugueses), a promoção de interesses regionais e turísticos e um circuito entre estátuas, em bicicletas, para ciclistas profissionais. Em tempo de mudança, a única diversão lisboeta ao alcance das bolsas populares, ensaia algumas inovações e aposta na renovação. Uma delas é o custo da entrada, agora elevado para 60 escudos. As crianças até aos doze anos — como sempre entram de borla.

O certame foi ontem apresentado no restaurante «Lobos do Mar», tendo na circunstância Júlio César afirmado em nome da organização que os «melhores nomes da canção e os artistas mais populares» actuarão em Entrecampos, num palco que não foi construído antes devido ao mau tempo, mas que amanhã, sexta-feira deverá já estar operacional. Fonte ligada à organização acrescentou ao «DL» que o cançonetista Fernando Pedro tem a seu cargo a contratação dos artistas e que um dos primeiros a actuar ali deverá ser Alexandra. António Sala é outro nome em agenda, bem como Marco Paulo e Janita Salomé.

Como se disse, e em conformidade com as características populares do certame, pelo palco da Praça das Novidades passarão vários artistas nacionais. Além dessa novidade, outras se perfilam, como sejam a realização de concursos, passatempos e sorteios semanais, bem como um projecto de colaboração com a RTP alusivo ao 30.º aniversário desta, do tempo das suas emissões experimentais.

A colaboração das Câmara Municipais de Lisboa e Cascais, Juntas de Turismo e outras entidades para promoção de interesses regionais e obviamente turísticos vem incutir ao certame outro atractivo, do mesmo modo que a eventual presença de Carlos Lopes e Rosa Mota na direcção da maratona de atletismo entre S. Pedro do Estoril (Colónia Balnear Infantil) e Lisboa (Feira de Entrecampos). Enfim: a organização cuidou de montar a Feira deste ano à medida da sua importância, porque entrou agora no seu 45.º aniversário que comemorará até 5 de Outubro, data prevista para o seu fecho — como sempre.

Quase meio século

É quase meio século de uma obra que nasceu no velho parque de Palhavã e tem por objectivo último a criança, desde a feira propriamente dita à Colónia Balnear de S. Pedro do Estoril que começa a pedir obras, previstas para este ano. Uma obra que recolhe do parque de diversões as suas dotações orçamentais para continuar a valer aos que a frequentam e dela precisam. A título de curiosidade, adianta-se que a dotação que a Colónia recebeu da Feira em 1985 foi de 26 500 contos, montante na altura insuficiente para o seu projecto de actividades.

A Feira de Entrecampos continua associada à Colónia Balnear, que Pereira da Rosa criou há sessenta anos, mas estendeu os seus «tentáculos» à própria cidade, inserindo-se nos seus hábitos, costumes e predilecções. E muito espera dela, para cumprir essa sagrada missão que a liga à Colónia Balnear Infantil, «permitindo que milhares e milhares de crianças, das classes mais desfavorecidas, dela beneficiem actualmente», frisou António Tabuada, em nome da organização, ao «DL».

A Feira Popular é já um cartaz. Apesar da indefinição que se mantém quando ao seu futuro — indefinição essa momentaneamente esquecida —, ela voltará a ser, entre amanhã e 5 de Outubro, o que ao longo dos últimos 45 anos tem sido: ponto de encontro dos lisboetas e de muitos outros milhares de visitantes vindos de todos os pontos do País. Em média, cerca de dois milhões nos últimos anos.

Não se sabe que "cheiros são estes"

POSTO MÉDICO DO CACÉM FAZ DESMAIAR OS DOENTES

Desmaios de doentes dentro do próprio Posto Médico do Cacém (uma extensão do Centro de Saúde de Mira-Sintra, apesar de naquela freguesia viverem cerca de setenta mil pessoas) determinaram esta manhã o seu encerramento até 2.ª-feira. Os utentes dos seus serviços que hoje ali se dirigiram depararam — como o repórter — com um «recado» afixado na porta principal: «O Centro de Saúde está encerrado até 2.ª-feira, às 9 horas».

O mesmo aviso recomenda que para «os casos urgentes» as pessoas se dirijam ao SAP de Algueirão ou ao banco do Hospital de Sintra, conforme os casos. Para pensos e injecções deverão encaminhar-se para o Centro de Mira-Sintra, para «onde foram transferidas quase todasas especialidade que antes aqui havia», frisa um do seus doentes, Augusto Pinho.

Ele foi um dos muitos que esta manhã se dirigiram para o Posto de Saúde do Cacém, sem saber que estava encerrado devido a algumas anomalias qe ali têm ocorrido nos últimos tempos. Ontem verificaram-e perturbações ainda maiores, havendo pessoas que desmaiaram. Face ao agravar da situação, os seus responsáveis comunicaram o facto à Adinistrção Regional de Saúde de Lisboa e fecharam os serviços.

«Sem que em termos técnicos se saiba o que se passa, ninguém aqui fala», disse-nos, do interior do rés-do-chão — separada do jornalista por uma janela e uma grade a proteger os vidros —, a dra. Casinha, tal como a identificou um dos utentes do post. Evitando considerações de pormenor sobre o caso,a mesma médica disse ao «DL» que estavam à espera de responsaveis da Administração Regional de Saúde de Lisboa, razão por que o posto, a escassos quilómetros da estação do Cacém e de fácil acesso aos seus cerca de 70 mil habitantes, se encontra fechado. Adiantou-nos ainda que sobre a questão aguardavam os exames pedidos ao Instituto Ricardo Jorge e ao delergado de Saúde da zona.

Não há, por ora, explicação convincente sobre esta «anormalidade», mas sabe-se que as pessoas se sentem mal e/ou desmaiam devido aos maus cheiros que infestam os três pisos do moderno posto médico do Cacém, onde ao princípio da manhã centenas de pessoas se concentraram, manifestando o seu desagrado. Ignoravam que o posto não abriria hoje, muito embora todos estivessem informadas dos problemas de saúde provocados nos seus serviços — elas que justamente ali se dirigem para tratar da sua saúde.

Augusto Pinho foi lá esta manhã para pedir uma credencial para a mulher, que precisava de se deslocar, amiudadas vezes, ao Hospital de Santa Maria, onde anda em tratamentos fisioterápicos, mas não o conseguiu. O seu problema era o transporte, porque com a credencial viajaria, com a esposa, na ambulância dos Bombeiros Voluntários do Cacém. «Se apanho aqui a ministra da Saúde arranco-lhe os cabelos, porque andam todos a brincar com a saúde da gente», disse num momento de maior exaltação.

Maria Leonor Rosa Zibeira apareceu no posto porque teve, há dias, um esgotamento, necessitando, também com insistência, de medicamentos para se tratar. Conforme chegou assim foi: de mãos a abanar, sem receita médica, porque nenhum dos nove médicos de «banco» esta semana, a pôde atender.

Insucesso escolar tem raiz eminentemente política

ESCOLA TRATA DE MODO "EXTERMINADOR" ALUNOS COM DIFICULDADES

Manuela Alves
nosso enviado especial

O insucesso escolar bem como o sucesso têm que ver com problemas de raiz eminentemente política. Fazer da escola portuguesa uma escola de sucesso passa pela política de um governo, e não só por um Ministério e não só pelos intervenientes parcelares do processo educativo.

Esta verdade foi reconhecida e repetida várias vezes no decurso do painel com que ontem encerrou em Coimbra o colóquio sobre insucesso no ensino obrigatório.

A primeira pessoa a afirmá-lo foi mesmo um ex-membro do goerno, Santana Castilho, componente da equipa que, tendo à frente o prof. Fraústo da Silva, regeu os destinos do Ministério da Educação.

Santana Castilho, aliás, reportando-se a essa experiência «governamental», fez algumas revelações interessantes. A propósito de má gestão, por exemplo, afirmou que em 1982 o Ministério da Educação pagava à RTP pelas emissões da Telescola 780 contos diários. O Instituto de Tecnologia Educativa produzia os filmes e entregava na RTP a respectiva cassete. Aquele montante dizia, portanto, respeito, exclusivamente, à transmissão, o que levou o então subsecretário de Estado a propor ao governo a atribuição de um canal próprio ao Ministério da Educação. A ideia foi posteriormente adulterada e acabou por «ficar no tinteiro».

Santana Castilho acrescentou que inpendentemente da tomada de medidas de fundo há medidas de carácter administrativo que podiam ser aplicadas de imediato se houvesse «coragem e vontade politica, para vencer o insucesso escolar.

Considerou como área fundamental de intervenção, visando uma reforma do sistema educativo, a educação pré-escolar, cujo nível de atendimento em Portugal é, disse, «miserável».

Apontou como medidas de carácter administrativo susceptíveis de resolver problemas graves, a adopção de programas muito mais curtos em substituição dosprogramas escolares pesadíssimos, muitas vezes concebidos por funcionáris burocratas do Ministério da Educação, que nunca tiveram experiência pedagógica.

Apontou também a adopção de modelos alternativos nos anos e opetência, pois nada garane que para um aluno que não teve aproveitamento num ano, haja aproveitamento no ano seguinte com o mesmo programa.

Defendeu que onde há escolas desaproveitadas não devem ser construídos mais estabelecimentos de ensino. «Este país não precisa de mais escolas — afirmou polemicamente. — Precisa de mais qualidade de ensino e melhor gestão».

Referiu-se finalmente ao perfil do professor. O grande contingente da classe não está vocacionada para a docência, nem adequadamente formada. «Todos sabemos que o Ministério da Educação não tem meios para fazer a formação certa de todos os professores que estão no sistema e não a têm», afirmou, concluindo que é então preciso investir na formação inicial.

Escola está organizada para o insucesso

A questão do insucesso ou sucesso releva da generalização do acesso de novas camadas à escola, salto quantitativo que em Portugal se verificou na década de 60. Este ponto de vista foi defendido por Licínio Lima, assistente de Ciências da Educação da Universidade do Minho e responsável pelo departamento de Educação de Adultos da mesma Universidade.

A escola não se adaptou a essas camadas com outro estatuto social e funciona com um modelo altamente selectivo.

«A escola portuguesa está organizada para o insucesso», afirmou, dando a seguir três causas: centralização e rigidez de um modelo curricular não acompanhamento dos alunos e não continuação dos professores e das turmas.

Estamos perante contingentes de alunos que se insucedem repetidamente — prosseguiu. Mas a que insucesso nos referimos?

Sabendo que o fenómeno educativo se compõe de três vertentes — a instrução, socialização e estimulação ao falarmos de insucesso referimo-nos à instrução.

«Mas estamos também a insucedê-los nos outros aspectos», acrescentou, citando como exemplo da não socialização dos alunos, o facto de eles não aprenderem a prática democrática. Citou como exemplos a recusa de alunos de participar em órgãos eleitos ou sequer em realizar eleições. Quanto à estimulação comentou «quão difícil é estimular o espírito criativo, o espírito crítico, quando a instituição predomina em termos académicos, em termos curriculares».

Mas a escola segrega, pelo insucesso, em maior percentagem, os alunos provenientes das camadas de baixo nível socioeconómico e cultural. Qual a posição da escola como instituição? A reprovação. E que possibilidades dá ao aluno depois de reprovação? A repetência. Mas em termos pedagógicos nada nos garante que o que correu mal num ano corra bem no ano seguinte. Garante-se — porque a experiência o demonstra — que quantas vezes mais um aluno reprova, mais vezes volta a reprovar, acabando no abandono do sistema. Logo, «a escola trata de maneira exterminadora os alunos com dificuldades».

Para ultrapassar esta situação, Licínio Lima defendeu não a substituição do actual modelo escolar por outro, à maneira pombalina ou napoleónica, porque impossível hoje em dia, mas a adopção de uma «matriz de modelos». A orientação global deve permitir uma adaptação — por cada escola, o que implica uma maior flexibilidade do sistema e maior autonomia da escola.

A realização do colóquio permitiu, pelo menos, uma conclusão: os professores, de todos os graus de ensino (raras vezes como esta têm tido oportunidade de se reunir sem barreiras ou compartimentos), estão conscientes de que a situação tem de mudar e que a escola portuguesa tem de passar a ser a escola de sucesso.

Clube Português de Imprensa

Prémios de Jornalismo/86

Prémio de Reportagem — **valor 300 000$00**

Prémios de Foto-Reportagem — **valor 150 000$00**

Apoios — **EPNC, PRESSELIVRE, RENASCENÇA GRÁFICA, SOJORNAL, PROJORNAL, EMPRESA DO JORNAL NOTÍCIAS SARL, INTERPRESS, VASP, IMPRENOVA, SELECÇÕES DO READER'S DIGEST, DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Prémio Europa — **valor 500 000$00**
1 viagem a Bruxelas com visita à sede da CEE
Edição em livro do trabalho premiado

(Texto original sobre a adesão de Portugal às Comunidades, com o mínimo de 120 páginas dactilografadas)

Apoios — **CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS E COMUNIDADES EUROPEIAS**

Prazo de entrega — **31 de Março**

Prémio Ensaio — **valor 250 000$00**

(Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas)

Apoio — **PRESSELIVRE**

Prazo de entrega — **31 de Março**

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO
DE 1.ª INSTÂNCIA
DE LISBOA – 1.º JUÍZO

Arrematação
1.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 6 de Abril de 1987, pelas 15 horas neste Tribunal – R. Braamcamp n.º 5-4.º – Lisboa, vão à praça os bens abaixo indicados, penhorados a SINIA — Sociedade Geral de Investimentos para Comércio Indústria, SARL com sede na Av. António Augusto de Aguiar, 148-8.º Lisboa, proc.º executivo n.º 2750/82 e AP.

Bens Penhorados

Verba n.º 1 – Dois arquivos metálicos para plantas, um ficheiro c/4 gavetas e 2 pequenos c/2 gavetas, 2 secretárias metálicas forradas a medeira, 2 mesas para telefone, 2 cadeiras de rodízio e 2 cadeirões, tudo no valor de 40 000$00.

Verba n.º 2 – Uma estante em madeira, estilo inglês, 1 mesa de reuniões em madeira, 6 cadeiras c/armação em ferro, forradas a napa; uma cadeira de rodízio; 1 cadeirão e 1 mesa para telefone, tudo no valor de 20 000$00 (vinte mil escudos).

Verba n.º 3 – Três cadeiras de rodízio; 3 secretárias metálicas sendo 2 c/ o tampo forrado a madeira; 1 ficheiro metálico c/2 gavetas, no valor de 15 000$00.

Verba n.º 4 – Uma máquina de contabilidade marca OLIVETTI AUDIT – 1513, c/ o n.º 525218; uma máquina de contabilidade marca ASCOTA s/referência, no valor de 30 000$00.

Verba n.º 5 – Uma máquina de escrever, eléctrica, marca IBM c/ o n.º 238104; uma máquina de calcular OLIVETTI s/ n.º visível; uma máquina de calcular OLIVETTI LOGOS – 245, no valor de 10 000$00.

Verba n.º 6 – Uma máquina de escrever marca IBM c/ carreto normal, c/ o n.º 209334; uma ventoinha marca S & P c/ o n.º 190825, no valor de 5 000$00.

Verba n.º 7 – Quatro aparelhos de ar condicionado, marca JORK, no valor de 20 000$00.

Verba n.º 8 – O direito ao trespasse a arrendamento e respectiva instalação eléctrica da fracção letra «Z» a que corresponde o 7.º andar, porta B, do prédio sito na Av.ª Ant.º Augusto de Aguiar n.º 148 – Lisboa, sendo senhoria a Comp.ª Construtora Módelo, Ld.ª, sendo paga a renda mensal de 7 200$00, no valor de 1 900 000$00.

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores das credores preferentes.

Lisboa, 20 de Março/87

O Juiz de Direito
João Cordeiro Dias

O Escrivão
José Henriques

«DL» — 26/3/87 — 2.ª Pub.

Luta pela definição das carreiras docentes

PROFESSORES EM GREVE DE DOIS DIAS

De acordo com dados divulgados pela Fenprof às 10 horas desta manhã, o ensino primário era o sector que registava maior percentagem de adesão à greve hoje iniciada. Em vinte e cinco escolas do ensino primário, na sua maioria situadas fora do concelho de Lisboa, 16 registavam uma percentagem de adesão de 100 por cento; uma de 94,4 por cento, duas de 80 por cento, três 75 por cento, uma de 64 por cento, outra de 55,5 por cento e outra com 50 por cento de adesão.

Em sete postos do Ciclo Preparatório TV, seis paralisaram a 100 por cento e um a 60 por cento.

Em seis escolas preparatórias, a percentagem de adesão oscilou entre 50 a 87 por cento e em quatro escolas do ensino secundário a percentagem de adesão situou-se entre os 56 e os 100 por cento.

Com a greve de hoje e amanhã, os professores lutam pela definição das carreiras docentes, estabilidade e garantia de emprego e formação de qualidade.

Apesar de nalgumas localidades da região centro terem sido arrancadas as faixas da Fenprof a anunciar a greve, de terem sido lançados diversos boatos e de o Ministério da Educação e Cultura ter marcado para hoje e amanhã reuniões com os professores, há indícios de que esta greve tem grandes possibilidades de ser um êxito.

Ontem, no final do colóquio sobre «Insucesso no ensino obrigatório», que reuniu no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, cerca de 800 participantes, a esmagadora maioria dos presentes ostentava autocolantes anunciando a greve.

Também quando, ao encerrar os trabalhos, o presidente do Sindicato dos Professores da Região Centro, Linhares de Castro, referiu a jornada de luta como o corolário natural das reinvindicações e descontentamento dos professores em relação à tutela, a ovação com que essas palavras foram acolhidas não deixou dúvidas quanto ao espírito que reina na classe.

O processo de discussão do estatuto da carreira docente foi iniciado com o MEC, nomeadamente com o actual secretário de Estado da Administração Escolar, em 1984, devendo o MEC publicar o estatuto até 14 de Outubro próximo, de acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo.

Segundo se sabe, o Ministério da Educação e Cultura, pretende apresentar aos sindicatos um anteprojecto de estatuto da carreira docente no início do terceiro período. Isto significa, na prática, que depois de desperdiçar oito meses, visto que a Lei de Bases foi aprovada na Assembleia da República a 24 de Julho de 1986, o MEC prepara-se para desperdiçar mais dois. Desse modo, sublinha a FENPROF, restariam apenas «Maio, Junho, Julho, Agosto e parte de Setembro, para negociação de uma matéria que é decisiva para o futuro dos professores e da educação».

Amanhã escolas «mais paralisadas»

Uma outra greve anunciada para amanhã deixará as escolas ainda «mais paralisadas», se possível. Trata-se da greve dos funcionários do ensino não superior pela aprovação de um novo regime jurídico que reestrutura as carreiras de 45 para 40 horas.

Em conferência de Imprensa, o dirigente Luís Costa, da Federação dos Sindicatos da Função Pública, disse que o respectivo decreto, negociado ao longo de 15 meses com o Ministério da Educação, e que deveria ter entrado em vigor em Janeiro, ainda não foi aprovado em Conselho de Ministros.

A não ser publicado o novo regime, o número de contratados a prazo passará dos 7000 actuais para os 9 ou 10 mil, com a entrada em funcionamento de 27 escolas, cuja abertura está prevista para o próximo ano lectivo.

Carreira hospitalar

Concurso para chefes de serviço afasta um milhar de médicos

Mais de um milhar de médicos da carreira hospitalar, que há anos aguardam a abertura de um concurso para se habilitarem a chefes de serviço da carreira hospitalar, deparam agora com «uma medida ilegal, discriminatória e vexatória» — afirma o Sindicato dos Médicos da Zona Sul.

Todos eles são excluídos à partida do concurso aberto pelo Ministério da Saúde em 13 do corrente e cujo prazo de candidatura termina em 2 de Abril próximo. Inicialmente supôs-se que se poeriam candidatar, mediante prestação de provas, todos os assistentes hospitalars com pelo menos cinco ano de exercício correspondente a esse grau.

Afinal, «mais de um milhar de médicos — refere o SMZS — da carreira hospitalar que há anos aguardam a abertura daquele concurso» enfrentam o que o órgão da classe define como «medida ilegal, discriminatória e vexatória».

Dada a gravidade da situação, que o Sindicato considera de «consequências imprevisíveis», haverá amanhã à tarde uma reunião com os jornalistas, na sede do Sindicato, de modo a que a opinião pública possa avaliar os resultados desta «bomba».

«A onda de indignação que se vive nos hospitais, determinada pelos termos de abertura do concurso para habilitação de chefe de serviço da carreira hospitalar, despoletou a mais grave crise institucional desde a militarização dos hospitais centrais de Lisboa no início dos anos 70, mas agora a nível nacional», adverte o Sindicato dos Médicos da Zona Sul.

PRD da Guarda contra estatuto do eleito local

A distrital da Guarda do Partido Renovador Democrático condenou a proposta de estatuto dos Eleitos Locais apresentada pela Associação Nacional dos Municípios Portugueses.

Em comunicado, os renovadores democráticos referem que «se não compreende que os presidentes dos Municípios passem a auferir vencimentos e gratificações da ordem dos 250 contos mensais, por eles reclamados».

«Isto ocorre», sublinha o texto, «numa altura em que «uma instituição tão independente como a Caritas nos declara que um terço da população portuguesa vive em pobreza absoluta».

O PRD da Guarda discorda, ainda, que o tempo de serviço prestado pelos presidentes de Câmara seja «contado a duplicar» e chama a atenção «para a disparidade chocante entre os dinheiros arrecadados por um presidente do Município e o ridículo subsídio proposto para um presidente de Junta de Freguesia».

PINTO ALVES & PEREIRA, LDA.

Certifico que, por escritura de 15 de Dezembro corrente, lavrada de fl. 35 v.° a fl. 37 do livro n.° 37-H do 5.° Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Maria Adília Borges Tristão, Manuel de Almeida Pinto Alves, casado, António Francisco Pereira e Jaime de Madureira Vieira, ambos solteiros, maiores, como únicos sócios que ficaram sendo da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada Pito Alves & Pereira, Lda., alteraram parcialmente o seu pacto social, substituindo os artigos 3.° e 5.°, os quais passaram a ter a seguinte redacção:

3.°
O capital social é de 100 000$, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas seguintes: uma de 50 000$ e outra de 40 000$, ambas pertencentes ao sócio António Francisco Pereira; uma de 5000$, pertencente ao sócio Manuel de Almeida Pinto Alves, e uma de 5000$, pretencente ao sócio Jaime de Madureira Vieira.

5.°
A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam exclusivamente a cargo do sócio António Francisco Pereira, com o uso da firma e dispensa de caução.

Vai conforme.
5.° Cartório Notarial de Lisboa, 20 de Dezembro de 1977.

O Ajudante,
Vítor Joaquim de Almeida

D.L. 26/3/1987

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.° JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

– ANÚNCIO –

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.° 29 – 1.ª Secção.

Exequentes – João Norberto da Palma Carlos.

Executado – Alberto Fernandes Morgado, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Praceta da Índia, n.° 10 – r/c Esq.° Rio de Mouro 2735 Cacém.

Lisboa, 17 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
a) António Costa Marques

O Escrivão de Direito,
a) Joaquina da A. Figueira de Matos

«D.L.» 26/3/87 – 2.ª Pub.

AMSTRAD PC 1512

D-BASE III
TRATAMENTO DE TEXTO EM PORTUGUÊS
SUPERCALC 3.1 • 2
TURBO PASCAL, CONTABILIDADE, FACTURAÇÃO, STOCKS, SALÁRIOS, ETC., ETC.

JÁ DISPONÍVEL O DISCO RÍGIDO DE 20 MEGA BYTES

Agentes oficiais:

Corminfor **CASA VIOLA**

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO

BENFIQUISTAS

Sessões de Esclarecimentos Lista B

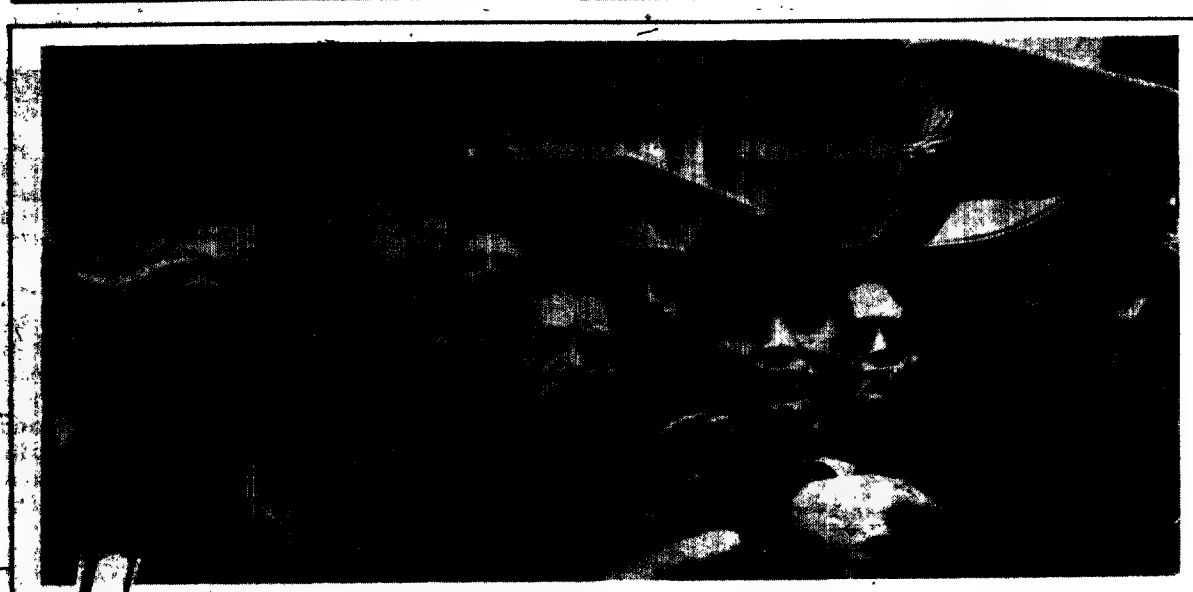
A Comissão de Candidatura de Fernando Martins Lista B informa:

Dia 26 de Março (5.ª feira), às 21h00 em Campo de Ourique — Soc. Alunos de Apólo.

5.ª feira dia 26 de Março 21h30 na Av.ª Gomes Pereira — Edifício da Junta de Freguesia de Benfica (antiga Sede do Sport Lisboa e Benfica) com a presença de Fernando Martins e diversos componentes da Lista B.

Não faltes! Participa.

VIVA O BENFICA



Um polícia discute com um bispo ortodoxo grego em frente da Igreja de Panteleimon, em Atenas, durante uma concentração contra os planos de expropriação das terras da Igreja Ortodoxa . Os 78 bispos ddesta igreja protestaram contra o projecto do governo socialista de Papandreou, recusando-se a celebrar o ofício religioso e a assistir ao desfile militar da festa nacional de 25 de Março, aniversário da independência

A polícia irlandesa descobriu ontem um arsenal de mísseis de fabrico caseiro numa casa de Londonderry durante uma investigação efectuada depois do assassinato de um professor e de dois polícas na segunda-feira à noite. A polícia da Irlanda do Norte foi obrigada a pedir a colaboração de peritos em explosivos do Exército porque algumas das armas encontradas não apresentavam condições de segurança. A zona de Londonderry, no distrito católico de Creggan, foi evacuada e os peritos provocaram algumas explosões controladas. O assassinato de um professor e dois polícias, na segunda-feira à noite, foi reivindicado pelo Exército Republicano Irlandês (IRA).

O Papa João Paulo II assina a última p «Redemptoris Mater» sobre a Virgem Maria, tendo Leste e do Ocidente, especialmente a da União Sovi unidade com Roma através da Virgem Maria

Terrorismo: uma morte diária

O terrorismo internacional causou 3.869 mortos e 7.791 feridos nos 5.751 atentados registados entre 1973 e 1983, segundo se afirma num documento da NATO publicado quarta-feira. A informação, considerada a «mais compelta sobre o terrorismo internacional realizada até à data», foi elaborada pela Assembleia do Atlântico Norte, que agrupa 186 deputados dos 16 países que integram a NATO. O documento salienta que os 3.869 mortos nesses 10 anos representam uma vítima mortal por dia. Na informação ontem publicada, refere-se que desde 1980 o número de atentados mortais aumentou em 20 por cento ao ano e que a «Europa é o palco preferido para as acções terroristas», sendo 35 por cento dos atentados dirigidos contra os Estados Unidos. Ao acusarem «Estados que protegem o terrorimos», os deputados da Assembleia do Atlântico Norte acusam a Líbia, que dizem ter treinado cerca de «7.000 pessoas em vinte campos» e referem ligações da Síria e do Irão ao terrorismo internacional. Referindo-se ao papel da URSS neste contexto, os deputados da Aliança Atlântica afirmam que «a União Soviética não pode estar ligada a actividades terroristas, mas o apoio dado à Síria e Líbia é motivo de preocupação».

URSS penaliza corrupção e negligência

O porcurador-geral da República soviética anunciou ontem que 200.000 funcionários governamentais foram punidos por corrupção e negligência em 1986 e advertiu que a resistência da burocracia soviética poderá minar as tentativas de reforma. Em entrevista ao jornal «Pravda», Alexander Rukunkov afirmou que em muitos casos funcionários do partido dificultaram investigações sobre corrupção e má gestão para protegerem os seus empregos e privilégios. Dos 200.000 funcionários punidos, 50.000 foram despedidos, multados detidos, ou oficialmente repreendidos por pruduzirem bens de baixa qualidade e por não cumprirem obrigacões contratuais.

Morte de Gagarine continua por esclarecer

O primeiro cosmonauta a efectuar uma órbita em redor da Terra, o soviético Yuri Gagarine, faleceu há 19 anos num acidente de aviação, mas as circunstâncias da sua morte continuam ainda por esclarecer cabalmente. Pela primeira vez, desde 27 de Março de 1967, dia da morte de Gagarine, a imprensa soviética referiu-se a três razões que poderão estar na origem da ocorrência fatal que vitimou o astronauta durante um voo de treino num caça Mig-15. O «piloto poderia ter-se salvo se o Mig estivesse 300 metros mais longe do solo, dois minutos bastaram para causar a morte de Gagarine», sublinha o «Pravda», referindo-se às conclusões de uma comissão governamental de investigação, que só agora foram tornadas públicas. O jornal acrescenta que Gagarine informara a base, situada perto de Msocovo, sobre o fim dos exercícios de treino e após receber ordem de regreso iniciara as manobras de viragem para aterrar. No momento em que o jacto entrava na parte superior da camada baixa de nuvens-aproximadamente a 1.500 metros de altitude-, aconteceu algo anormal e o avião entrou em descida vertical, despenhando-se no solo. De acordo com o «Pravda», poderá ter surgido um obstáculo inesperado, um avião ou uma sonda atmosférica que obrigasse o Mig a virar e «cair» bruscamente para evitar o embate. As outras duas hipóteses levantadas pela comissão de inquérito são as seguintes: a aeronave ter entrado no rasto de um avião que passara anteriormente, o que originou um turbilhão perigoso ou o caça ter deparado com uma forte corrente de ar vertical ascendente.

Itália à beira de eleições antecipadas?

ANDREOTTI DESISTE DE FORMAR GOV

A realização de eleições antecipadas em Itália para pôr fim a meses de disputas partidárias parce hoje mais provável, depois de o democrata-cristão Giulio Andreotti ter anunciado que desistia de tentar formar um novo governo.

«A hipótese de se realizarem eleições nesta Primavera parece agora maior», comentou ontem à noite a televisão italiana, depois de Andreotti ter informado o presidente Francesco Cossiga de que abandonava a sua missão.

Andreotti, o lider da democracia-cristão que já foi por cinco vezxes primeiro-ministro da Itália e é actualmente ministro dos Negócios Estrangeiros, tinha sido encarregado de estudar as hipóteses de formação de um novo governo na sequência da demissão, a 3 de Março, do primeiro-ministro socialista Bettino Craxi.

Mas Andreotti parece não ter sido capaz de satisfazer as exigências do Partido Socialista e ao mesmo tempo assegurar que dois referendos sobre a política nuclear italiana e o sistema judicial se realizem em Junho, como está previsto. O primeiro referendo pretende paralisar praticamente o programna nuclear italiano, enquanto o outro pretende tornar o sistema judicial responsável por danos civis se houver uma má aplicação da justiça. Os democratas cristãos e outros membros da coligacão governamental têm procurado evitar os referendos, enquanto os socialistas inisistem na sua realização.

Giulio Andreotti disse aos jornalistas que todos os cinco partidos que faziam parte da coligação demissionária exprimiram a sua disposição de a fazer reviver. «Mas notei imediatamente que havia divergências a utrapassar acerca dos referendos», sublinhou.

O presidente Cossiga deve inciar hoje uma nova ronda de consultas políticas. Desconhece-se ainda qual a decisão que tomará. O presidente pode indigitar outro primeiro-ministro para estudar as possibilidades de formar governo ou convocar eleições, um ano antes da data prevista.

Os jirnais italianaos têm noticiado que, a haver eleições antecipadas, será provável que estas se realizem a 31 de Maio, antes da visita que Ronald Reagan deverá efectuar a Itália, a 3 de Junho, e da cimeira dos sete países mais industrializados

Congresso espanhol inicia debate da moção de censura ao governo

O Congresso espanhol iniciou esta manhã o debate sobre a moção de censura ao governo de Felipe Gonzalez apresentada pelo partido da direita, Aliança Popular. Os debates deverão durar dois dias, prevendo-se que a votação só tenha lugar na segunda-feira à tarde.

Apesar de a moção não ter quaisquer hipóteses de ser aprovada, devido à maioria absoluta que os socialistas, no poder, detêm no Congresso, a verdade é que ela é mais um elemento de tensão numa altura em que vários sectores se encontram em greve, e que os próprios socialistas se encontram divididos pela política económica seguida pelo executivo epsanhol.

Os partidos da oposicão anunciaram que irão aproveitar o debate da moção de censura para criticar a política do governo, mas também aununciaram, à excepção dos liberais, que se absterão e não apresentarão moções alternativas. O ex-primeiro-ministro espanhol e lider do partido Centro Democrático Social, Adolfo Suarez, denunciou o que considera ser a instrumentalização da moção e do debate e recusou-se a participar.

Os diversos partidos políticos consideram que a apresentação da moção de censura é uma operação para lançar a imagem de Antonio Hernandez Mancha, presidente da Aliança Popular, eleito há um mês e meio em substituição de Fraga Iribarne e pouco conhecido da opinião pública.

Pacto de Varsóvia: sim à retirada dos euromísseis

Os ministros dos Negócios Estrangeiros do Pacto de Varsóvia apelaram ontem aos Estados Unidos e seus aliados para que aceitem a proposta soviética sobre a retirada dos mísseis de alcance médio da Europa. O apelo foi feito no final de dois dias de consultas dos chefes da diplomacia da Europa do Leste, que se reuniram também com o lider soviético Mikhail Gorbachev.

« A assinatura de um tal acordo abriria caminho para a completa eliminação das armas nucleares da Europa», disse o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Vadim Loginov. Falando numa conferência de imprensa, Loginov afirmou que os ministros apelaram também para uma convenção internacional que proiba ass armas químicas, pediram o fim dos ensaios nucleares e reafirmaram a sua oposição aos planos de «guerra das esterlas» dos Estados Unidos. A reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros do Pacto de Varsóvia antecede as visitas à URSS de Margaret Thatcher e de George Shultz.

Drama em escola d termina com a libe dos reféns

Um drama que durou sete horas, manteve ontem comco reféns q professores numa escola de São S de morte, terminou com a libertaçã ção dos seus sequestradores. Tudo nhã de ontem quando o casal, arm automáticas e granadas, entrou na situada perto do palácio presidenc perseguição da polícia.

Sete horas mais tarde, o chefe de cito, general Adolfo Blandon, e convencido os sequestrador s a lib tretanto, tinham já falado com o a São Salvador, Gregório Rosa Cha

Centenas de pais concentraram- cio esperando que os seus filhos nete vários milhares de soldados r

Fontes oficiais disseram que o mente em fuga depois de terem di da polícia, matando dois oficiais damnte da polícia disse que o hom tinha desertado do Exército três d transportava as armas e as granda

O arcebispo Gregório Rosa Ch provavelmente 16 ou 17 anos e qu te», não sabendo o que queria.

Fontes da guerrilha salvadorenh envolvimento no caso.

...ma página da encíclica ...endo incitado as igrejas do ... Soviética, a procuraram a

...OVERNO

do Ocidente, que tem início em Veneza a 8 de Junho.

Sandro Pertini

O antigo presidente italiano, Sandro Pertini, de 90 anos, que desmaiou sefunda-feira durante um funeral, será submetido a uma operação para a implantação de um regulador do ritmo cardíaco, anunciaram ontem os médicos.

Pertini, que se tornou popular como chefe de Estado entre 1978 e 1985, sofreu um colapso cardíaco na segunda-feira enquanto assistia ao funeral do general Licio Giorgeri, morto por um grupo terrorista ligado às «Brigadas Vermelhas».

...de Salvador ...bertação

...ras, no qual um casal armado ...s quase 1.0000 crianças e ...ão Salvador, ameaçando-as ...rtação dos reféns e a deten... ...udo começou ao fim da ma... ..., armado com espingaradas ...u na escola de San Jacinto, ...dencial, para escapar a uma

...e de Estado-Maior do Exér... ...n, entrava na escola, tendo ...a libertar os reféns, que, en... ... o arcebispo coadjuvante de ... Chavez.

...ram-se no exterior do edifí... ...hos saíssem e simultaneam... ...os rodearam a escola.

...e o casal estava provavel... ...n disparado contra um carro ...ais e ferindo três. O co man... ...homem envolvido no rapto ...s dias antes. A mulher que ...ndas não foi identificada.

... Chavez disse que ela teria ...e que o casal era «incoeren...

...renha desmentiram qualquer

Eleições de 1988 nos EUA dominadas pela incerteza

Pedro Lazaro-FFT

Para todos os efeitos, a pré-campanha para as eleições presidenciais dos Estados Unidos, que terão lugar em Novembro de 1988, está já em marcha. Como sabem todos aqueles que já seguiram campanhas anteriores, a parte mais activa da campanha oficial desenrola-se entre as eleições primárias do estado de New Hampshire, na segunda quinzena de Fevereiro de 1988, e as da Califórnia, realizadas em princípios de Junho. Há quatro anos, não houve grande emoção, nem na pré-campanha nem na campanha propriamente dita. Era sabido que Ronald Reagan iria ganhar, o que aliás aconteceu.

Desta vez, contudo, as previsões são muito mais difíceis. De momento, ninguém parece fazer ideia dos políticos que irão ser designados candidatos pelos principais partidos, o Republicano e o Democrata.

Serão umas eleições difíceis, como ocorreu em 1976, quando as principais figuras da cena política se inibiram de participar na corrida à Casa Branca, ainda afectada pelas repercussões do caso Watergate. Em conseuquência disto, saiu vencedor um elemento «de fora», isto é, Jimmy Carter. Desta vez, outro escânadlo, o do «Iramgate», pode actuar novamente como repelente, além do que, na realidade, restam já poucas figuras políticas de primeira linha. A passagem por Washington dos «californianos», primeiro os Nixon e últimamente os Reagan, foi bastante devastadora para a cena política.

Os democratas, animados pelo triunfo nas últimas legislativas, nas quais obtiveram a maioria em ambas as Câmaras do Congresso, pareciam dispostos a pôr as suas esperanças num político da segunda linha, o governador de New York, Mario Cuomo, embora admitindo que a Sala Oval da Casa Branca seria demasiado grande para este político italo-americano, pouco seguro fora do seu feudo natural, nas margens do Hudson. Por outro lado, Cuomo, aparentemente convencido disto, anunciou em finais de Fevereiro que não irá concorrer.

A corrida final

Claro que Cuomo está sempre a tempo de se arrepender. Robert Kennedy, que se negou sistematicamente a concorrer durante todo o ano de 1967 e princípios de 1968, mudo subitamente de opinião, quando o senador democrata Eugene McCarthy ganhou surpreendentemente as primárias de New Hampshire, em Fevereiro de 1968. Kennedy enveredou então pelo caminho que em vez de o conduzir em segurança até à Casa Branca, o levou até à cozinha de um hotel de Los Angeles, onde caíu, crivado de balas.

Além de Cuomo, poucos nomes mais se perfilam no horizonte democrata. De momento, aquele que parece ter mais possibilidades é o senador Gary Hart que, em 1984, esteve perto de conseguir a nomeação do partido. No entanto, não só perdeu a favor do eleito do partido, o derrotado Walter Mondale, como ficou a dever quase dois milhões e meio de dólares gastos na campanha, obstáculo que terá de vencer antes de pensar seriamente em concorrer de novo.

Os possíveis rivais do senador Hart são de menor calibre: Joseph R. Biden, senador pelo Delaware; Richard A. Gephardt, representante do Missoui e o governador do Arizona, Bruce Babbitt.

Mas, até agora, nenhum deles conseguiu ainda o apoio declarado daquele que é a principal base eleitoral democrata, o voto sindical, que está nas mãos de Mario Cuomo. Se efectivamente este não se candidatar, será ele que decidirá para que lado vai pender o apoio da poderosa organização sindical.

Dano irreparável

Do lado republicano, as prespectivas são ainda mais pobres, se tal é realmente possível. A sucessão de escândalos descoberta a partir do Irangate, está a causar um dano irreparável nas fileiras do partido. No entanto, a procissão ainda vai no adro.

Ao relatório Tower, o primeiro e provavelmente mais inócuo dos que se irão elaborar sobre o tema, irão juntar-se as revelações dos relatórios de ambas as Câmras do Congresso, e ainda o que a imprensa descubra, que será provavelmente o mais forte.

O vice-presidente George Bush, até há pouco considerado como o candidato forte à sucessão de Reagan, estará muito provavelmente eliminado da corrida, antes mesmo de esta começar. Já antes de se conhecerem os resultados da investigação Tower, o seu índice de popularidade tinha descido espectacularmente de 59 para 29 por centro, colocando-se assim apenas a 9 pontos de distância do seu imediato seguidor, o senador pelo Kansas, Robert Dole, porta-voz da minoria republicana no Senado.

O outro «presidenciável» na reduzida lista republicana era, até há poucos dias, o senador Howard Baker, porta-voz da maioria republicana no Senado até ao passado mês de Novembro. No entanto, a sua recente nomeação para substituir Donald Regan como chefe do gabinete presidencial e encarregado de limpar a Casa Branca da imundicie acumulada pelo seu predecessor, afastá-lo-á provavelmente de forma definitiva da corrida presidencial.

A carreira política de Baker, um homem capaz e íntegro e uma das melhores bases republicanas, parece estar submetido a uma curiosa predestinacão. Na verdade, foi ele o encarregado de dirigir a investigação do Senado sobre o caso Watergate. O modo como dirigiu as coisas grangeou-lhe os aplausos de uns e outros. Provavelmente voltarão a aplaudi-lo, mas terá que esperar pela eleições de 1992, altura em que terá 66 anos.

Ronald Reagan só muito dificilmente será substituído por George Bush na presidência dos EUA

24 HORAS

Manifestação antigovernamental no Chile

A polícia chilena utilizou ontem canhões de água e gases lacrimogéneos para dispersar uma manifestação anti-governamental em Santiago do Chile e prendeu várias pessoas, incluindo o dirigente sindical Rodolfo Seguel. A manifestação fora convocada pelo Comando Nacional de Trabalhadores em protesto contra a política económica do governo militar de Pinochet.

Embaixador da Etiópia pede asilo

Abebe Kebebe, embaixador da Etiópia no Japão, pediu asilo político a Washington e seguirá em breve para junto da familia nos Estados Unidos, confirmou hoje o Ministério japonês dos Negócios Estrangeiros. Segundo as autoridaes japonesas, o diplomata africano encontra-se há vários dias na embaixada dos Estados Unidos em Tóquio. Kebebe, 44 anos, é o segundo embaixador acreditado no Japão a emigrar para os EUA. O primerio foi Rurarz, chefe da missão diplomática da Polónia.

Greve geral no Equador

Pelo menos 14 pessoas ficaram feridas, incluindo três soldados e cinco polícias, durante uma greve geral de 24 horas convocada ontem no Equador e que visava protestar contra as medidas de austeridade anunciadas em resultado do sismo de 5 de Março, no qual morream mais de mil pessoas. Esta foi a quinta greve nacional que o presidente Febres Cordero enfrentou desde que assumiu o poder em 1984.

Mais um caso de espionagem

Dois fuzileiros da embaixada dos Estados Unidos em Moscovo, detidos sob acusação de espionagem, poderão ter permitido que agentes do KGB entrassem no edifício da missão e estiveram envolvidos sexualmente com mulhere soviéticas, revelaram ontem fontes militares. As mesmas fontes disseram que Arnold Bracy, o segundo «marine» a ser detido, «foi-se abaixo» durante os interrogatórios.

Jaruzelwski defende reformas

O chefe de Estado polaco, Wojciech Jaruzelski, mostrou-se ontem favorável a «mudanças radicais» no sistema económico polaco. Jaruzelski falava numa sessão da comissão para as reformas económicas, tendo criticado a comissão pelo pouco trabalho efectuado. O lider polaco referiu ser necessário reestruturar a economia centralizada e reduzir a admnistração.

Hospitais psiquiátricos na URSS

A Associação Psiquiátrica Americana disse ontem, em Viena, que não há nenbum mudança na prática soviética de colocar os dissidentes em hospitais psiquiátricos. Num comunicado divulgado durante a conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa, a Associação saudou a recente libertação de Anatoly Koryagin. «Estamos, contudo, preocupados, porque parece não ter havido nenhuma mudança sistemática na prática de colocar dissidentes em hospitais psiquiátricos», referiu a Associação.

Irangate: Senado recorre a tribunais

O Senado norte-americano solcitou hoje aos Tribunais que obriguem uma das figuras chave do escândalo Irangate a entregar os balanços bancários das suas contas na Suiça e ilhas Caimão. O pedido, formulado a um juiz do distrito de Washingtonn, sugere que se ordene ao general na reserva Richard Secord que entregue a informação pretendida sob pena de detenção.

Dilema a resolver pelo ICEP

EXPOSIÇÃO DE TÊXTEIS NA BULGÁRIA OU PARTICIPAÇÃO NA FEIRA DE PLOVDIV

Da decisão depende boa parte do futuro do comércio bilateral

A delegação de Viena do Instituto do Comércio Externo Português (ICEP) está a considerar a hipótese de promover, na Bulgária, em Outubro, depois da Feira de Outono de Plovdiv, uma exposição de têxteis, em detrimento da participação oficial na Feira da Primavera, prevista para aquela cidade, de 4 a 10 de Maio próximo.

A vingar esta tese, que estaria a ser estudada pela Direcção do ICEP em Lisboa, os industriais portugueses interessados em participar na Feira de Bens de Consumo, em Maio, ou na Feira Técnica do Outono (indústria pesada) veriam sobrecarregadas as condições de deslocação a Plovdiv ao mesmo tempo que o comércio bilateral entre os dois países conheceria novas dificuldades para inverter a tendência regressiva que se tem acentuado nos últimos anos.

Com efeito, as autoridades do comércio externo búlgaro privilegiam abertamente, os participantes na Feira de Plovdiv, uma das mais importantes do Leste Europeu. Ali decorre também um intenso intercâmbio Leste—Oeste e se incrementa o comércio com os países do Sul.

De momento, há apenas a certeza da participação de dois ou três industriais portugueses, os que já exportam regularmente para a Bulgária. Outros eventualmente eventualmente interessados, condicionam a ida a Plovdiv ao apoio que o ICEP decida atribuir, nomeadamente com uma representação oficial.

Segundo informações recolhidas pelo Diário de Lisboa, uma posição definitiva sobre esta acção de promoção de bens e serviços portugueses, que o primeiro número de 87 do Boletim do Instituto incluia na lista das feiras e exposições agendadas para o ano corrente, será tomada muito brevemente. Para já, há apenas indícios de que a delegação de Viena do ICEP, responsável pela actividade exportadora para a Bulgária, preferia o apoio selectivo aos têxteis, numa exposição própria, em vez do apoio corrente e normal à generalidade dos industriais interessados em ir a Plovdiv.

Comércio bilateral em retrocesso

O comércio com este «país de economia planificada/Europa», desigação oficial para efeitos estatísticos do ICEP, tem conhecido, aliás muitas atribulações, mais devidas à orientação política de vários dos últimos Governos, do que ao reconhecimento de eventual inexistência de vantagens comerciais para o nosso País.

A tendência actual é para o esvaziamento dos montantes anuais de comércio bilateral. Essa tendência começou a desenhar-se com a retirada do representante do ICEP em Sofia, passando a Bulgária a ser coberta pela delegação de Viena, e agrava-se, agora, com os rumores recentes de que Portugal vai deixar de ter embaixador residente em Sofia, com o consequente encerramento da Embaixada.

Na Feira de Outuno, em princípios de Outubro passado, apenas uma empresa portuguesa se fez representar em Plovdiv, a Tecmolde, da Marinha Grande, quando há uns anos atrás ali esteve uma boa meia dúzia de empresas em «stand» próprio de Portugal. Para a Feira da Primavera, especializada em bens de consumo correntes (enquanto a de Outono é famosa pela mostra de maquinaria pesada, desconhece-se ainda o número definitivo de participantes, sabendo-se sim que pelo menos duas ou três empresas corticeiras ali marcarão presença, no quadro das relações regulares que mantêm com a Bulgária.

As empresas corticeiras já adquiriram o hábito de calcorrear os caminhos dos Balcãs e a sua actividade exportadora para o Leste Europeu já pouco depende da ida ou não às feiras e exposições dos paises de economia planificada. Elas já estão implantadas no terreno e, ainda no ano passado, venderam à Bulgária 4,5 milhões de dólares em rolhas e artigos de cortiça.

No último ano, aliás, as exportações portuguesas para aquele mercado limitaram-se à cortiça e à reparação de navios. A Tecmolde fechou em Plovdiv um negócio de meio milhão de dólares, em moldes para a indústria de plásticos, que serão despachados já no ano em curso.

Portugal comprou à Bulgária, basicamente, tabaco e uma pequena partida de empilhadores; mas mesmo as compras de tabaco foram umas três vezes inferiores às do ano anterior. O comércio de Portugal com a Bulgária apresentou em 1986 um saldo negativo razoável (229 mil contos de Janeiro a Novembro) mas segundo fontes da embaixada búlgara as estatísticas não correspondem à realidade, porque não incluem os pagamentos aos estaleiros portugueses pela reparação de barcos.

Empresas de 51 países na Feira da Primavera

As feiras de Plovdiv (segunda cidade búlgara, situada no centro do país) transformaram-se, ao fim de 95 anos de vida, em local determinantes do volume de trocas comerciais entre os países europeus de economia planificada e os paises capitalistas do Ocidente. Simultâneamente, cresceu a participação de paises do Terceiro Mundo, nomeadamente da África, crescimento esse acentuado na década de oitenta.

A Feira de Plovdiv realiza-se duas vezes por ano. A da Primavera, na primeira quinzena de Maio, é dedicada especialmente às indústrias transformadoras e de bens de consumo—nos últimos anos também às novas tecnologias. A Feira do Outono, em fins de Setembro e princípios de Outubro, está vocacionada para a indústria pesada, nomeadamente maquinaria e transportes.

Na edição do ano passado da Feira da Primavera participaram 1.625 empresas de 51 países, ocupando as representações estrangeiras 20.500 metros quadrados. Pela primeira vez foram apresentadas as novas linhas tecnológicas de produção de bens de consumo. No Outono de 1986 contou-se com a presença física de 2.175 expositores de 35 países, reunindo-se, assim, em Plovdiv, a maior participação estrangeira de sempre da Feira Técnica, correspondendo à crescente abertura do mercado búlgaro às relações com o exterior do COMECON.

Segundo fontes da Embaixada da Bulgária em Portugal, «as potencialidades da mútua cooperação económica entre a Bulgária e Portugal estão aquém do seu melhor aproveitamento». As principais razões apontadas são «os contactos limitados entre as empresas búlgaras e portuguesas».

«Por isso mesmo—acrescentam estas fontes búlgaras—atribuimos um papel decisivo à Feira de Plovdiv, local privilegiado para alargar e aprofundar o relacionamento entre os agentes económicos dos nossos dois países».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$00	58$00
ALEMANHA FED. (marco)	76$25	77$45
ÁUSTRIA (xelim)	10$80	11$00
BÉLGICA (franco)	3$476	3$726
BRASIL (cruzado)	3$700	6$200
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$25	108$75
(notas de 5 a 1000)	106$75	109$25
DINAMARCA (coroa)	20$25	20$65
ESPANHA (peseta)	1$054	1$174
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139$45	142$95
(notas de 5 a 1000)	139$95	143$45
FINLÂNDIA (marka)	31$10	31$70
FRANÇA (franco)	22$90	23$60
HOLANDA (florim)	67$50	68$60
IRLANDA (libra)	204$70	208$70
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$891	$946
NORUEGA (coroa)	20$20	20$70
REINO UNIDO (libra)	224$95	229$45
SUÉCIA (coroa)	21$85	22$75
SUÍÇA (franco)	91$25	92$75
VENEZUELA (bolívar)	5$60	6$60

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

CEE financia acções de cooperação do CIDAC

O Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC) vai promover um programa de «educação para o desenvolvimento», para o qual obteve o co-financiamento das Comunidades Europeias.

Luís Moita, coordenador do CIDC, disse que financiamento da CEE é de 5.000 contos anuais para os três anos de duração do projecto, que prevê a realização de seminários, cursos, conferências e sessões no sentido de sensibilizar a opinião pública portuguesa para as questões da cooperação.

Na qualidade da Organização Não-Governamental (ONG), o CIDAC conta já com o apoio da CEE em quatro projectos de cooperação em curso em Maçambique (dois) e Guiné-Bissau (dois), no valor de algumas dezenas de milhar de contos.

Luis Moita anunciou para este ano duas inovações no âmbito do Centro de Formação do CIDAC: um curso de crioulo para os cooperantes que vão trabalhar na Guiné-Bissau e Cabo Verde e o apoio em Maputo para a formação e integração dos cooperantes estrangeiros que chegam a Moçambique.

Quadruplicou o défice com Comunidade

O défice das trocas comerciais de Portugal com os outros países da CEE atingiu 11,7 milh ões de contos em Janeiro deste ano, o quádrupulo do valor registado no mesmo mês de 1986, indicam estatísticas oficiais.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas, este valor resultou de exportações para os outros onze países comunitários de 60,9 milhões de contos (mais 15,6 por cento) e de importações que se cifraram em 72,6 milhões (mais 29,6 por cento).

A taxa de cobertura com os restantes países da CEE foi de 33,8 por cento, inferior em 10 pontos à registada em Janeiro de 1986 e que tinha atingido 94 por cento.

O maiores défices verificam-se com Itália (5,9 milhões de contos, mais 32,7 por cento) e com Espanha (5,4 milhões, mais 16,8 por cento).

As trocas comerciais com o Reino Unido, que em Janeiro de 1986 eram favoráveis a Lisboa em quase três milhões de contos, foram agora negativas em cerca de dois milhões.

Em termos globais, o défice da balança comercial portuguesa atingiu 36,8 milhões de contos em Janeiro de 1987, mais 5,4 por cento que em idêntico período do ano anterior.

Este valor resultou da diferença entre 122,2 milhões de contos de importações CIF (mais 7,1 por cento) e 85,4 milhões de exportações FOB (mais 7,9 por cento), passando a taxa de cobertura de 69,4 por cento em 1986 para 69,9 em Janeiro de 1987.

Em dólares norte-americanos, as importações cresceram 18,6 por cento, e as exportações 19,4 por cento, enquanto o défice comecial aumentou 16,7 por cento.

Saldo com a África baixa 47 por cento

Cinco países forneceram mais de 50 por cento das necessidades portuguesas — Alemanha Federal (15,1 milhões de contos), Reino Unido (12,9 milhões), França (12,5 milhões), Espanha (12,3 milhões) e Estados Unidos (10,7 milhões).

Os mesmos cinco países, embora por ordem diversa, compraram mais de 60 por cento do total das exportações nacionais — França, (14,2 milhões) —, Alemanha Federal (14,1 milhões), Reino Unido (10,9 milhões), Espanha (6,9 milhões) e Estados Unidos (5,4 milhões).

Portugal registou saldos positivos nas suas trocas comerciais com os países da EFTA (3 milhões de contos) e com os países africanos de língua oficial portuguesa (1,1 milhões).

Relativamente a este último grupo, verificou-se um decréscimo do saldo comercial na ordem dos 47 por cento, resultante da quebra, na mesma ordem de grandeza, das exportações (2,7 milhões de contos em 1986 e 1,4 milhões em 1987), já que o valor das importações foi sensivelmente o mesmo.

A alteração destes resultados ficou a dever-se essencialmente ao decréscimo das exportações portuguesas para Angola, que cairam de 2 milhões de contos em Janeiro de 1986 para 400 mil contos em Janeiro deste ano.

Domingo no "Caldeirão"

GOLEAR É O OBJECTIVO DOS 'SEABRINHAS'

A perspectiva de uma goleada constitui o único foco de interesse do encontro que Portugal vai ter domingo no Funchal frente a Malta, a equipa mais frágil do grupo 2 da fase de qualificação para o Europeu de Futebol.

Esta aspiração do seleccionado português já não é nova, mas nas duas únicas partidas disputadas entre ambas as selecções até ao momento, teve sempre o sabor a frustração apesar dos resultados positivos.

As duas selecçoes vão cumprir o seu quarto encontro da fase de qualificação , com Malta a somar apenas derrotas nos encontros já disputados e a selecção de Rui Seabra a «sonhar» com a possibilidade de conseguir a sua rimeira vitória no grupo.

Portugal recebe os malteses com apenas dois pontos respeitantes a outros tantos empates, mas as suas esperanças de qualificaçãosão agora somente ténues depois da derrota em «casa», frente aos italianos, comandantes destacados do grupo 2.

A hipótese de chegar à goleada poderá constituir ainda o único tónico que permitirá à selecção portuguesa aspirar à qualificação na eventualidade possível de ter d se apurar o único finalista através da diferença de golos.

Nos dois únicos encontros já disputados entre as duas selecções e que contaram para a fase de qualificação para o Mundial-86, Portugal possui um saldo positivo perante uma selecção que nos 31 jogos efectuados para o Europeu sofreu 115 golos contra apenas 13 marcados.

Os malteses somam apenas duas vitórias contra 27 derrotas e dois empates mas por pouco que Portugal não entrava o historial dos jogos positivos de Malta nas fases de qualificação para o Europeu.

No primeiro encontro realizado em Fevereiro de 1985 em La Valeta, os portugueses venceram por 3-1, com golos de Carlos Manuel e Gomes (2) e em Outubro do mesmo ano, no Estádio da Luz, Portugal apenas conseguiu a vitória (3-2) a oito minutos do fim. Gomes (2) e José Rafael foram os autores dos golos da selecção portuguesa que tinha como missão a goleada para continuar a manter algumas aspirações para a presença no México, mas viu pairar o espectro do escândalo até ao tento de desempate de Gomes.

O ponta-de-lança portista desta vez não defrontará Malta, bem como mais 20 dos seus colegas, excluídos dos planos do seleccionador Rui Seabra por via do «caso Saltillo», ainda sem solução.

Na fase actual, a selecção de Malta tem um saldo negativo de zero pontos para três jogos e é a única selecção que até ao momento não marcou um único golo, se bem que conte com uma dúzia de sofridos.

A Itália comanda o grupo 2 com quatro jogos e oito pontos, seguido da Suécia com menos três jogos e dois pontos mas menos um jogo, de Portugal com três e dois pontos, da Suíça também com três jogos mas apenas um ponto.

Juniores: selecção perde na Roménia...

A selecção portuguesa de juniores «B» foi derrotada pela da Roménia, por 1-0, em jogo da fase de qualificação para o Campeonato da Europa de Futebol naquela categoria.

O jogo foi disputado em Plopeni, a 70 quilómetros de Bucareste, e o golo do triunfo romeno foi marcado aos 59 minutos por intermédio de Sima.

O jogo da segunda «mão» disputa-se em 8 de Abril, no Estádio Nacional, em Lisboa.

... e Benfica derrota União de Leiria

O Benfica venceu ontem o União de Leiria por 0-1, em jogo da segunda fase do Campeonato Nacional de Juniores de Futebol, Zona Sul.

O encontro teve lugar no Estadio Municipal de Leiria.

«Seabrinhas» preparam-se para receber os malteses

Sportig - F. C. do Porto será antecipado

Os diigentes do Sporting já comunicaram ao F. C. do Porto o seu acordo quanto à antecipação do encontro entre ambos a contar para a 24.ª jornada do «Nacional» aceitando a sua realização no sábado (dia 4) pelas 16 horas. Por efeito desta antecipação, o jogo Belenenses - Varzim realizar-se-á no domingo, e não sábado como havia sido anteriormente anunciado.

«Dragões» em espionagem

Procurando recolher todas as informações possíveis sobre o valor actual da turma do Dínamo de Kiev, os técnicos do F. C. do Porto partiram em missão de espionagem. Artur Jorge deslocou-se à Escócia para contactar o seu colega do Celtic (recentemente eliminado pelo Dínamo) enquanto Octávio Machado partiu para a URSS com o objectivo de observar dois encontros do próximo adversário portista, a contar para o campeonato daquele país.

Casagrande: que destino?

O jornal brasileiro «Folha de S. Paulo» afirma na sua edição de ontem, citando Casagrande, que o seu passe teria já sido comprado por um clube espanhol.

A «Folha de S. Paulo» escreve que o jogador lhe afirmou pelo telefone que tinha «esperança de que Figer (empresário do Uruguai) tenha novidades sobre a possibilidade de ser transferido para uma equipa espanhola, na próxima semana». Entretanto, o jogador brasileiro não confirmou estas informações e manifestou a intenção de cumprir o contrato que o liga ao F. C. do Porto até ao final da época, e até renová-lo, se for possível.

Petróleo e Zinho: dois casos distintos

Trâmites burocráticos impedem o Braga de contratar o ponta-de-lança brasileiro Petróleo para a presente temporada — disse Mesquita Machado, presidente do clube bracarense, ao especificar que a contratação de Petróleo foi inviabilizada pela impossibiliade de obtenção do visto de residência antes de 31 de Março, data limite para o fuebolista ser inscrito para jogar ainda esta época.

Em relação a Zinho, cedido ao Sporting até ao final da temporada por «troca» com o argentino Saucedo, Mesquita Machado disse que o jogador regressará a Braga caso os «leões» não respondam à proposta de transferência definitiva feita pelos bracarenses.

Recorde-se que o Braga pediu 30 000 contos ao Sporting pela cedência definitiva daquele centro-campista brasileiro.

«Chicotada» em Aves Ferreirinha rende Mário Reis

Ferreirinha é o novo treinador do Desportivo das Aves depois da rescisão de Mário Reis, que, no começo da temporada, havia sucedido a Joaquim Meirim.

Schumacher na "agenda" do Palmeiras

O Palmeiras, de São Paulo, confirmou pretender contratar o guarda-redes Toni Shumacher, estando «preparado financeiramente» para conseguir o ex-internacional alemão federal. «**Já comunicamos o nosso interesse a Shumacher, mas ele disse-nos que está também a estudar ooutras propostas**» - disse Sérgio Granieri, director de relações públicas do clube brasileiro.

Granieri confirmou que o presidente do Palmeiras, Vicente Raiola, e o director administrativo, Roberto Frisso, estão na Alemanha para negociar a transferência de Shumacher, mas desmentiu que o lube tivesse oferecido 200.000 dólares (cerca de 29 mil contos) ao Colónia. «**Ainda não formulamos propostas concretas, mas o Palmeiras tem condições financeiras para adquirir o «passe» de Schumacher, ainda que par isso tenha de superar ofertas de países europeus**» - **garantiu o dirigente do clube paulista.**

LUSOCABE

Temos uma nova técnica de integração de cabelo.
A Lusocabe orgulha-se de ser o 1.º instituto capilar a utilizar o **CALVIPONTO** para solução da calvice. Esta técnica supera largamente todos os métodos já existentes.

Consulte-nos sem compromisso
Rua da Madalena, 182-2.º
1100 Lisboa • Tel. 86 68 47
Rua das Padeiras, 27-3.º 2C
Coimbra • Tel. 2 22 29

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 21/87

«FORNECIMENTO DE 23 TRICICLOS MOTORIZADOS PARA APOIO À LIMPEZA URBANA»

Faz-se saber que durante o prazo de 20 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República» são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av. 24 de Julho, 171-C, propostas para o concurso público referente ao fornecimento acima indicado, (proc.º n.º 6/CP/87-D.S.T.-E.).

O depósito de garantia será de 5% do valor total da adjudicação.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na Direcção dos Serviços de Salubridade e Transportes — Núcleo de Remoção, Av. 24 de Julho, 171, das 9.30 às 12.00 e das 14.30 às 17.30 horas, onde se prestam todos os esclarecimentos técnicos.

Também estão patentes as peças escritas do referido concurso, na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal, Av. 24 de Julho, 171-C, dentro das horas de expediente.

A abertura das propostas realiza-se às 15.00 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio (sábado não é considerado dia útil).

Paços do Concelho de Lisboa, em 1987/03/13

O Vereador,
(Pedro José Del Negro Feist)

Como vai o "Euro-88"

Roménia "cilindra" Albânia

A Roménia goleou em «casa» a Albânia, por 5-1, em partida do grupo um de qualificação para o campeonato europeu de futebol, arbitrada pelo português Rosa Santos.

Com o triunfo sobre a Albânia, a Roménia assumiu o comando do grupo, com quatro pontos, tantos como a Espanha, que tem menos um jogo.

Classificação do grupo um:

	J	V	E	D	G	P
Roménia	3	2	–	1	9-2	4
Espanha	2	2	–	–	3-1	4
Áustria	2	1	–	1	3-4	2
Albânia	3	–	–	3	2-10	–

Próximos jogos:
1 Abril – Áustria-Espanha;
29 Abril – Albânia-Áustria e Roménia-Espanha.

Holanda, 1-Grécia,1

A Holanda empatou com a Grécia por 1-1 em encontro do grupo 5 de qualificação para o «Europeu» de futebol, disputado em Roterdão.

A classificação, após o jogo, é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Grécia	5	3	1	1	11-7	7
Holanda	4	2	2	0	4-1	6
Polónia	2	1	1	0	2-1	3
Hungria	3	1	0	2	1-3	2
Chipre	4	0	0	4	3-10	0

Próximo jogo:
12 Abril – Polónia-Chipre.

Olímpicos: Empate que nos interessa

A República Democrática Alemã e a Itália empataram 0-0, em jogo do grupo «B» de qualificação para o torneio olímpico de futebol, integrado também por Portugal, Holanda e Islândia.

Com este nulo registado em Magdeburgo, alemães orientais e italianos mantêm o comando do agrupamento, com 3 pontos, seguidos da Holanda e de Portugal, com 1 ponto.

A Islândia não disputou ainda qualquer partida.

Classiifcação do grupo «B»:

	J	V	E	D	G	P
Itália	2	1	1	–	1-0	3
RDA	2	1	1	–	1-0	3
Holanda	2	–	1	1	1-2	1
Portugal	2	–	1	1	1-2	1
Islândia	–	–	–	–	–	–

Próximos jogos de Portugal:
28 Abril - Portugal-RDA e 7 Outubro – Portugal-Islândia.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Mín.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	5	5	0,0	M.nub.
V. Castelo	5	5	0,0	P. nub.
Vila Real	5	5	0,0	M. nub.
Porto	5	4	0,0	Limpo
P.Dourad.	–	–	–	—
Coimbra	9	9	0,0	Neblina
C.Carvoeiro ...	12	12	0,0	M. nub.
C. Branco	–	–	–	—
Portalegre	10	9	0,0	Neblina
Lisboa	10	10	0,0	P. nub.
Évora	9	9	0,0	Encob.
Beja	10	9	0,0	Encob.
Faro	11	11	0,0	P. nub.
Sagres	13	12	0,0	Encob.
P. Delgada	15	15	0,0	Encob.
Funchal	14	13	0,0	M. nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

~~Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 16,~~ Porto 14, Faro 18, Ponta Delgada 18

NE

	T. 7 h	Mín.	Às 13 h.
Madrid	3	3	Limpo
Londres	7	2	Muito nub.
Paris	2	2	Pouco nub.
Bruxelas	3	3	Pouco nub.
Amesterd.	2	2	Pouco nub.
Genebra	8	8	Chuva
Roma	–	–	—
Oslo	-1	-1	Neve
Copenhaga	1	1	Chuvisco
Estocolmo	-5	-6	Encoberto
Berlim	8	7	Chuva
Viena	7	7	Neblina
Varsóvia	2	1	Chuva
Atenas	–	–	—
Moscovo	-7	-8	Muito nub.

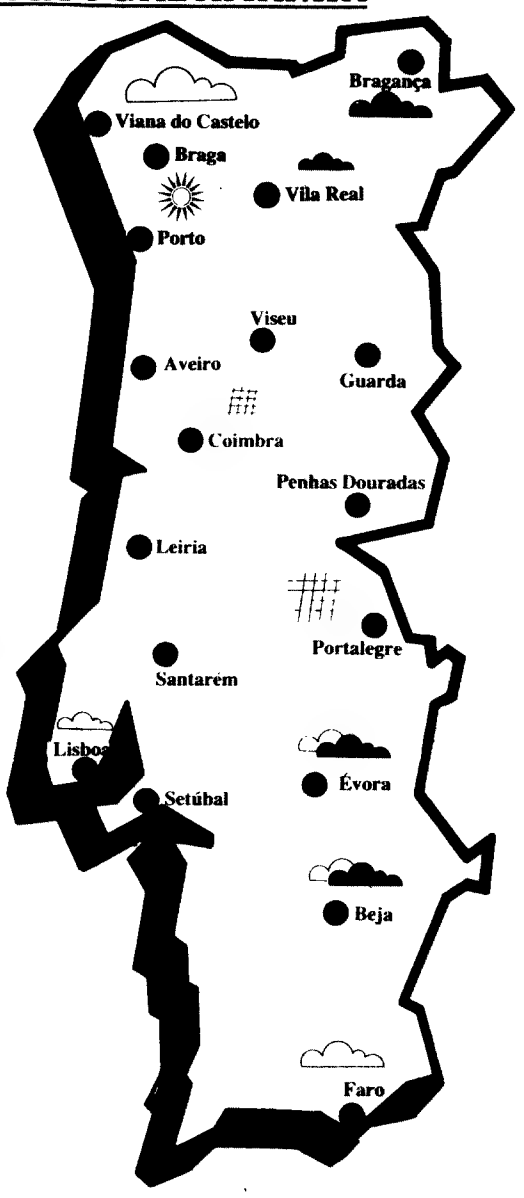
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Mín.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	23	34	Nublado
Joanesburgo ...	12	23	Limpo
Los Angeles	9	21	Limpo
Montreal	1	15	Limpo
Nova Deli	18	32	Limpo
Nova Iorque ...	5	22	Limpo
R. de Janeiro ..	19	32	Limpo
S. Francisco ...	8	20	Limpo
São Paulo	17	29	Nublado
Tóquio	9	21	Chuva

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No continente:

Céu pouco nublado apresentando-se muito nublado até ao fim da manhã nas regiões Norte e Centro onde ocorrerão períodos de chuva fraca. Vento fraco tornando-se moderado de noroeste.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar encrespado. Ondulação noroeste de dois a três metros.**

Costa Sul: **Mar encrespado. Ondulação fraca.**

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento moderado a muito fresco de sudoeste. Períodos de chuva especialmente nos grupos central e ocidental.

Estado do mar: **Mar cavado a grosso. Ondulação norte de três a quatro metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de nordeste.

Estado do mar: **Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação noroeste de três metros na costa Norte e sueste inferior a um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sudoeste soprando por vezes forte nas regiões do Norte. Períodos de chuva nas regiões Norte e Centro. Subida das temperaturas mínimas. Neblina.

DEPOIS

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste soprando por vezes com rajadas fortes. Aguaceiros que serão de neve nas terras altas do Norte e serra da Estrela. Descida de temperatura.

MARÉS

Hoje

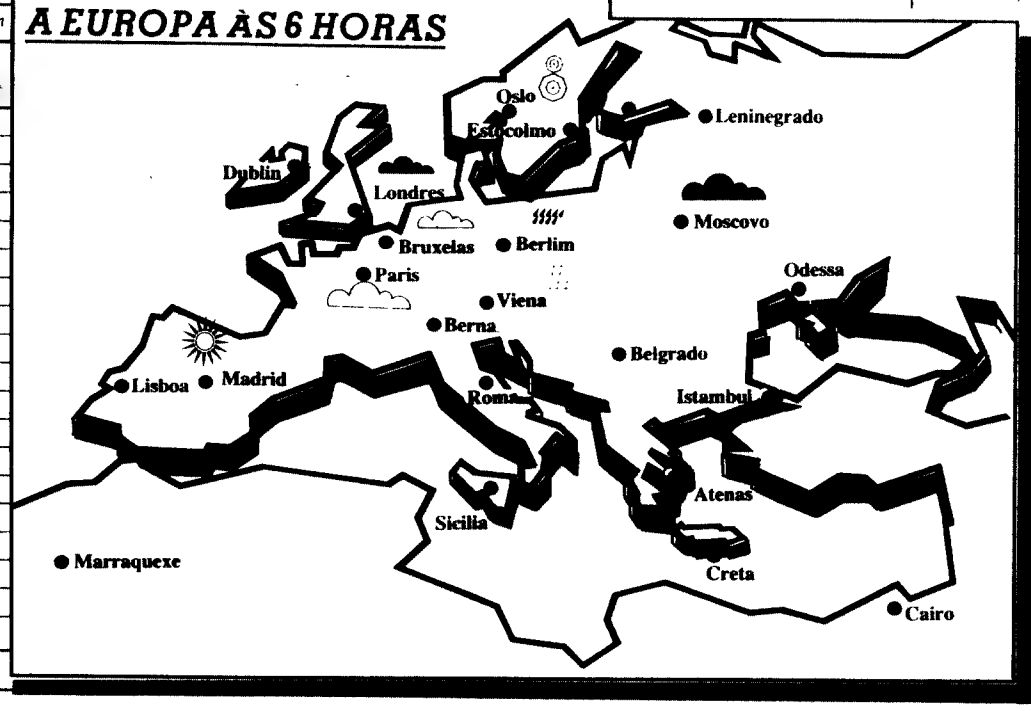
Praia-Mar		Baixa-Mar	
0.32	3,7 m	6.38	1,2 m
13.10	3,7 m	18,53	1,2 m

Amanhã

1.24	4,0 m	7.24	0,9 m
13.56	3,9 m	19,36	1,0 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS



• Informação da agência Lusa

Ciclismo: Volta à Catalunha
Acácio Silva não descola

Acácio da Silva manteve o 9.º lugar da geral na Volta à Catalunha em bicicleta, ao terminar a terceira etapa integrado no pelotão.

A tirada, disputada entre Organya e Lerida, foi ganha ao «sprint» pelo holandês Williem Arras, que cobriu os 179 quilómetros do percurso em quatro horas, 34 minutos e 40 segundos, tempo com que foi cronometrado o pelotão.

Acácio da Silva está a 5 minutos e 11 segundos do camisola amarela, o alemão federal-Peter Hilse, que detém seis segundos de vantagem sobre o 2.º classificado, o espanhol Vicente Belda.

Classificação geral:

1.º Peter Hilse (RFA) 14.47,52 horas; 2.º Vicente Belda (Esp) a 06 segundos; 3.º José Récio (Esp) a 4,48 minutos; 4.º Inaki Gaston (Esp) a 4,59; 5.º Robert Millar (GB) a 5,00; 6.º Pedro Munoz (Esp) m.t.; 7.º Mikel Indurain (Esp) a 5,08; 8.º Martin Ramirez (Col) a 5,10; 9.º **Acácio da Silva** (Por) a 5,11; 10.º Angel Camarillo (Esp) a 5,32.

Felix Levitan abandona o «tour»

Felix Levitan apresentou a sua demissão do Comité Organizador da Volta a França em bicicleta na sequência de divergências surgidas sobre a estrutura da prova.

Numa breve notícia publicada pelo jornal desportivo francês «L'Equipe», é justificado o afastamento de Levitan do Comité Organizador do «Tour» na sequência de «**sérias diferenças de opinião sobre a estrutura da prova e a forma como o Comité Organizador tem estado a trabalhar**».

Levitan fazia parte do Comité Organizador do «Tour» de França há 25 anos.

Recorde-se que a edição da Volta à França em bicicleta de 1987 inicia-se a 1 de Junho em Berlim Ocidental.

Ténis: Circuito Satélite
Nuno Marques averba triunfo

Nuno Marques venceu em dois «sets» o italiano Ivano Capellini, garantindo a passagem à segunda ronda do segundo torneio do Circuito Satélite «Ténis Magazine».

O tenista do Boavista conduziu a partida da melhor forma, explorou bem os pontos fracos do adversário e acabou por obter um triunfo fácil, pelos parciais de 6-4 e 6-1.

Menos sorte tiveram os dois outros portugueses em acção na jornada de ontem —Sotero Rebelo e Marco Seruca —, que foram eliminados do quadro principal do torneio.

Sotero Rebelo perdeu com o brasileiro Mauro Menezes, por 4-6 e 2-6, e Marco Seruca foi eliminado pelo norte-americano Bobby Banck.

Xadrez: Câmara de Vila Franca dinamiza a modalidade

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira está a promover um torneio de xadrez nas escolas e colectividades do concelho para sensibilizar a população para um plano de desenvolvimento do xadrez no concelho.

Foram distribuídos 100 tabuleiros por 41 escolas preparatórias e secundárias e 59 colectividades e comissões de jovens para este torneio que contou com a presença de mais de 2000 jovens participantes.

Benfica em final de campanha

Cavaleiro Madeira 'promete' Stromberg

Na sua derradeira reunião com os orgãos da Comunicação Social, os benfiquistas que integram a lista liderada pelo engº. Cavaleiro Madeira fizeram o balanço da sua campanha eleitoral, e mostraram-se optimistas quanto ao desfecho da votação, tendo recusado ser merecedora de credibilidade uma sondagem vinda a público nos primeiros dias da semana. Sobre este assunto, o dr.Rui Cunha salientou o facto de, nessa sondagem, se referir que a votação será materializada em 84% dos associados e ao ser assim a Assembleia terá que decorrer não até as 22 horas de sexta-feira, mas até ao meio dia de domingo. Presente ao encontro, esteve o treinadorHumberto Coelho (grande e recente glória do futebol benfiquista e nacional) que fora convidado para, em caso de triunfo do elenco de CAVALEIRO Madeira, ocupar o cargo de «manger» do futebol do clube. Aquele antigo prestigiado futebolista convidado a pronunciar-se sobre o convite e suas implicações na sua carreira, sobretudo no que se refere ao Benfica, afirmou que sentiu **«imensa satisfação por alguns benfiquisas se haverem lembrado de si para ocupar um importante cargo profissional, numa altura em que os dirigentes do clube perdem o contacto com pessoas que o serviram com extrema dignidade».** E Humberto Coelho, com a frontalidade e vigor que se exibia nos estádios não poupou certas atitudes que, segundo o seu ponto de vista, bulem com o respeito que deveriam merecer alguns antigos atletas do clube que neste momento **«nem podem entrar no estádio da Luz».**

E a propósito da aceitação do convite salientou **«não entrar em lutas eleitorais, por razões óbvias»** tendo acrescentado: **«neste momento sou um trabalhador no desemprego e um homem que gosta de trabalhar».** Questionado sobre a eventualidade da derrota da lista de Cavaleiro Madeira e consequentemente riscos que correrá relativamente aos «vencedores», Humberto Coelho afirmaria: **Trata-se dum assunto fora de questão porque todos os benfiquistas independentemente da facção onde neste momento se situem conhecem o meu carácter, estão identificados com a minha formação e naturalmente que ninguém esqueceu toda a dignidade com que servi a colectividade».**

Stromberg: um trunfo jogado por Cavaleiro Madeira

Dar música

António Fernandes (indigitado para o cargo de responsável do pelouro de futebol) teria uma intervenção sumária, como as dos seus parceiros Rui Cunha e Ribeiro da Silva, afimando que **«esta lista em vez de ter andado a dar música no Coliseu ou em Alvalade, manteve-se em permanente trabalho e correspondendo às promessas afirmadas quando do início da campanha, já demonstrámos que Kabongo será nosso jogador em caso de vitória (que não duvidamos) da nossa lista e temos a garantia segura de que um centrocampista de inegável categoria internacional bem conhecido e desejado pelos meus consócios assinará contrato no dia 31 de Julho de 1987. Além destes dois elementos e da integração de Humberto Coelho no Departamento de Futebol, posso assegurar que dois internacionais brasileiros que estiveram presentes no mundial do México serão jogadores do Benfica na próxima temporada».** Naturalmente e a avaliar pelo que escutámos nos corredores da Pastelaria Colombo onde a reunião teve lugar, que o centrocampista a que António Fernandes se refere é Stromberg que presentemente se encontra ao serviço do Atalanta, de Itália. O facto de António Fernandes não haver citado o nome deve prender-se com «imposições» colocadas pelo sueco que tão boas recordações terá deixado na plateia rubra, já que o campeonato italiano se encontra na sua fase crucial e o anúncio da sua possível saída pudesse criar alguma instabilidade na equipa que ora representa.

Ciclismo: retorno assegurado

O ciclismo foi tema para Cavaleiro Madeira abordar por solicitação dos jornalistas, tendo reafirmado a certeza de que a lista «C» **garante aos benfiquistas o regresso às estradas em 1988 através duma poderosa formação de ciclistas contando já com a garantia do respectivo patrocínio.** Diria, ainda Cavaleiro Madeira:

«Fernando Martins prometeu o regresso da modalidade ao clube em 1981, voltou a prometer em 1983 e como não cumpriu a promessa volta a reafirmar propósitos que a todos sabemos estarem fora das suas previsões»: Quanto a João Santos diria o dr. Ribeiro da Silva: **«como decalcaram o nosso programa não deixou a lista «A» de incluir o propósito de fazer regressar o ciclismo, mas todos sabemos que se trata de mera promessa».**

Muito optimismo e segurança de que os associados benfiquistas irão, contrariamente a sondagens «encomendadas» — este termo foi unanimente referido durante este encontro — confiar ao seu voto a Cavaleiro Madeira, foi o sintoma extraído. Caso se verifique a derrota **«o projecto continuará avançar, porque a equipa é coesa e os homens que a integram visceralmente dignos».** Com esta afirmação desceu o pano.

Alves Henriques

Foram imprimidos 54000 boletins de voto

O Benfica mandou imprimir 54.000 boletins de voto para as eleições de amanhã para os seus órgãos sociais.

Cada lista vai dispor de 18.000 votos, sendo entregues a cada associado, no período da votação, um conjunto de impressos de voto de cada uma das listas. Depois de colocar a respectiva cruz na lista da sua preferência, e de a entregar na urna, o sócio elimina as duas listas rejeitadas.

A eleição vai decorrer na secretaria do clube na Rua Jardim do Regedor, em Lisboa, entre as 10 e as 22 horas, estando cerca de duas dezenas de urnas ao dispor dos associados do Benfica, que têm direito a um voto (sócios de um a 5 anos), cinco votos (5 a10 anos) e 20 votos (associados com mais de 10 anos de clube).

O pessoal administrativo do clube estará de serviço permanente entre a abertura e o fecho das urnas, prevendo-se que entre 40 a 50 pessoas trabalhem nesse período.

Têm direito a voto, segundo os estatutos do Benfica, todos os sócios efectivos (maiores de 18 anos) com mais de umano de filiação, os quais, segundo uma fonte do clube, 1rondarão os 60.000», pois o seu número exacto «não é de momento disponível, dado que muitos milhares são jovens com menos de 18 anos».

«Estamos preparados para uma das maiores afluências de sempre, prevendo que o maior movimento se registe depois das 16 horas», afirmou um elemento da secretaria do clube, departamento que vai coordenar todo o acto eleitoral.

Ténis de mesa

António Gustavo vai ser homenageado

O Clube Recreativo do Bairro Janeiro vai aproveitar a realização do 4.º Torneio Aberto de Ténis de Mesa (que conta para o «ranking» dos atletas federados) para homenagear o seu dirigente e (ainda) atleta António Gustavo. Homenagem mais que merecida para um homem que ao longo de quase 30 anos tanto tem acarinhado a sua modalidade não só como atleta (do FC Lisboa, Paço de Arcos, Mirantense, Estrela da Amadora e Bairro Janeiro) mas também como impulsionador dos grandes Torneios Cidade da Amadora, de tão boa memória, e actualmente como dirigente. António Gustavo tem como ponto alto da sua carreira a conquista, ao serviço do Mirantense, dos campeonatos de Lisboa e Nacional de Equipas, na época de 1972, jogando nessa altura ao lado do consagrado José Louro.

O torneio decorrerá, como habitualmente, no Pavilhão Gimnodesportivo do Bairro Janeiro, começando no sábado pelas 14 horas com as classes mais jovens e terminando com as provas de seniores no domingo, a partir das 9 horas da manhã.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 13/87 DE 29 DE MARÇO DE 1987

Penalti: 111 211 111 1121; Jornal de Amarante: 112 211 X11 11X1; Jornal da Beira: 11X 211 111 1121; Jornal Cardeal Saraiva: 112 X11 11X 2211; Correio de Coimbra: 12X 211 111 X221; Correio do Vouga: 111 111 211 11X1; A Defesa: 12X 211 X21 1X21; Defesa de Espinho: 122 211 1X1 2221; O Diário: 1X1 12X 1X1 2X21; Diário de Lisboa: 11X 2XX 1X2 X11X; Diário de Viseu: 111 2X1 XX1 1121; Folha do Domingo: 11X 211 1X1 1121; Ecos de Cacia: 11X 211 1X1 X121; Emigrante: 112 211 111 1221; Jornal de Felgueiras: 11X X11 111 XX1; Jornal do Fundão: 1X2 111 211 1121; Gazeta das Caldas: 11X 211 X11 11X1; Rádio Totobola: 1X1 X11 X1X 1X21; Linhas de Elvas: 11X 211 111 X121; Maria da Fonte: 11X X11 XX1 1X21; O Mensageiro: X11 21X 111 2X2; No Estúdio e no Estádio: 1XX X21 111 2221; Notícias de Felgueiras: 11X X11 X11 XX21; Notícias de Viseu: 11X X11 X11 1X21; Notícias de Viana: 1XX 211 121 11XX; Reconquista: 121 211 X11 1121; Informação Desportiva-/Rádio Altitude: 111 X11 111 1XX1; Clube da Manhã/RDP Comercial: 1X2 2XX 112 2XX2; Manhã, Manhã/RDP Comercial: 1XX 21X 1X1 X11 X1; Secção Desportiva/RDP Comercial: 111 211 XXX 2X11; Tempo de Desporto/RDP Comercial: 1XX 2X1 1X2 2XX1; Boomerangue/RDP Centro: 11X XX1 111 12XX; Programa da Manhã/RDP Centro: 11X 2X1 111 XX21; Música Com Elas-/RDP Centro: 11X 2X1 111 XXX1; Fotogramas/RDP Centro: 112 XX1 X11 1X21; Fora de Jogo/RDP Centro: 112 XX1 X11 1XX1; Bola ao Centro/RDP Centro: 111 2X1 111 X22X; Grande Sábado/RDP Centro: 112 2X1 X11 X2XX; Canal Mais-/RDP Centro: 11X XX1 111 1X21; Sintonia Desportiva/RD Centro: 11X XX1 111 1XX1; Rádio Sports/RR Porto: 111 X11 11X 1X11; Jornal de Sintra: 11X 211 211 1221; Voz do Ave: 111 211 112 11XX; A Voz do Domingo: 11X 2X1 111 111X; Voz de Domingo: 11X 211 11X 1X1X; Desporto Regional/Rádio Altitude: 111 X11 111 11X1; Pôr do Sol-/RDPRádio Guarda: X21 X11 X11 2111; Pista de Dança/Rádio Altitude: 1XX 211 XX1 X1XX; Sons da Madrugada/Rádio Altitude: 121 XX1 X11 1221; Livre e Directo/RDP Antena Um Desporto: 111 2X1 111 X2X1; Tarde Desportiva/RDP Antena Um Desporto: 111 2XX X11 XXX1; Notícias de Guimarães: 1X2 X11 2X1 22X1; Notícias de Gouveia: 11X 211 111 1X21; Litoral: 11X X21 111 1XX1; Notícias de Évora: 11X X11 X11 1X21; Jornal de Santo Tirso: 1X2 211 111 X221; Gente Gira: 1X1 X1X X11 11X2; Eu Sei Tudo: 111 XX1 111 2X1X; Diário de Coimbra: 1XX 111 X11 1121; Jornal da Lixa: 1X2 211 X11 1121; RR/Desporto: 11X 211 111 1111; RR/Diário do Desporto: 112 X11 1X1 XXX1; RR/Bola Branca: 1X1 2X1 1X2 111X; Comércio de Leixões: 11X X11 X11 X121; De Tudo Um Pouco: 11X 111 111 XX21; Jornal de Gaia: 11X X11 X1X 1XX1; Jornal da Graça: 1X2 X21 2X2 X2XX; O Primeiro de Janeiro: 11X 211 11 1111, Quadrante Norte: 1X2 2X1 111 XX21; Repórter do Dia: 11X 211 1X2 X111; Resenha Desportiva: 11X X11 X11 1XX1; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Rádio Alvo: 11X X11 XX1 1XXX; Alvo: 111 21X 1X2 X111; Alvo Suplemento: 11X 1XX 1X1 XX1X; A Voz dos Ridículos: 111 211 111 1121; Rádio Placard: 1XX 211 111 X2X1; Estúdio 64: 111 111 111 1111.

assim vai o totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Portugal-Malta	76	2	0	11	1	1
2. Nápoles-Juventus	54	18	6	8	3	1
3. Torino-Inter	24	39	15	4	6	2
4. Udinese-Roma	8	28	42	1	4	7
5. Brescia-Avelino	53	21	3	8	3	1
6. Fiorentina-Ascoli	69	9	0	11	1	1
7. Como-Atalanta	47	26	5	7	4	1
8. Arsenal-Everton	57	17	4	9	2	1
9. Aston Villa-Coventry	64	6	8	10	1	1
10. Charlton-Chelsea	43	24	11	7	4	1
11. Leicester-Manchester C.	31	32	15	5	5	2
12. Luton-Tottenham	16	28	34	2	4	6
13. M. United-Nottingham	62	14	2	9	2	1

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
11X 211 111 1X21

5.º Programa de Bailado na Gulbenkian

UM peadelo interpretado por treze personagens que encarnam outras tantas sensações como o sono e o despertar, o grito, o desmaio, o medo e a raiva é o tempo do bailado que a coreógrafa Olga Roriz estreou quarta-feira na Gulbenkian.
O bailado chama-se «Treze Gesto de um Corpo» e pretende descrever um estado interior, à semenhança de outras criações desta coreógrafa de 30 anos, que afirma não ter tendência para fazer bailados narrativos.

«Prefiro isolar momentos, situações traduzidas em imagens e sons fortes, que têm algo a ver comigo. Às vezes, tudo começa a partir de uma música, outras vezes, de uma ideia ou de uma história», explica.

A história, neste caso, é a seguinte: um homem (ou uma mulher) está meio adormecido e é acordado por sons que não sabe se são um grito ou vozes. Apercebe-se que são vozes e sente que isso se passa na sua própria memória. Surge-lhe a visão dessa memória personificada na voz e reage em relação a ela. Obsessivamente, a recordação não lhe sai da cabeça.

«A dificuldade é que o público se aperceba disto ao longo do bailado, que começa com as 13 personagens a fazerem movimentos diferentes, querendo fazer a mesma coisa e não o conseguindo e acaba com eles a fazerem os mesmos gestos» — acrescenta Olga Roriz.

A música é da autoria de António Emiliano e foi feita com base na ideia coreográfica de Olga Roriz. No entanto, acabou por influenciar todo o bailado.

«Só tive a música no momento dos ensaios. Apercebi-me então que ela tinha uma carga menos dramática e um lado mais enérgico do que o guião que eu fizera. Por isso, adaptei-lhe o bailado que a princípio se chamava 'Um Grito' e passou a chamar-se 'Treze Gestos de um Corpo' » — diz a coreógrafa.

Embora confesse que está ainda «demasiado envolvida neste espectáculo para falar dele com objectividade», Olga Roriz considera-se satisfeita já que «Treze Gestos de um Corpo» é aquilo que designa por «criação total»: partiu de uma ideia e de uma música novas, na qual participou o autor dos cenários e figurinos, Nuno Carinhas.

«Penso em termos de espectáculo, um produto não só do meu trabalho coreográfico, mas também do responsável pela música e pelo criador do espaço onde os bailarinos se movem. Esse espaço tem, neste caso, treze portas colocadas em diagonal, formando uma espécie de muro que divide o lado de cá que se vê, do lado de lá que se adivinha» — explica.EM)Treze homens e treze mulheres procuram, em dias alternados, transmitir ao público esta «espécie de pesadelo kafkiano» como Olga Roriz classifica a sua criação.

«Não se trata de um bailado de massas, como as 'Troianas' ou'Terras do Norte' em que havia um grupo que dançava como um só corpo, transmitindo uma ideia de força. Aqui quero ficar entre a força de um bailado de massas e a subtileza de um bailado individual» — declara.

Os homens dançam «Treze Gestos de um Corpo» de um modo diferente das mulheres: «elas são mais sensuais. Fazem os mesmos movimentos que os homens mas de uma forma mais emocional. Penso que as mulheres são mais ricas de memórias emocionais que os homens e mais facilmente se transpõem para sensações anteriores» — diz ainda.

Olga Roriz afirma que, em tempos, preferiu trabalhar com bailarinos homens pelo clima agradável, como que de sedução, que se instalava entre ela e eles.Hoje em dia, não: » as bailarinas mulheres podem não ser de resposta tão imediata como os homens, mas quando respondem, mais vagarosamente, fazem-no de modo mais contido, ais interiorizado.

«Acho que os homens foram educados a não revelar certos sentimentos e só revelar outros, como o desprezo, o orgulho, a revolta e o narcisismo. Elas revelam-se mais pelo lado do prazer, do gozo interior» — comenta a coreógrafa.

21 anos: primeira coreografia

Olga Roriz entrou aos 19 anos para o Ballet Gulbenkian, onde é primeira bailarina. Aos 21 anos, fez a sua primeira coreografia no estúdio coreográfico do Ballet Gulbenkian. Tornou-se conhecida com coreografias como «Terras do Norte», «As Troianas» e «Três Canções de Nina Hagen».

«Treze Gestos de Um Corpo» é a décima terceira coreografia de Olga Roriz, que se considera «de certo modo limitada por a maioria dos seus trabalhos se destinarem a uma instituição», o Ballet Gulbenkian.

«Se tivesse a minha própria companhia ou estivesse a coreografar no estrangeiro, assumiria outros riscos. Tenho a consciência de que estou a auto-limitar-me, isso apesar de muitos considerarem muito ousado o que faço» — afirma.

O bailado de autoria de Olga Roriz é um dos três que se estrearam no Quinto Programa desta temporada do Ballet Gulbenkian. A outra estreia absoluta intitula-se «Aria» e é uma criação de Vasco Wellencamp, o coreógrafo residente da Fundação.

«Aria» e um 'pas-de-deux' dançado por Graça Barroso e Francisco Rousseau. Tem música dé Bach e dura seis minutos ao longo dos quais se passa de uma atitude lenta para uma emoção crescente.

Vasco Wellencamp considera este seu trabalho «simples como tudo o que faz nesta fase da sua vida», embora «sacrifique muito os bailarinos, especialmente Graça Barroso, que é obrigada a dançar em pontas como se estivesse descalça».

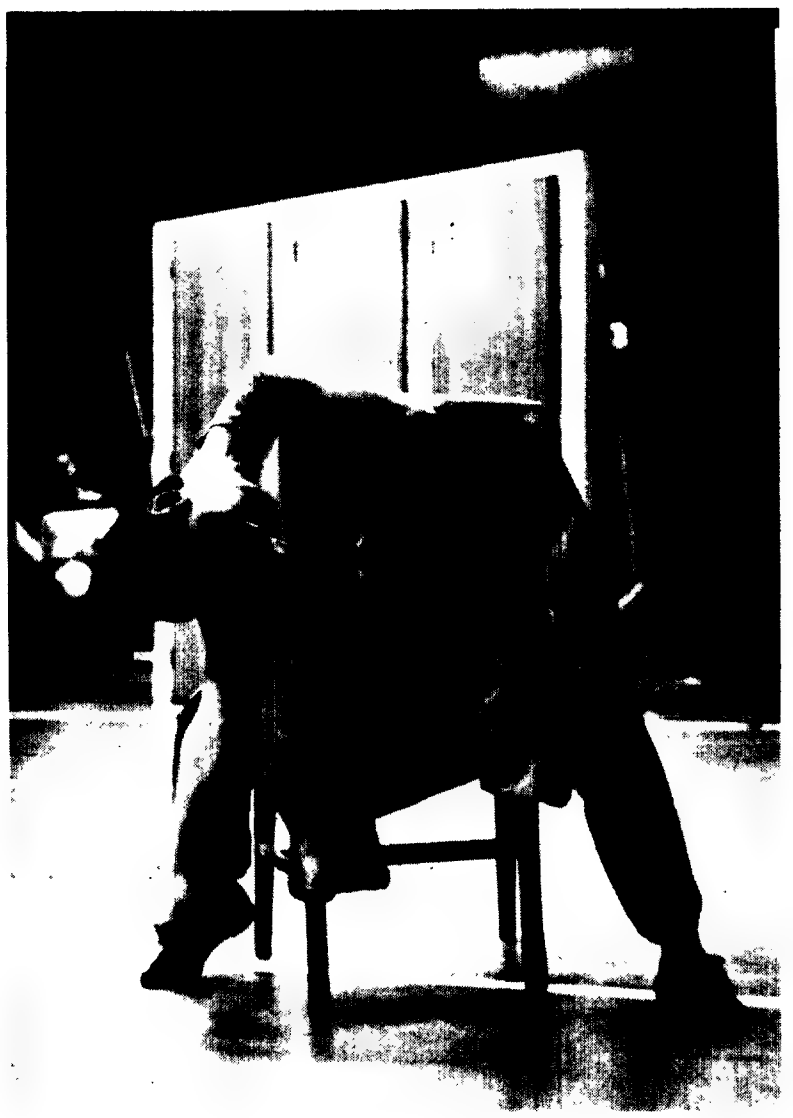
«Cheguei a uma fase de simplicidade, em que não quero deixar-me envolver pelas novas correntes. Pensei, a certa altura, que isso correspondia a um certo anquilosamento como artista, mas percebi que não. Acontece que aprendi a não me deixar embalar pelas modas só porque são modas» — afirma.

Assim, este bailado, na linha do anterior, «Exsultate Jubilate», com música de Mozart, pretende «despertar no público o desejo de dançar também, levá-lo a pensar como seria bom conseguir fazer o mesmo que vê fazer os bailarinos».

«Foi assim que despertei para a dança» — confessa.

O terceiro bailado

Um terceiro bailado, «Sergeant Early's Dream», do coreógrafo britânico Christohper Bruce, completa o quinto programa da temporada de 1986-87 do Ballet Gulbenkian.



Cena de um número do bailado «Treze Gestos para um Corpo»

Não se trata de uma estreia absoluta, como os dois anteriores, uma vez que já foi dançado em Londres, mas sim de uma estreia em Portugal.

Christopher Bruce é coreógrafo associado do Ballet Rambert, de Londres, onde ingressou como bailarino em 1963. Entre as suas produções mais recentes conta-se «Silence is the End of our Song», dançado inicialmente pelo Ballet Real da Dinamarca e nomeado para o Prémio Lawrence Olivier.

«Sergeant Early's Dream» é o terceiro bailarino que o coreógrafo britânico apresenta em Portugal.

Os três bailados estreados agora em Lisboa fazem parte do reportório que o Ballet Gulbenkian apresentará em finais do mês, em duas cidades do Brasil, S. Paulo e Rio de Janeiro, no âmbito de um programa que inclui um espéctáculo a que assistirá o Presidente da República, Mário Soares.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Chamusca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1238, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Vale de Cavalos, concelho de Chamusca, de uma linha aérea a 30 KV, com 4340 metros, do poste n.º 28 da linha para o PT CHM 20-C (ex. n.º 1) de Herdade do Casal de Vale Flores ao poste n.º 53 da linha para o PT n.º 336 de Salvador.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 17 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Chamusca em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/1235, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Ulme, concelho de Chamusca, de uma linha aérea a 30 KV, com 1672 metros, do poste n.º 28 da linha para o PT da Estação Elevatória de Águas da Herdade da Valeira do Pai Poldro ao PT de Herdade de Valeira do Pai Poldro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Câmara, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 17 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Marvão, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/3306, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de S. Salvador da Aramenha, concelho de Marvão, de uma linha aérea a 30 KV, com 2501 metros, do poste n.º 25 da linha para o PT do Posto Fronteiriço de Galegos ao PT MRV 4-Porto Espada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 17 de Março de 1987

Pel'O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

CRÍTICA

UM PÚBLICO VIVO

Carlos Porto

«AUTO DA ÍNDIA E D'OUTRAS ANDANÇAS«, **textos de Gil Vicente e de outros autores. Encenação:** Guilherme Filipe. **Interpretação:** Paulo Lages, Cristina Buero, António Cordeiro, Rosa André, Jorge Campos, Custódia Gallego, Guilherme Filipe. **Grupo Persona. Esreia: Auditório da Biblioteca Nacional/16-03-1987 (19-03-1987).**

Mais um Gil Vicente: nunca é de mais, claro. Curioso, os títulos que têm sido adoptados: alguém os estudará (se calhar o Osório Mateus stá nessa). Alguns exemplos só para lembrar: **Para Onde Is?** (Comuna, 1972), talvez o espectáculo que abriu caminho a esta moda de títulos novos para Gil Vicente; **Auto de Ferrabrás e Mantarrota** (A Centelha-1976); **Histórias de Fidalgotes e Alcoviteiras,** etc. (A Barraca-1976); **Visitação da Índia** (Os Saltitões-1979); **É Menino ou Menina?** (A Barraca-1980); **Embarcai! Embarcai!** (Grupo A Semente); **Lisboa 1500** (Teatr Ibérico-1982); **Rapsódia Vicentina** (TEAR-1982); **A Menina Inês Pereira** (Grupo Fatias de Cá-1985); **Auto da Índia e Doutras Cousas** (Teatro em Movimento-1985); **Réus e Juízes** (Campolide-1985); **Daqui pera ali e de lá pera cá** (TELA-1986).

Claro que estes títulos, além de outros, cobriam adaptações, colagens, montagens de textos de Vicente e até de outros autores (em especial de António José da Silva), como acontece neste espectáculo, que funciona como montagem de textos teatrais vicentinos e de outros textos não teatrais.

Este é o segundo espectáculo de um novo grupo independente que se estreou no Instituto Franco-Português Beaumarchais, «O Barbeiro de Sevilha» («DL«-25-11-86). Trata-se portanto e um grupo aparentemente vocacionado para a leitura de clássicos, e, com um outro clássico, este francês, talvez, para dar a essa leitura um carácter claramente didáctico. Tem isto a ver com o título que dei a esta crónica. É que na tarde em que assisti ao espectáculo, a sala da Biblioteca Nacional estava quase cheia de um público jovem, alunos do secundário, talvez acompanhados por professores. Público jovem, pois, mais do que isso, público vivo (nem sempre coincidem) o que nem sempre se encontra em sessões deste género.

O público dessa tarde, com um ou outro momento inoportunamente barulhento, foi um público receptivo, gozador quando era caso diso, um público com uma respiração (não com tosse ou com bocejos). Foi bonito de se ver. Aconteceu até que findo o espectáculo, aplaudidos os actores, retirados estes, o público manteve-se em cena, perdão, na sala, à espera de mais. Aqui, deve notar-se uma falha da «organização»: teria sido necessário que o espectáculo acabasse em festa, o que não foi o caso, ou que tivesse havido um pequeno colóquio, o que parecia quase inevitável naquelas circunstâncias. O público esperou até que foi obrigado a retirar-se. Foi pena...

Este «Auto da Índia...» é uma montagem dessa e de outra peça de Gil Vicente, «Quem tem farelos?» e com excertos breves de outros autores (Camões, Fernão Lopes de Castanheira, Diogo do Couto e Gaspar Correia). O carácter didáctico do espectáculo torna-se visível pela integração no «Auto da Índia» de trechos daqueles cronistas, ditos por uma personagem do auto, o marido, trechos que relaciona a peça com o contexto histórico em que decorre (os descobrimentos).

Infelizmente, este segundo espectáculo do grupo Persona, embora mais interessante que o primeiro, confirma as limitadas ambições ou capacidades criativas do grupo. Este, aparentemente, não está interesdo em libertar-se de um tom demasiado académico, mesmo quando quer ser contestatário, de substituir a escassez de recursos pela imaginação, pela alegria de estar no palco. Quem viu os primeiros espectáculos de grupos como o Teatro da Cornucópia, ainda universitário, Os Bonecreiros, a Comuna, o Campolide, Os Cómicos, o TEAR, até A Centelha, não pode deixar de sentir alguma frustração perante uma prática tão pouco estimulante, tão cediça como a deste grupo.

Talvez seja um problema de direcção já que as duas encenações de Guilherme Filipe não revelaram um criador nem um director de actores. Parece-nos haver no grupo gente capaz de lhe dar uma volta de maneira a justificar a sua existência. É certo que o grupo pode reivindicar o direito de existir com funções didácticas muito determinadas. Será essa a ideia? Valerá a pena fazer deste tipo de pedagogia? Não exigirá o teatro didáctico uma grande qualidade?

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA · T. 726 66 16

TEXTO DE ROGER VITRAC
4.º MÊS
"VICTOR" ou as crianças no poder
TERÇA A SÁBADO AS 21H30
DOMINGO 17 H
*VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS
*TERÇA *QUARTA *E QUINTA
PREÇO UNICO: * 200.00
SUB SEC
A.P.U.T. · F.N.L.E.I.K.I.A.N. · A.FRANÇAISE
BRÁS E BRÁS ★ SECLA-FAIANÇA ★ R. COMERCIAL

CAFÉ TEATRO
SEXTAS-SÁBADOS * ÀS 24.00h
★★★FARSA VOCE MESMO
* * * * *
2 SALAS
2 ESPECTÁCULOS
O MESMO GRUPO

AVISO
3.ª, 4.ª e 5.ª feira
Dias 24, 25 e 30
COMUNA REPRESENTA A PEÇA «VICTOR» NA MARINHA GRANDE
* * *
6.ª feira
Dia 27
Retoma as representações em Lisboa da peça «Victor»
* * *
LOTAÇÃO ESGOTADA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo.

A. Esp. Venda de Penhor, n.º 5063, 3.ª secção.

Autor: — BANCO FONSECAS & BURNAY-EP

Ré: — AVES — SOCIEDADE AGRO-PECUÁRIA, LDA., com sede na Av. Fontes Pereira de Melo, n.º 35-9.º-C em LISBOA.

Lisboa, 16 de Março de 1987

O Juiz de Direito,
António Pedro F. Ferreira de Almeida
O Escrivão Adjunto,
José Manuel Ribeiro da Cruz

D.L. 26/3/87-1.ª Pub.

SPORT LISBOA E BENFICA
ELEIÇÕES 87/89

JOÃO SANTOS para um BENFICA EUROPEU

A COMISSÃO DE APOIO DE CANDIDATURA DE JOÃO SANTOS, LISTA A

Convida todos os benfiquistas a comparecer pelas 21 horas no refeitório da Câmara Municipal da Amadora

Não falte, conheça o programa de lista A, traga sugestões, participe, peça esclarecimentos.

Estarão presentes os candidatos:

— Presidente da Assembleia Geral, Dr. Juiz Desembargador Adriano Afonso;
— Presidente da Direcção, João Santos;
— Presidente do Concelho Fiscal, Dr. Vicente Marcel de Almeida;
— Chefe do Departamento de Futebol Profissional, José Gaspar Ramos e outros membros da lista A

ARISTON

FRIGORÍFICO DE 250 l C/ 2 PORTAS
UM ANO DE GARANTIA

M.L. FERREIRA
R.D. Estefânia, 48-A-1000 Lisboa

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609
TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —
NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH - Quem a matou?
de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO * MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO
Sub. SEC

AOS PAIS

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA
"Transporte sempre as crianças no banco de trás"

CINEMAS

Uma cena do filme MATADOR, realizado por Pedro Almodovar. Interpretação de Assumpta Serna, Antonio Banderas e Julieta Serrano. Distinguido no FANTASPORTO 87 com os seguintes prémios: Melhor Realização, Melhor Actriz (Julieta Serrano. Menção Honrosa da Imprensa e Prémio Especial do Júri. Filme de qualidade, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

FILHO DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
13.45, 16.45, 18.45, 21.45 e 24.00 h

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Avila
— T. 539930

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.15 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

AMOR ENTRE MULHERES
(Int. m. 18 anos, com cenas chocantes)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358

ORGIA DE VERÃO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
JOVENS GUERRILHEIROS
(m. 16 anos)
24.00 h

Cinebolso

QUADROS VIVOS
(Int. m. 18 anos)
(porno)
12.30, 14.30, 16.45 e 19 h
INTRODUÇÕES INTIMAS
(Int. m. 18 anos)
(porno)
21.30 h

Cine Camões
T. 324194

HÉRCULES CHINÊS
(n/acons. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

NADA EM COMUM
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
ROLE – O MERCENÁRIO
(n/acons. 18 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
16 e 21.45 h

REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

O SILÊNCIO DAS MULHERES VIOLADAS
(m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS GLADIADORES DO FUTURO
(m. 12 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

SOCORRO!
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134

LEMBRAS-TE DA ÚLTIMA NOITE?
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estudio ACS
— T. 887255

GRANDE HONRA
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078

O MATADOR
(m. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

KALIDOR – A LENDA DO TALISMÃ
(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

REGRESSO À ESCOLA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, e 21.30 h

Forum Picoas
— T. 541037

PARAGEM NO BAIRRO BOÉMIO
(n/acons. 18 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

A CILADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.15. 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

A MOSCA
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio
— T. 555134

FORA DOS LIMITES
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

THÉRÈSE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Londres

PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

SIDA — A VERDADE MALDITA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

AS OLIMPÍADAS DO SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933

ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES
Reabre brevemente

Politeama
T. 326305

COMANDOS DE ELITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

THÉRÈSE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
CLIENTE MORTO NÃO PAGA A CONTA
(m. 16 anos)
23.30 h

O MATADOR
(Int. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30
O OFÍCIO DE MATAR
(m. 16 anos)
23.30 h

O LOCAL DO CRIME
(m. 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
GLÓRIA
(m. 16 anos)
23.45 h

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
LAURA
(m. 16 anos)
23.45 h

Roma
T. 889192

SOCORRO!
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

O RAPTO DA CIGANA
(n/ac. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

O REI DOS GAZETEIROS
(m. 12 anos)
14.30, 16.30, 18.45 e 21.15 h

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

A VIDA É ASSIM
(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

BALADA DA PRAIA DOS CÃES
(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

FORA DOS LIMITES
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

A COR DO DINHEIRO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666

A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(m. 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 880808

TOP GUN
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
T. 368400

CORRIDA PARA O ABISMO
(m. 16 anos)
14.15. 16.30. 19 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Os Tarados do Espaço», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Rush — O Homem Furacão», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Vingança Jurada», às 15 e 21.30 h (m. 16 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Dois Polícias à Solta», às 21.30 (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «A Noite do Espanto», às 21.30 h (m. 16 anos).

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Chamavam-lhe Génio», às 17 e 21.30 h (n/ac. a m. 13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Ran – Os Senhores da Guerra», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Nove Semanas e Meia», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Nome da Rosa», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Subtway – Subterrâneo», às 15.30 e 21.45 h (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «A Missão», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Os Bravos do Pelotão», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «O Nome da Rosa», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Morangos Amargos», às 15.30 e 21.30 h (int. 13 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Peggy Sue Casou-se», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «O Vingador da Noite», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «O Justiceiro de Nova Iorque», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Testemunhas de Um Crime», às 16.15 e 21.45 h (maiores 18 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Dois Polícias à Solta», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «A Espada dos Valentes», às 15.30 e 21.30 (m. 6 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Poltergeist II – O Outro Lado», às 16 e 21 h (m. 16 anos)

TORNEIRAS E FUNIS DE SAM

Sam, o conhecido cartoonista criador do «Guarda Ricardo» tem presentemente em exposição, na Galeria de Arte do Centro Comercial Fonte Nova, uma curiosa (pelo menos...) exposição de «Torneiras e Funis».

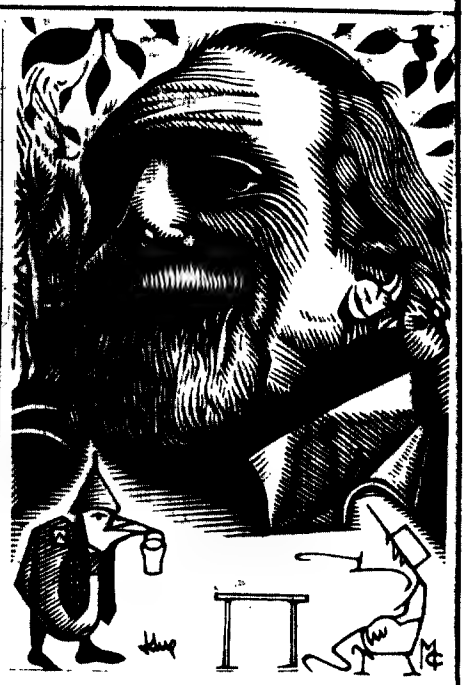
Para falar da obra de Sam, nada melhor do que transcrever algumas das palavras com que Samuel Torres de Carvalho (o próprio, obviamente) ilustra o catálogo:

«Agarro um objecto. Prendo-o fortemente na mão. Dou–lhe uma porrada. Dou–lhe outra porrada. E ainda outra. O objecto morreu. Ficou deformado. Inutilizado. Ficou outro objecto. Feito de violência mas feito com as mãos. Capaz de se mover e de crescer aos olhos de quem o fez. Outro objecto vivo.

Um funil. Um funil de boca para cima não está na cabeça de ninguem. É um funil que diz tudo o que aprendeu. Idiota. Um funil para esquecer. Invertê–lo é uma obra de caridade. Um gesto de sabedoria também. É dar–lhe imaterialidade, despojando-o de peso e sentido. É outro funil.

Pousado na cabeça de um louco, um funil é o sinal. A coerência. Uma coerência tão coerente que o louco já não precisa de ser louco: basta–lhe o funil. E o funil já não precisaria de estar, bastava–lhe saber quem era o louco. Mas a loucura é indivisível. E reconhecível pelo absurdo a que não estamos habituados. É loucura pôr um funil invertido na cabeça de um homem são. É loucura inverter um funil. É loucura pensar em funil. É loucura pensar. É loucura».

Depois disto, basta que se diga: a Galeria Fonte Nova é na Estrada de Benfica, 503.



EXPOSIÇÕES

• PÁTEO ALFACINHA: exposição «Mulheres», esculturas de Maria Antonieta Roque Gameiro.

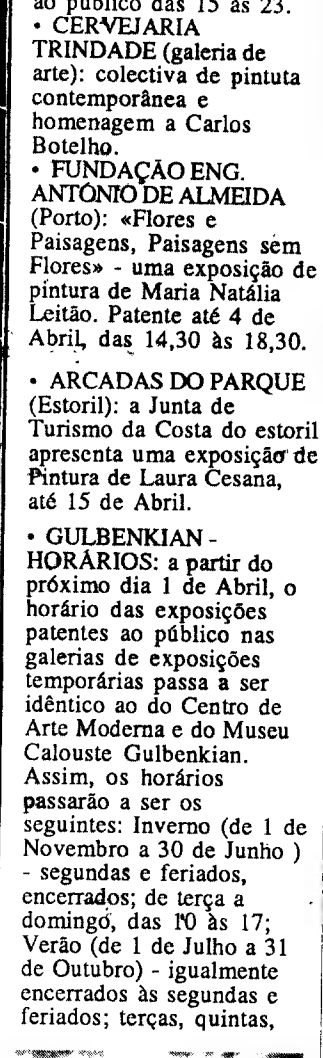
• GALERIA DO HOTEL ALBATROZ (Cascais): exposição de Pintura de Antonieta Janeiro, patente ao público das 15 às 23.

• CERVEJARIA TRINDADE (galeria de arte): colectiva de pintuta contemporânea e homenagem a Carlos Botelho.

• FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (Porto): «Flores e Paisagens, Paisagens sem Flores» - uma exposição de pintura de Maria Natália Leitão. Patente até 4 de Abril, das 14,30 às 18,30.

• ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do estoril apresenta uma exposição de Pintura de Laura Cesana, até 15 de Abril.

• GULBENKIAN - HORÁRIOS: a partir do próximo dia 1 de Abril, o horário das exposições patentes ao público nas galerias de exposições temporárias passa a ser idêntico ao do Centro de Arte Moderna e do Museu Calouste Gulbenkian. Assim, os horários passarão a ser os seguintes: Inverno (de 1 de Novembro a 30 de Junho) - segundas e feriados, encerrados; de terça a domingo, das 10 às 17; Verão (de 1 de Julho a 31 de Outubro) - igualmente encerrados às segundas e feriados; terças, quintas, sextas e domingos, das 10 às 17; quartas e sábados, das 14 às 19,30). As exposições nas galerias das exposições temporárias manter-se-ão abertas até às 18,30, apenas nos dias em que haja espectáculos no grande auditório e durante o intervalo dos mesmos, como se tem vindo a praticar.



Retrato Romântico com Romã, de Cohen Fusé

Crayon de Dourdil, numa colectiva em Torres Novas

• LOJA DE ARTE (Algés): pintura de António Sena, Catarina Castro Freire, Fernando Calhau, Guilherme Parente, Jaime Silva e Miguel Yeco; escultura de Carlos Soares, Laranjeira Santos e Quintino Sebastião. Terças, sábados e domingos das 15 às 20.

• LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): colectiva com pintura de Batarda, João Hogan, Jorge Martins, Menez, António Sena, Nikias Skapinakis e João Vieira.

• GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): exposição de Gravura de João Camacho, patente até 24 de Abril.

• GALERIA BERTRAND DO CHIADO: Pintura de Alda Nobre, Madalena Coelho e Pedro Tudela, três dos mais novos pintores portugueses.

• BIBLIOTECA NACIONAL: «A Inquisição em Portugal» - exposição bíblio-iconográfica. Até 30 de Abril, de segunda a sábado das 10 às 17.

• GALERIA DIFERENÇA (R. de S. Filipe Neri, 42): Fotografias de Ernesto de Sousa com o título «Itinerários». De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

Pintura de Laura Cesana, nas Arcadas do Estoril

• GALERIA HOLLY (L. da Trindade, 17): colectiva com novas obras de João Hogan, Mário Cesariny, Raul Perez, Barros, Cargaleiro, João Cutileiro, Joaquim Rodrigo e Gonçalo Duarte. Até 31 de Março de terça a sábado das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30, segundas das 15 às 19,30.

«O gato como motivo na obra do artista» no Atrium da Imprensa

• SNBA (R. Barata Salgueiro, 39): exposição/instalação «Fragmentário» da pintora Maria José Tomás, patente até 31 de Março.

• GALERIA DE ARTE 601 (Centro Comercial S. João de Deus): pintura de Jorge Duarte, de terça a domingo das 12 às 20.

• CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): fotografias de Jorge Molder, de terça domingo das 10 às 17.

• INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS (Av. Luís Bivar, 91): a vida e a obra de Gustave Eifel através de numerosas maquetas, quadros e reproduções, objectos e cartazes. Até 27 de Março, de segunda a sexta das 9 às 18.

• ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): «O Gato como Motivo na Obra do Artista». Obras de Mily Possoz, Ofélia Marques, Stuart Carvalhais, Foujita, Guilherme Parente, João Oom, Ló, Luís Filipe de Abreu, Mário Ossião, Ruth Tavela de Sousa, Estevão Soares, Henrique Mourato, Figueiredo Sobral, Isabel Mota, Ana Galvão e Mário Cesariny. Até 6 de Abril, de segunda a sexta das 10 às 20.

• ESCADA-Centro de Arte, CRL (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): início de actividade deste centro com a exposição de pintura de Gil Teixeira Lopes, João Hogan, Matilde Marçal, Rogério Ribeiro, Rui Filipe e Vilgílio Domingues. De segunda a sexta das 12 às 20, sábados das 10 às 14.

• FONTE NOVA-GALERIA DE ARTE (C. C. Fonte Nova - Est. de Benfica, 503): «Torneiras e Funis» de Sam.

• MUSEU NACIONAL DO TRAJE: «Bordado da Madeira 1850-1930», até 30 de Março.

• PALÁCIO NACIONAL DA PENA (Sintra): colecção de ourivesaria da Pena até 30 de Maio.

• GALERIA CETÁRIA (Setúbal): pintura de Miguel Barbosa, Boavida Amaro e Elezabeth Gois, cerâmica de Susana de Barros até 27 de Março, todos os dias das 10 às 22.

• CASA DA CULTURA (Caldas da Rainha): exposição de arte decorativa georgiana, organizada pela Associação Portugal-URSS. Uma mostra da arte da República da Georgia, com especial destaque para as suas formas mais significativas: cerâmica, cinzelagem, trabalhos em madeira e em pano. Patente até 30 de Março, todos os dias úteis das 10 às 12,30 e das 14,30 às 18,30, sábados e domingos das 15 às 18,30.

MÚSICA

• LOUCURAS: mais uma «quinta-feira tranquila» com Janita Salomé. Acompanhado (inevitavelmente) pela Orquestra da Felicidade do Brilho e da Glória, Janita canta dois trabalhos da sua autoria e também recriará Sinatra e Morandi. Com sotaque alentejano, já se vê...

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Lídia Aleida, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); **ALVALADE: Cartaxo**, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Vaz**, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA - IGREJA: Marques**, E. de Benfica, 648 (T. 700096); **CAMOES: Andrade**, R. do Alecrim, 125-127 (T. 322328); **CAMPO DE SANTANA: Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE: Pátria**, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **LAPA: Rodrigues & Aires**, R. da Lapa, 52-54 (T. 662246); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DEFRANÇA: Central da Penha**, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia**, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Agusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **BAIRRO MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial**, L. D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onila**, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARTIM MONIZ: Ferrão**, R. da mouraria, 12-16 (T. 860464); **OLIVAIS NORTE: Central dos Olivais**, R. Alferes Barrilharo Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar**, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes**, R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO: Correia de Azevedo**, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9, 2.º, Esq. (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T, 2403218). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Moderna**, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Piçarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas- **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Higiene**, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Permanente; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; **Bairros**, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Parque**, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS: Misericórdia**, R. do Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 4938424). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Pinto Leal**. Permanente; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEMMARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Da Misericórdia**, Vila Pendoa. 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas; **AVEIRO: Avenida**, Av. Dr. Lourenço Peixinho, 296 (T. 23865). Permanente.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO
Sextas e Sábados, às 24 h **«FARSA VOCÊ MESMO»** — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Biblioteca Nacional de Lisboa

Campo Grande, 83
De segunda a sexta, às 18.00
«AUTO DA ÍNDIA E D'OUTRAS ANDANÇAS». Sobre textos de Gil Vicente. Pelo Gurpo Persona. Adaptação e encenação de Guilherme Filipe.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00
«A MULHER DO CAMPO», de William Wycherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Música de José Mário Branco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00
«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00
«CÁ ESTÃO ELES«, texto de César de Oliveira e Varela Silva.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10
De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00
«ANATOL», de Arthur Schnizler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Sala Experimental
De terça a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30
«O DIABINHO DA MÃO FURADA». Pelo Grupo da Barraca.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31
De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00
«O MOTIM«, de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550
Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
«LISBOA, TEJO E TUDO«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65
5.ª e 6.ª, às 21.30; sábado e domingo, às 16.00 e 21.30
«MÉROPE — LIBERDADE OU MORTE!». Pelo TEAR. Encenação de CastroGuedes. Interpretação de Fátima Castro, Jorge Paupério, Jorge Mota, António Cruz, António Capelo e Jorge Pinto, entre outros.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130
De 5.ª a domg., às 21.30
«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

TEATRO ABERTO

P. de Espanha — Tel. 77 09 69
4.ªs e 5.ªs, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30
«O JARDIM DAS CEREJEIRAS», de Tchekov. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cenografia de José Manuel Castanheira.

Alges — Teatro 1.º Acto

De quinta a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00.
«ALZIRA POWER», de António Bivar. Por três elencos do Grupo Teatro Espaço. Encenação de Águeda Sena.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30, domingos, às 16.00
«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?«, de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe.

Teatro Maizum

R. Santiago, 19, Alfama — Tel. 86 55 03

Na sala do IFICT

2.ª, 3.ª e 4.ª, às 19.00; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30.

«UM JIPE EM SEGUNDA MÃO», de Fernando DaCosta. Encenação de Adolfo Gutkin. Cenografia de José M. Castanheira.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 Tel. 6866300
Diariamente às 21.30. Sáb. e dom., às 16 e 21.30
«CATÁSTROFE OU O MUDO DE SAMUEL BECKET» pelo Teatro Experimental do Porto. Enc. de Mário Viegas.

Teatro Infantil de Lisboa

Aos sábados às 16.00 **«O CHOUPO ANDARILHO»**
Domingos, às 16.00 **«O AVESTRUZ MECÂNICO»**

Teatro do Século

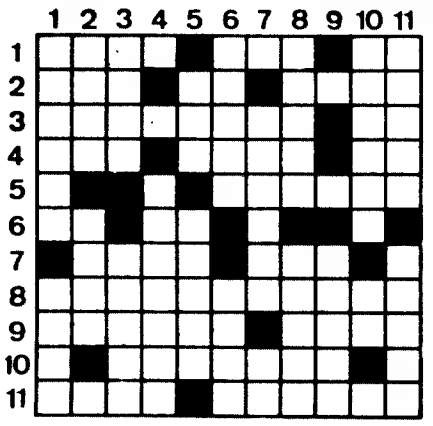
R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04
De quinta a domingo, às 21.30
«DRÁCULOS JÚNIOR«, texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00
«AQUI HÁ FANTASMAS«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 992



HORIZONTAIS:

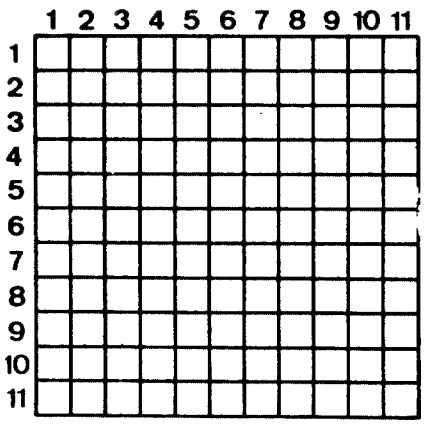
1 Aquele que. Possui. Apelido.
2 Cantão da Suíça. Neon (s.q). Boatos.
3 Esquisita. Post scriptum.
4 O mesmo que ion. Rezar. Batráquio.
5 Poisar no mar (o avião).
6 Rei de Basã, morto por ordem de Moisés. Antes do meio-dia.
7 Rangífer. Conceder.
8 Oscilarias.
9 Cidade do Estado de Pernambuco. Boatos.
10 Género de árvores americanas, cujos frutos têm a aparência de ervilhas vermelhas.
11 Nome científico do pato. Sorte (pl).

VERTICAIS:

1 Diz-se do dente chamado do siso (ant. e Bras). Lábios.
2 Nome de duas constelações boreais. Almofariz.
3 Roça em que trabalhavam escravos (Bras). Fundadora de Cartago.
4 Nome de frutos.
5 Recusa. Dá ordens.
6 Delicada (fig). Leito.
7 Cidade da Pérsia. Ondas curtas.
8 Dividira ao meio. Lugar de contenda.
9 Férteis.
10 Cochichar. Preposição e artigo.
11 Tostar. Cidade de Itália.

Recebeu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 821



HORIZONTAIS:

1 Porto e cidade de França. Venero.
2 Conciliar. Língua vernácula indiana.
3 Grande quantidade. Clima. Tempo do verbo ir.
4 Ópera de Verdi. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar.
5 Trapos.
6 Encolerizar. Serra de Portugal.
7 Equipais. Aves pernaltas.
8 Esquadra.
9 Acrescentei. Sufixo que designa abundância. Zombar.
10 Roubo (pop). Descarnada.
11 Lavrar. Um dos Estados do Brasil.

VERTICAIS:

1 Espécie de palmeira, que fornece fibras muito sólidas. Fedor.
2 Barlavento. Desviar de um lugar.
3 Voltaram. Cólera.
4 Batráquio. Apre! Doutor.
5 Freguesia do concelho da Covilhã. O sono das crianças.
6 Bebedeiras (prov).
7 Preposição e artigo. Ósmio (s.q). Cidade de Itália.
8 Educassem. Clima.
9 Serra de Portugal. Triste.
10 Mamífero carnívoro da América do Sul. Acrescentar.
11 Preposição e artigo. Guarneceras de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 991**

HORIZONTAIS:

1 **QUEM. AMA. O.**
2 **Cabo. Pi.**
3 **Aturo. Moab.**
4 **Lança. Ras.**
5 **Ava. Irites.**
6 **Ri. Ates. Cãs.**
7 **Ortos. Vla.**
8 **Flor. CCÍ. Tl.**
9 **Ea. Alás. Or.**
10 **Irá. Halas.**
11 **Cremasses**

VERTICAIS:

1 Quarar. FEIO.
2 Violar.
3 Écula. Ro. AC.
4 Mara. Atra.
5 BONITO. LHE.
6 Ao. Cresciam.
7 Mais. Cala.
8 Aio. Visas.
9 PARECE. SS.
10 **Basalto.**
11 Saíras.

PPROVÉRBIO: Quem ama o feio, bonito lhe parece.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15 820**

HORIZONTAIS:

1 **Ba. Abre. Uma.**
2 **Ama. Airó. Ás**
3 **Giraram. Ena!**
4 **Aa. Sr.**
5 **Doaras. Aí.**
6 **Será. Sá.**
7 **Pás. Ga.**
8 **Simularias.**
9 **AC. Morar. Ar**
10 **Bateras. Arl.**
11 **Ares. Eras.**

VERTICAIS:

1 Bagodá. Sabá.
2 Ami. Picar.
3 Arearam. Te.
4 Sumes.
5 Brras. Rol.
6 Ria. Segaras.
7 Erma. Raras.
8 Aba. Ir.
9 Aa. Ar.
10 Mansas. Sara.
11 Asariam. Ris.

Radio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.00: Efeméride musical; **16.10**: Suite sinfónica, «OTúmulo de Couperin», de Ravel; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Histórias da história; **17.40**: Panorama da obra de Alban Berg; **18.21**: Solos de cravo; **18.40**: Música instrumental; **19.00**: Integrais; **19.33**: Música; **19.45**: Folhetim, 3.º episódio de «Os Avieiros», de Alves Redol; **20.05**: Música; **20.40**: Música para violino; **21.00**: Histórias de música e outras; **21.30**: O compositor interpretando a sua obra; **22.00**: Música vocal comentada; **23.45**: Concerto sinfónico; **00.50**: Último andamento e resumo; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Cantar português; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

TELEVISÃO

RTP 1

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
«Pica Pau» e «O Regresso da Lâmpada Maravilhosa»

18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
54º Episódio: - Ante o espanto de Helena, Oswaldo diz a Julieta que a senhora se esqueceu das chaves do carro e que ele vem trazê-las. Helena despacha a empregada e tenta saber de Oswaldo o que é que aconteceu a Angelina. Ele responde enigmaticamente, dá-lhe as chaves do carro e recomenda-lhe que não tente saber muitas coisas, deixando no ar uma ameaça velada de que em breve vai voltar. Óscar liga para Lurdes às escondidas de Rosa para saber notícias de Mina e fica ciente de que ela viajou com Simão. A ideia de que a filha vai viajar com aquele homem deixa-o muito preocupado. Fátima fala com Rui sobre a paixão da irmã e este diz-lhe que Francisco não está apaixonado por Joana, mas apenas divertido com a companhia dela. João e Margarida chegam a casa e ela sente-se muito abatida. João está preocupado e procura marcar novos exames. Julieta e Pompeu conversam, mas entra Isabel e diz-lhe que vá ver a mãe que se sentiu mal. Pompeu propõe a Julieta casarem e irem viver para o Canadá.

20.45 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo
5º Episódio: - Willie reúne a família para discutir o orçamento mensal, pois as despesas subiram vertiginosamente desde a chegada de Alf. Aquela estranha criatura de 202 anos não só deixa torneiras sempre abertas como faz chamadas telefónicas transcontinentais e como desalmadamente. Alf decide então procurar um emprego para ajudar a família a pagar as contas e arranja trabalho como vendedor de produtos de beleza!
Realizadores: Tom Patchett e Peter Bonerz

21.15 - Face a Face
21.45 - Operação Cogumelo
1º Episódio: A história passa-se essencialmente em Londres e o tema centra-se numa conspiração montada para assassinar o professor David Sokarev, um físico israelita, defensor da paz, durante a sua estada em Inglaterra. As autoridades israelitas e inglesas descobrem o plano - operação Mushroom (Operação Cogumelo) - mas não conhecem os pormenores. Têm conhecimento de que vai ser praticado um atentado contra a vida de Sokarev, mas não sabem quando nem como. E a acção desenvolve-se plena de «suspense», de perseguições e intriga, num clima cada vez mais envolvente.
Realizador: Michael Ferguson

22.30 - 24 Horas
23.00 - Remate

No 1º canal, às 21.45 , «Operação Cogumelo»

RTP 2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
Walsh, futebolista do Salgueiros

17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
Futebol: - Mundial 66

19.00 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
116º Episódio: - Flemington, proprietário de uma companhia que faz modelos de navios, adora conversas náuticas e muito barulho - Em casa descontrai-se com discos de batalhas navais. A sua mulher, com quem estava casado há vinte anos, vai-se embora à procura de sossego, e Flemington fica muito feliz, pois vai passar a poder fazer barulho sem a ouvir queixar-se.

Mas nessa noite uma bizarra transformação ocorre: os sons mais triviais - o gotejar da água, o tic-tac dos relógios - começam a enlouquecê-lo.
Realizador: Ron Winston

No 2º canal, às 20.05, 5ª Dimensão

20.30 - Uma Familia às Direitas
92º Episódio

21.00 - Jornal das Nove
21.35 - A Quinta do Dois

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.55 - Palácio dos Sonhos
21.50 - Tudo é Espectáculo
22.50 - Festróia
23.40 - 24 Horas
00.10 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.15 - Nino Show
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Contraponto
22.35 - Meu Filho, Meu Filho
23.35 - Uma Boa Ideia

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abra lde e marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

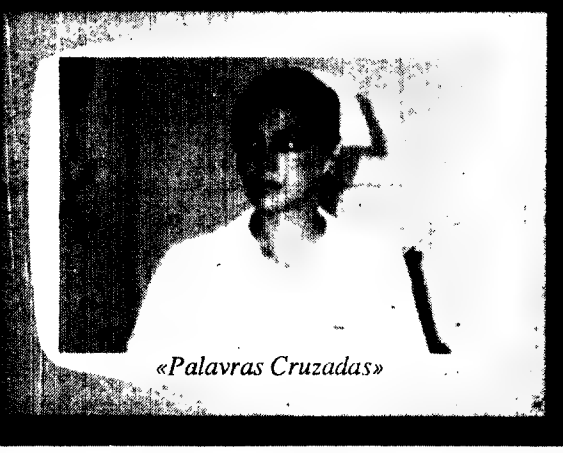
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1 — Operação Cogumelo

RTP 2 — A Quinta do Dois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telef. 413975/0



«Palavras Cruzadas»

PORTE PAGO

DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00
DEPOSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

A Associação 25 de Abril elegeu novos corpos gerentes, passando o general Garcia dos Santos a presidir ao Conselho Fiscal, em substituição do general Rangel de Lima. Vasco Lourenço mantém-se como presidente da direcção e Vítor Crespo como presidente da Assembleia Geral. Na reunião efectuada na segunda-feira foi ratificada a admissão de 42 novos sócios efectivos e de 388 novos apoiantes.

Presidência da República em Loures?

"Proposta do PSD quer caricaturar acção política do Presidente"

— considera vereador do PS

Uma proposta formulada em Assembleia Municipal por José Miguel Júdice, apresentada e recusada no passado dia 24 pela Câmara para que a Presidência da República se instalasse durante uns dias em Loures para conhecer os problemas daquele concelho, foi considerada por Vitor Ramalho, vereador do PS, como querendo «caricaturar a acção política do Presidente da República».

A recusa do PS e da APU em votarem favoravelmente a proposta apresentada pelo vereador social–democrata João da Mata levou a que a comissão coordenadora do PSD de Loures saísse publicamente com um comunicado no qual critica o comportamento daqueles vereadores.

Particularmente visado no texto é o vereador Vitor Ramalho, que desempenha funções de consultor em Belém, o qual, depois de instado declarou ao «DL» que, «como cidadão, e apenas nessa qualidade, votei de facto contra a proposta apresentada pelo ridículo total da mesma». «Como se sabe, o concelho de Loures faz parte do distrito de Lisboa, e existem mais de 300 concelhos no país, e quem deve determinar a oportunidade das deslocações, e onde as mesmas se efectuam, é lógicamente o senhor Presidente da República, sob pena de, de outro modo, se pretender caricaturar a acção política do mais alto magistrado da Nação», sublinhou.

«É lamentável», concluiu Vitor Ramalho, «que o PSD pretenda envolver a minha pessoa, com funções de outro tipo, com o objectico claro de cercear o direito de qualquer cidadão de denunciar o que não vai bem no país, concretamente, a grave situação social que se vive».

Por seu lado, Severiano Falcão, presidente da Câmara de Loures, declarou ao «DL» duvidar da sinceridade da proposta, «pois pareceu–me que era caricata e ofensiva do senhor Presidente da República». «As deslocações do Presidente da Republica têm–se realizado a distritos longe de Lisboa, e o concelho de Loures está no distrito de Lisboa, onde igualmente está a Presidência da República», prosseguiu o autarca, sublinhando que «o senhor Presidente conhece os nossos problemas».

Abordando outras razões de rejeição, Severiano Falcão assinalou que «o PSD não existe na Câmara de Loures, porque a lista concorrente era do PS, onde estavam integrados, como independentes, elementos sociais–democratas». E, a concluir, o presidente da edilidade realçou que «isto é de um oportunismo muito grande, e eu só posso sorrir ao ver este apego dos vereadores do PSD ao senhor Presidente da República».

Agente da Guarda Fiscal que matou médico em Setúbal já está a ser julgado

Já está marcada para o dia 1 de Abril a leitura da sentença referente ao caso do médico que foi morto por um agente da Guarda Fiscal, na Serra da Arrábida, em Janeiro de 1985. O julgamento começou ontem, com a acusação formal de homicídio involuntário contra o soldado daquela força, Salgueiro Fernandes, de 26 anos. À acusação formulada corresponde uma pena entre seis meses e dois anos de prisão.

Recorde–se que se trata de um caso que teve grande repercussão junto da opinião pública, pelas circunstâncias em que ocorreu e pelos desenvolvimentos que teve. Em causa estiveram desde o início a descrição dos acontecimentos, particularmente por parte dos elementos da Guarda Fiscal envolvidos e pela acompanhante do médico na altura em que o carro foi alvo dos disparos indubitavelmente da autoria dos soldados da GF.

A defesa do agente da Guarda Fiscal tentou ontem explorar algumas contradições nos depoimentos já feitos, tendo mesmo o advogado chegado a insinuar que a acompanhante e o médico Romão Macedo se teriam deslocado à zona do Portinho da Arrábida para algo mais do que «tomar uma bica».

Mas de facto a questão de fundo será o facto de o carro do médico ter sido alvo dos disparos, ao que parece por confusão com a carrinha usualmente utilizada por contrabandistas que se movimentam na região.

Igualmente importante é o esclarecimento das condições em que se processaram os disparos fatais, nomeadamente se houve ou não sinal de parar por parte dos homens da GF, e se os tiros foram feitos de frente ou quando a carrinha já tinha passado por eles.

DECLARAS

ALVARO BARRETO ministro da Agricultura, quer «contacto com os agricultores» para que a aplicação dos mecanismos da CEE tenha o resultado desejado. O membro do Governo falava em Mirandela, ao empossar o novo director Regional da Agricultura e aproveitou para salientar a importância de o seu gabinete ter sido este ano reforçado em 80 por cento com as verbas postas à disposição pela CEE para o sector agrícola nacional.

AMÁLIA, o regresso aos palcos a 3 e 4 de Abril, no Coliseu dos Recreios, em espectáculo que promete ser de «entrega total» da sua parte. Segundo o director artístico de Amália, o espectáculo foi difícil de criar porque ela queria apenas, em palco, «um pano preto e os guitarristas». Mas acabou por prevalecer uma outra dimensão cénica para as 25 canções que constituem cada um dos espectáculos: uma grande foto da artista.

JAIME CORTESAO vai ser editado pela Biblioteca Nacional no que se refere a alguns aspectos significativos da sua vida e dos seus escritos que permanecem ainda ignorados ou vagamente conhecidos do grande público. Estão em causa, particularmente, os seus textos de intervenção cívica e a correspondência que terá subscrito durante os primeiros anos do fascismo em Portugal, até ao início da Segunda Guerra Mundial. São desta fase as «13 cartas do cativeiro e do exílio (1940)».

FRANCISCO BALSEMAO pediu ontem aos deputados, em nome da Sociedade Independente Comercial, de que é líder, para acelerarem a abertura do sector da televisão à iniciativa privada portuguesa. Esta diligência é desencadeada em vésperas de um debate parlamentar sobre o tema. O documento considera não ter sentido a manutenção do monopólio da RTP quando já se estima que uma vintena de pequenas emissoras piratas de televisão emite entre nós. «Trata–se de definir e concretizar uma resposta portuguesa para um objectivo estratégico nacional», considera Balsemão em reforço do seu desejo de que lhe sejam, a ele e à SIC, abertas portas neste domínio.

JOSÉ APOLINÁRIO, secretário–coordenador da Juventude Socialista, encontra–se hoje na sede nacional da Juventude Social Democrata, com o respectivo responsável, Carlos Coelho, pra um debate de um conjunto de temas referentes à juventude portuguesa. Entre os pontos que serão objecto de análise estão o desemprego juvenil, a droga, o projecto de lei de enquadramento jurídico das associações de estudantes e de menores de 18 anos, e órgãos de participação juvenis (Conselho Nacional da Juventude e Conselho Consultivo para a Juventude). Nesta óptica poderão nascer formas de cooperação entre as duas organizações, JS e JSD.

FERNANDO AMARAL, Presidente da Assembleia da República, receberá amanhã uma delegação do executivo distrital de Viseu do Sindicato dos Professores da Região Centro/Fenprof. Integram esta comissão, além dos dirigentes sindicais, um grupo de professores aposentados do distrito que são portadores de um abaixo–assinado a entregar a Fernando Amaral e aos partidos com representação parlamentar.

Soares leva ao Congresso brasileiro o exemplo de Portugal

O Presidente da República, Mária Soares, manifestou esta manhã, em Brasília, a convicção de que o Brasil «vai encontrar com a democracia a hora do seu máximo desenvolvimento e da afirmação do seu prestígio no mundo». O Presidente português falava numa sessão solene das duas Câmaras do Congresso brasileiro, que formam, em connunto, a Assembleia Constituinte.

No seu discurso, Mário Soares lembrou que Portugal é um país «que conseguiu ultrapassar 50 anos de ditadura e 14 de guerras coloniais, que fez a descolonização, reabsorveu quase um milhão de retornados dss antigas colónias, reestruturou a sua vida económica e criou novos equilíbrios financeiros externos». Isso, acrescentou, «no pluralismo, em paz e na democracia conquistada com a revolução de 25 de Abril de 1974».

É um país que tirou desse período complexo, mas criador e exaltante, e da consolidação do regime democrático, ensinamentos inestimáveis, que amadureceram as suas gentes e nos ajudam agora a enfrentar com sucesso os novos desafios da modernização e do desenvolvimento».

Mário Soares referiu–se à adesão à Comunidade Europeia, onde Portugal fala «a linguagem da fraternidade com todos os povos que em outros continentes partilham connosco dos mesmos ideiais e comungam dos mesmos valores culturais». «Aí seremos os defensores da solidariedade irrecusável que é devida aos países que ainda se debatem com graves problemas de subdesenvolvimento, de assimetrias sociais e regionais, de dívida externa, numa palavra, de estrangulamento dos meios para o seu progresso económico e cultural», sublinhou.

Mário Soares afirmou que Portugal defende «a cooperação internacional entre todos os países, independentemente dos seus regimes ou culturas, priveligiando naturalmente a defesa e a salvaguarda dos direitos humanos, da liberdade e da democracia».

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Clip

■ Grande Prémio APE

ESTÁ marcada para 29 de Abril a conferência de Imprensa em que será divulgado o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores 1986. O prémio, que este ano volta a valer mil contos, será depois entregue em cerimónia pública também já marcada para 16 de Maio. Nos últimos anos, foram premiados, sucessivamente, José Cardoso Pires (*Balada da Praia dos Cães*), Agustina Bessa-Luís (*Os Meninos de Ouro*), Mário Cláudio (*Amadeo*), e António Lobo Antunes (*Auto dos Danados*).

Já indigitado e a funcionar, o júri que este ano está a apreciar as obras de ficção de autores portugueses saídas em 1986 ainda não foi formalment nomeado.

■ Loures convida

SÁBADO 28 às 15h30: a hora e a vez de Baptista-Bastos e de Manuel da Fonseca, convidados pela Câmara de Loures para falarem, no Museu local, sobre «A Obra, o Homem e a Sociedade».

■ Dennis McShade

DINIZ Machado apareceu mascarado de Dennis McShade (mas a inversa também é verdadeira) na terça-feira à noite, no «Quarteto». Motivo: o lançamento, pelo *Círculo de Leitores*, dos três romances policiais que o autor de *O que diz Molero* publicara antes deste. São eles: *Mão Direita do Diabo*, *Requiem para D. Quixote* e *Mulher e Arma com Guitarra Espanhola*.

■ Simpatia de Sarney

A Assembleia Geral da APE vai votar uma proposta da direcção tendente a tornar o presidente brasileiro José Sarney sócio honorário da instituição. Entretanto soube-se que Sarney ofereceu à APE os seus direitos de autor sobre o livro, de sua autoria, publicado pela Bertrand quando da sua visita a Portugal, no ano passado.

■ Batedor da embaixada

CÁCERES Monteiro lançou no «Banana Power» o seu livro de reportagens sobre a «Amazónia Proibida», segundo o autor «o último lugar do mundo onde a aventura ainda é possível». Lançamento tão mais oportuno quanto é verdade que o Presidente Soares tenciona visitar a região durante a sua presente visita ao brasil. Não sabemos que aventuras lhe serão ali possíveis, mas agora é certo que Soares terá em «Amazónia Proibida» o indispensável — e até agora inexistente — *Guide Bleu*.

■ Prelos da Assírio

PROGRAMADOS para breve na Assírio e Alvim estão *Moradas I* e II de António Franco Alexandre, poesia, *As tendas de canela* de Bruno Schulz traduzido por Aníbal Fernandes e *A noite da iguana e outros contos*, de Tenesse Williams, traduzido por José Agostinho Baptista. Mais tarde virão *A Sílvia de Lizardo*, que Fiama Hasse Pais Brandão atribui a Frei Bernardo de Brito, o *Anuário de Poesia 87* (em fins de Maio) e *Meu coração é árabe*, uma antologia de poetas árabes nascidos em Portugal antes da reconquista.

A Assírio também publicará poemas de Arsenii Tarkovski, pai de Andrei, o cineasta recentemente falecido, um novo Novalis traduzido por Fiama...

■ Os doze de ouro

O Instituto Português do Livro editou um desdobrável sobre «A Literatura Policial» assinado por A. Varatojo. Um texto de apresentação do género, uma selecção de cem títulos e outra especial, intitulada *A dúzia de Ouro* compõem este desdobrável de que foram tirados 25.000 exemplares. Eis a lista de doze títulos proposta pelo autor: *O assassinato de Roger Ackrovd*, col. Vampiro n.º 7, de Agatha Christie. Reimpresso na Vampiro Gigante com as completas da autora, vol. 3. *O último caso Trent*, E. C. Bentley, col. Vampiro n.º 40. *Os crimes do bispo*, S. S. Van Dine, col. Vampiro n.º 6. *Três à porta do lobo*, Rex Stout, col. Vampiro n.º 172. *A inocência do Padre Brown*, de G. K. Chesterton, col. Não Incomode, Gradiva. *Seis homens mortos*, Stanislau André Steeman, col. Os melhores Romances Policiais n.º 1, Clássica Ed. *O mistério da escada de caracol*, Mary Roberts Rinehart, col. Vampiro n.º 12. *O caso da jovem arisca*, Erle Stanley Gardner, col. Vampiro, n.º 9 ou Vampiro Gigante n.º 1. *Crime Perfeito*, Dorothy Sayers, col. Vampiro n.º 28. *Obras Completas de Sherlock Holmes*, Arthur Conan Doyle, col. Vampiro Gigante n.º 1, entre outras. *O Anjo Negro*, William Irish, col. Os melhores romances policiais, Clássica Ed. E *As noites de Sing-Sung*, Harry Sthephen Keeler, col. Mistério e Acção, Ed. O Século.

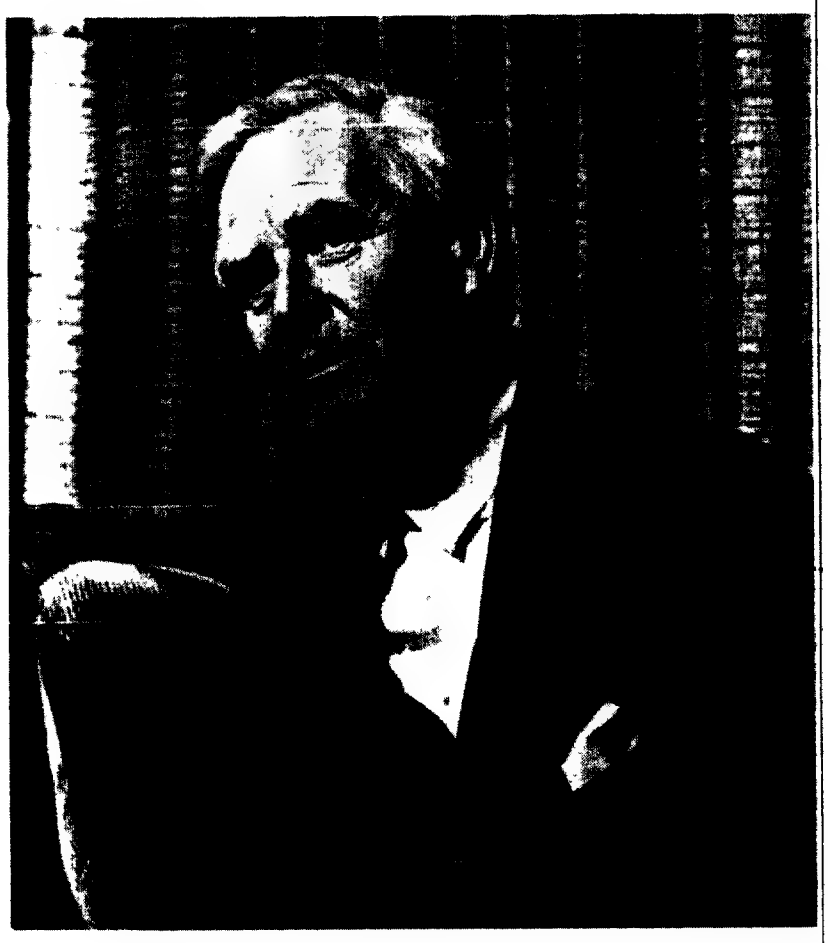
Varatojo acrescenta que a ordem dos títulos é arbitrária e lamenta que estes doze títulos estejam na sua maioria, esgotados. Todos os publicados na Vampiro são, como se sabe, da Livros do Brasil.

Sobre o último Le Carré

Um Espião Perfeito ou a lógica das duplicidades

Quando um espião rodado na *upper-class* diplomática sente explodir o universo das suas contradições e quer ver caídas as suas múltiplas máscaras, mantém a sua eficácia? Pode ele saldar as suas contas consigo próprio e com os seus diversos passados sem se transformar no principal objecto de todas as caçadas?

Por Noémia Ribeiro



UM livro sobre a metafísica do espião, que veicula uma tese sintetizada pelo próprio autor: o melhor agente é sempre um agente duplo; *porquê?* A resposta terá de ser encontrada na história da duplicidade que faz o próprio agente. História familiar, psicológica, história da sua inserção social, dos riscos que lhe é indispensável correr, do fio da navalha sobre que corre.

Em *A Perfect Spy* está tudo isto: John Le Carré tinha-se tornado num «best-seller» entre os autores de novelas de espionagem que já nasceram fora dos formatos de bolso. Muitas vezes apressadamente traduzido, mais vezes ainda gabado apenas para a publicidade, fez um vasto público e impôs uma obra de dez livros (este é o undécimo).

Mas eis que neste undécimo se alonga, e resolve saldar uma série de contas pessoais. Ele próprio, David Cornwell (Le Carré é um pseudónimo literário) foi em tempos agente da britânica *Intelligence*. E oseu pai, Ronald Cornwell, um perito em negócios agindo exclusivamente para seu benefício pessoal, exímio na vida social e na persuasão, esteve preso e correu como candidato a deputado em eleições parlamentares.

No livro, Magnus Pym é um adulto em quem vive uma criança que nunca cresceu, nem ultrapassou o «estado do espelho» onde narcisicamente cultiva as suas *performances*. Mas Magnus Pym é também um homem de meia-idade extremamente bem sucedido, lançado para uma carreira diplomática que lhe serve de cobertura à sua tarefa dissimulada e principal, a de agente secreto.

A vasta novela etá concebida por «sketches», cortes temporais e espaciais que propõem a complexidade de um presente narrativo enriquecido por memórias de toda a vida passada do «Herói»: em primeiro plano a figura de Rick, o pai, que acaba de morrer, e que corresponde muito exactamente ao que se sabe de Ronald Cornwell. Em segundo plano a actual mulher, Mary, e uma primeira mulher, além do filho Tom a quem grande parte do texto é dedicado ou destinado, como obra testamentária ou estranho memorial de um homem que, vivendo na dissimulaão, na máscara e no disfarce, se sente, passados os 50 anos, apanhado numa ratoeira física e psicológica totais: os seus superiores devem ter conhecimento de que ele passou informações a um agente soviético, mas ao mesmo tempo ele sente-se imprestável como marido, pai, amigo. A «caçada» é múltipla, ou o cerco é total, mesmo para um perfil sistematicamente preparado para ambos.

Especialista apaixonado da caça ao homem, Le Carré faz de si um caçado: Magnus Pym será muito claramente um ego alternativo, aquilo em que transparentemente ele se teria tornado se não tivesse passado a escrever sobre a acção em vez de agir? É provável. Le Carré disse sobre este livro, quando ele saiu, há um ano, em Inglaterra (transformando-se imediatamente em mais um «best-seller»), que ele o perseguiu ao longo de muitos anos: várias vezes tinha começado a escrevê-lo, outras tantas novas histórias se lhe sobrepuseram. Como no sonho que se esvai para não se deixar contar e interpretar, Magnus Pym terá custado mais a Le Carré do que qualquer outro dos seus personagens. Ele faz as contas com o pai, indaga sobre a realidade e verdade de dois casamentos, sobre que herança poderá transmitir, sobre que forças movem as suas amizades. E acha-se exausto, capaz apenas de organizar uma fuga definitiva — à própria mulher e às relações mais imediatas, que, aliás, se articulam directamente com o seu submundo profissional, secreto e indizível.

Cindido, partilhado entre existências contraditórias, cultivando uma tensão extrema sem a qual não é eficaz a *performance* narcísica que o alimenta, Magnus Pym acabou por dobrar o cabo das maiores tentações, «vendendo-se ao inimigo», ou pactuando com ele. A traição gera comprazimento no Mal, faz agir a lógica implacável do duplo que é o *corpus* fundamental do personagem: múltiplo até ao paroxismo, ele acaba por ritualizar a sua própria perda, como que desencadeando um poderosíssimo mecanismo de autopunição: defintivamente, não terá saído da «fase do espelho»...

«Um Espião Perfeito»: metafísica do agente duplo e exercício de expiação, tanto mais que diante de Pym se levanta, difusa e distante, a imagem culpabilizante de um filho a quem ele já só pode «dizer a verdade» escrevendo.

Mas ao mesmo tempo, as melhores qualidades de narrador eficaz de Le Carré: primoroso inventor de caracteres, mesmo os secundários, experimentado criador de narrativas carregadas de acção tensa. Ele move-se tão perfeitamente numa ceia diplomática como na humidade de uma praça que amanhece, contando ou lamentando o amor e a amizade como desencadeando o *horrôr* da caçada. E nada disto desapareceu deste último romance: os seus leitores habituais reconhecê-lo-ão por inteiro aqui.

Ligeiramente apressada a tradução, ligeiramente gralhada a edição, nenhuma das maleitas pesa suficientemente no livro para tornar incómoda a sua leitura, ao contrário do que, infelizmente, acontece hoje amiúde com as obras saídas de prelos nacionais.

Está dio e redito que se trata do melhor texto de John Le Carré. Resta acrescentar, com inteira justiça, que desta vez ele saltou a fronteira da «novela de espionagem», instalando-se no espaço da grande literatura. ■

Um Espião Perfeto, John Le Carré, Publicações Dom Quixote, col. Ficção Universal, tradução de Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira.

«Dilúvio de Chamas», David Rodrigues, AJHLP, Porto, 1985

SEGUNDO a bibliografia que vem indicada neste último livro, a carreira literária, digamos assim, de David Rodrigues começa com *O Rito do Pão*, poesia (Centelha, Coimbra, 1981). Seguem-se *Troféus de Caça*, narrativa (id., 1982) e *Presépio de Pão*, contos (Viana do Castelo, 1984). *Dilúvio de Chamas* (AJHLP, Porto, 1985) é, pois, o quarto título da actual bibliografia do A. e o segundo de poesia.

Não tem aqui grande pertinência, mas sabe-se que D.R. já tinha publicado alguns livros antes de 1981. Vem depois, a riscá-los da bibliografia. Motivos; óbvios e muito comuns: trabalhos de juvenília, a dada altura deixa de haver uma identificação minimamente (e positivamente) sentida em relação a eles, ou, pelo menos, passa-se a considerar que eles já não representam alguma coisa de significativo, no sentido de que perdure como vivo e actual.

O Rito inaugura, pois, o processo presente da obra deste autor. E que é esse livro, em 1981, para o processo em curso da poesia portuguesa? Há já um mínimo de discurso feito à volta dele e a envolvê-lo. Estão aí assinaladas duas ou três qualidades cujas designações, pelo menos, serão de reter: atenção e interesse em relação ao real, exigência (auto-exigência) de rigor — construtivo, expressivo. Interesse ou atenção para com o real, só por si, não se tratará do que chamamos qualidade. Já a exigência de rigor tem outras implicações — e, desde logo, a relação com o real aparece aí fortemente questionada. Por certo conhecedor do estado de saturação em que as diversas poéticas do realismo então se encontram no processo global da poesia portuguesa, D.R., poeta de iniciação realista, entre outras coisas, não assume aí um posicionamento tutelado por quaisquer ascendentes. Por um lado. Por outro, parece fazer questão de ostentar que é na ordem duma interessada relação com o real que a sua prática poética se situa.

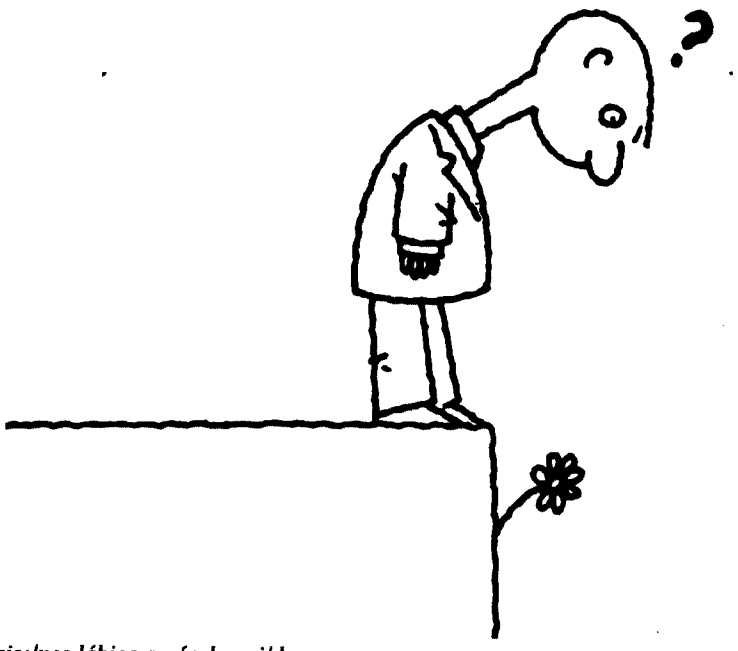
É um dilema, e estará por trás dos resultados patentes no livro. Os resultados mostram talvez que D.R. não os resolveu. Ou resolveu, mas apenas em parte.

Agora é mais este *Dilúvio de Chamas* que nos sugere tal ideia, ou tais ideias, com seu quê de contraditório.

Por um lado, há a evidência do substancial do vocabulário, das imagens, das metáforas, se virmos isso fora da organização. O processo construtivo investe muito mesmo na supressão de nexos ou na sugestão deles, com seu quê de forçado, visando como efeito uma violência semântica que precisa, por vezes, muitas vezes, talvez de mais, do auxílio de certos atritos para se sobrepor à froixidão. Uma estranha convulsão passa ao longo de todo o poemário, abala-o quase poema a poema, passo a passo de cada poema, e fica-se sem saber se isso resulta dum efectivo trabalho ou se apenas se trata duma condicionante desse trabalho, que, em tal caso, não se chega a realizar.

Por outras palavras, não se vê que tal efeito resulte de alguma estratégia reflectida da linguagem e do seu processamento no poema, portanto, como unidade poética fundamental (não mínima).

Se é preciso exemplificar, pode-se ir ao poema qu dá título ao livro. É assim: *«Desejo-te única como/a palavra: fogo que um verso procura/deter: nas mãos a água ilude/a boca e a sede pede*



mais:/nos lábios a pérola cai/do orvalho todas as manhãs: a pétala/o corpo adorna o poema/veemente: dilúvio de chamas/prestes, a barca/urgente do amor desmedido».

Não serão propriamente palavras — e imagens, metáforas, — coladas umas às outras, sem qualquer nexo, e uma leitura entrevê com relativa facilidade os limites e a estruturação mínima do campo de significações que aqui intenta. Mas tal leitura ou tropeça nos excessos verbais (investimentos excessivamente concentrados na imagem, na metáfora, com prejuízo da sua integração textual e discursiva), ou perde-se nos meandros vazios duma desconexão. Aparentemente, esta desconexão resulta duma aplicação processual, — da elipse, recurso privilegiado da estratégia discursiva do A. Mas a tradição deste recurso é já demasiado longa e numerosa para não deixar correr grandes riscos (de perdição) a quem a use como mera formalidade, ou quase, como tenderá a ser o caso de D.R. E, neste caso, há ainda o recurso ou um expediente clássico: a passagem de verso para verso, ou de estrofe (?) para estrofe faz-se com cortes de palavras e elisões sintácticas quer-nos parecer que sem grande prevenção de riscos. Cega-se a suspeitar de alguma arbitrariedade.

É sensível, pela visível preocupação de rigor formal, que D.R. se situa numa linha de continuidade em relação a uma das mais fortes traições da poesia portuguesa das últimas décadas, o realismo. Mas o A. parece ignorar o que já se fez neste âmbito e no tocante ao discurso — desconstrução, reconstrução —, enveredando por um formalismo rigorista (ou rigorismo formalista) que se traduz numa economia exasperada de meios, sobretudo no domínio da articulação. E uma metafórica e uma imagética que pareceriam duma soberba exuberância acabam or apagar-se num labor verbal vigiado em demasia.

É evidente que D.R. evita os caminhs da fcilidade expressiva, uma vez que tem, ascendendo sobre o que faz, a noção de que a poesia é uma actividade e o poema, principalmente, uma construção. Mas o que destes poemas resulta é a ideia de que tal oção está a ser aplicada com excessiva severidade, de tal modo que os resultados se afiguram, por vezes, uma distorção, uma disformidade.

É questão, talvez, de rever certos conceitos, pôr em causa a noção deles que preside ao fazer do poema. Mais concretamente, talvez se possa dizer que seria importante uma maior atenção ao que tem vindo a fazer-se na poesia portuguesa nos últimos anos. As referências ascendentes de D.R. são já alguma coisa *histórica* e, nos últimos anos, tem-se avançado muito por outros caminhos que não os de uma ostentação de tecnicismo deliberado e autolimitativo de capacidades expressivas, não raros, — como parece ser o que aqui se faz.

Tal como D.R., não somos adeptos duma poesia expressiva, somente expressiva, — mas também não nos parece aceitável que se mantenham, na prática actual, certos processos cujas potencialidades efectivas (de produção, de produtividade de efeitos) já se apresentam há algum tempo num estado de pelo menos aparente saturação.

O Rito do Pão sugeria que se investisse alguma expectativa neste segundo livro. *Dilúvio de Chamas* parece não avançar muito em relação ao livro anterior.

L.M.R.

RUI ZINK

HOTEL LUSITANO

Um olhar satírico sobre o país que somos

Dois jovens americanos vêm a Portugal e vêem, numa perspectiva muito própria, uma Lisboa que, provavelmente, muitos de nós não conhecemos. Pelo menos da mesma maneira.

Uma estreia na ficção de Rui Zink que, com esta obra, nos apresenta uma visão diferente de Portugal e da sua primeira cidade, das suas gentes (algumas), dos comportamentos, da maneira de ser.

Dito de outra maneira: «Imagine-se Portugal visitado por marcianos. Que pensariam eles de nós, disto, que já no século passado Eça definia como não sendo um país, mas um 'sítio, aliás, muito mal frequentado'?»

UM NOVO LIVRO DE AUTOR PORTUGUÊS

À VENDA NO SEU LIVREIRO HABITUAL

EUROPA-AMÉRICA...

...a memoria no futuro

«O Beijo» — Eduardo Brum

«*A história que passo a contar deu-se numa terra onde as pessoas tinham uma dimensão física singular.*»

É assim, em jeito de «entrando a matar», que Eduardo Brum inicia o seu mais recente livro: *O Beijo*.

Trata-se de uma novela. Por conseguinte, 150 páginas de uma história concisa, de acção concentrada e veloz, crescendo sempre de intensidade até ao culminar final, até ao imprevisível (mas inevitável) termo da tempestade que se desencadeia naquela estranha vila de gigantes. Sim, gigantes: homens, mulheres e crianças cujas vidas decorrem entre um casario trôpego e desconjuntado e uma taberna onde todos os desafios se apostam, e as fúrias explodem ou sufocam no torpor do álcool em que os monstros tolhem os cérebros.

Esta última frase podia, se um pouco melhorada, fazer parte do universo estilístico em que Eduardo Brum, com particular felicidade, envolve a sua narrativa, nunca recorrendo ao discurso directo. Com efeito, as frases alongam-se e é o próprio narrador, isto é, o próprio livro, quem explica porquê:

«*... a história teve necessidade de trazer frases gordas como alimento, a fim de espelhar com rigor as referidas grandiosidades, que as limitações do espaço, em vez de amarfanhar, antes aumentavam, frequentemente, quase ao ponto de uma rebentação de costuras.*»

Temos, pois, o cenário preparado: uma aldeia constituída por famílias expulsas de outras localidades, morando em casas onde os seus corpos mal se conseguem mover, numa promiscuidade rasteira: «*E a partir de então, escorraçados os monstros como terríveis leprosos para os confins da Terra, tudo era possível de acontecer, desde o maior amor ao ódio mais sublime e carregado de vingança contra o destino.*»

É aqui que as duas personagens principais vão inscrever o seu beijo, perdão, o seu ódio: «*Júlio e Noé, de seus nomes, olharam-se e pronto. Foi uma aversão definitiva, funda, sem remédio.*»

É uma história recheada de várias histórias, onde acontecem coisas quse inverosímeis: um homem que resiste a ser esquartejado por vinte e quatro camiões e depois os destrói e esventra ao pontapé e à cabeçada. Uma mãe falecida que escreve do céu uma carta com letras douradas em que assegura que Deus confirma ser o seu filho o homem mais forte do Mundo. Uma cadela que dá à luz uns tristes seres com cabeças humanas e corpo de cão. A cândida sordidez que se instala como um cheiro incurável nos quotidianos das mulheres, guardadoras das casas; dos homens, beberricadores de bisca e dominó na taberna; e dos gigantinhos, espojados nas ruas, em brincadeiras de leitõezinhos abandonados ao deusdará.

A isto se acrescentam as batalhas campais dos dois homens mais fortes da Terra, as cargas inesperadas da força policial, blindada cavalaria cega enviada da cidade distante para punir a desmesura dos sentimentos dos gigantes, as discussões de mulheres em que raivas místicas se cruzam com histerias pundonorosas:

«*... o dedo apontao de Dora teve como resposta um levantamento de saias por parte da viúva, com o descobrir das nádegas abauladas em alvura, enquanto a impudica se batia, desalmadamente, em chapadas de mão aberta, que lhe rosavam as faces de um rosto pouco dado a públicas vistas, defendendo a velha ser aquele altar do seu corpo mais sagrado e imbuído de incensos que uma píxide de hóstia benta no sacrário, assim também o da filha, que lhe tinha seguido o exemplo, ou provasse a caluniadora os ditos de que era a rapariga do seu ventre quem andava de facto a perturbar os sonhos dos bêbados.*»

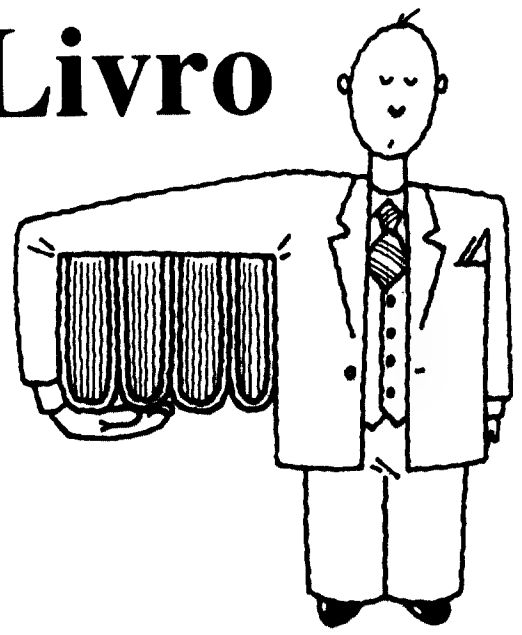
É uma fábula fantástica, esta que Eduardo Brum nos mostra. Mas, acima de tudo, é *uma realidade*. Através da ampliação fantasiosa, o que se percebe, à medida que nos embrenhamos na leitura, é que penetramos numa realidade bem real, e que o exagero da narrativa só está lá para nos fazer sentir melhor a evidência daqueles quotidianos.

Aliás, é uma técnica muito própria da arte de contar: se eu quero fazer outro sentir o que eu senti ao ver um acidente com dois feridos ligeiros, é legítimo que eu eleve para vinte o número dos feridos — e mesmo que os transforme em mortos.

Eduardo Brum, 33 anos, açoriano, emigrado na América e agora em Lisboa, nascido na fantástica terra de Rabo de Peixe, da qual esta novela é um espelho mais exacto ainda do que de tantas outras fantásticas terras deste nosso Portugal, limitou-se «apenas», pois, a fazer *uma reportagem sobre a realidade:* a reportagem que, afinal, todos os verdadeiros trabalhos literários são. E aquilo a que outros chamarão «realismo fantástico» prefiro eu, peço desculpa, designar de *hiper-realismo*.

Rui Zink

O Livro



INSPIRANDO-ME em Galileu Galilei, eu assim me inquieto: o mundo é um Livro, sobre o qual se escrevem livros, ou haverá o Livro do mundo, que antecipou o próprio mundo dos livros?

Primeiro do que a escrita, foi a palavra — esta é tão-só um dado — e com ela, não sei se a seguir, ou em coincidência, vêm as histórias fabulosas, esculpindo no tempo as impressões de um espectáculo, insustentavelmente temível e aliciante: as coisas a acontecerem. Era o Livro do mundo, a fazer-se despertar para um certo «animal» que, dos outros diferiu, apenas na leitura... Talvez porque o ponto único original ou os vários residem nas zonas do imemorável, esse «animal leitor», nunca deixou de ler, procurando, através de todos os textos, fabricar a dimensão de um texto singular que seria o seu.

A natureza, que a ela mesma se brotou transbordando em tantas outras, com a primeira aparentada, nunca se furtou a que a lessem, mas também nunca permitiu a plenitude da leitura. Depois de tanta coisa construída sobre o primeiro suporte, a escrita foi desde sempre um acto fraccionado de inscrição autónoma, de uma verdade que se reconhece, ou pretende que reconhecida seja.

O Livro é uma compilação enigmática de palavras, que, por excesso de querer dizer, se organizou pelo resumo quase infinitivamente fértil do alfabeto.

Um enigma não é propriamente um mistério, porque se luta com ele, tentando arrancar-lhe o véu, enquanto o mistério se aceita afectivamente.

Todavia o enigma da escrita transpõe a própria escrita. No momento em que se julga ter retirado o véu do conteúdo, seja ele qual for, fica-se irremediavelmente do lado de fora da força, que orientou o estilo do escritor.

Por que estará escrito assim, e não de outra maneira? Goste ou não, «do escrito assim» a pergunta é irredutível. Este é o fascínio da escrita, e do livro que a mostra. Antes de um esboço de qualquer expressão, ou antes de uma proposta ética, o Livro indica uma postura estética. A sensação corpórea pode ser ainda a da inteligibilidade, e a escrita é também o símbolo do movimento do corpo, percepcionando e auto-inscrevendo cuidada, ou descuidadamente as impressões.

Uma vez, alguém muito jovem disse-me, por escrito, que o livro «era um beco com saída». A frase ficou num certo reconhecimento, sempre que leio um livro. Meto-me por ali, na tarefa de uma experiência nova — a minha — em confronto com a novidade da experiência do autor.

Toda a escrita, mesmo aquela provinda do ensaio científico, ou filosófico, unifica um certo e muito preciso sabor da vida. A poesia, a novela, a ficção movem-se na liberdade de uma estrutura, cuja transparência é de uma plástica diferente, e o mundo do imaginário ressalta de outro modo na saliência da palavra. É por este registo de palavras, mudando sem cessar a significação de dados, que se retiram do que nos circunda, que o livro é importante.

O livro aberto — o livro a ler — são as imagens de coisas a acontecerem a sós com o leitor, como já aconteceram a sós com o escritor. Ao fechar o livro — tudo desaparece... as imagens não deslizam mais, ficam contidas num espaço bem menor, do que a projecção delas, e só voltam a aparecer, se abrir de novo o livro. Estamos assim, ante a magia da leitura, do livro, e da escrita. A univocidade mágica da escrita transcende, mas representa a pluralidade do saber, do sentir, da desbanalização múltipla e particular, do que se confunde com o comum.

A utilização da palavra fixa a diferença entre as escritas, quando se encontra e entrelaça, com outras palavras, a desejarem a transmissão, reproduzindo a ideia/imagem. O poder da palavra converte — na guardiã do escritor, que a entrega ao livro, guardião último, solene, mesmo quando de manejo fácil.

A partir da invenção da imprensa, a reprodução dos livros e a sua difusão têm proliferado destemidamente. Nem sempre uma encadernação boa encaderna um livro bom.

Há muitos livros, mas um grande livro não é obra fácil de conotar. Porém, vive-se um certo bem-estar nas livrarias, onde se sente, aquele tal popular da irrupção da escrita, entre os livros fechados e mudos. Gosto de pressentir tanta palavra ali — só pelo tacto do corpo —, tanta frase enovelada a acertar ideias, a formar textos, dirigidos a um público residente na área próxima do anonimato.

Escrever é sempre escrever para alguém, procurando solitariamente, que numa certa solidão, seja dispensada, na duração das horas, um tempo de atenção.

Escrever é assim, um pouco revelar a RAZÃO (mas que RAZÃO?) de uma tal deambulação no mundo. Mas também envolve uma forte relação de prazer consigo, através dos outros (destinatários) — é o narcisismo literário, a relação erótica com a palavra e uma suposta presença que a leia...

Quem escreve, como quem pinta, torna solúvel, ao menos no exterior, o labirinto das suas íntimas turbulências, expondo uma realidade nova... não será acabada, mas é nova. E como acabaria, se um livro de uma escrita forte fecha sempre um nó a pedir ser desmanchado? E o narcisismo literário, em toda a escrita que se mostre ou que se esconda, nutre o desenho no papel silencioso, de muitos sinais em articulação geométrica, sonorizando frente aos olhos que lêem sem barulho.

Ainda é conhecido aquele velho e histórico som das bibliotecas, sem vocalidade, e eivadas de vozes por todos os cantos...

Depois da Escrita

«Os jornais são já livros feitos em comum. O escrever em comum — é um sintoma interessante que faz prever um grande aperfeiçoamento na arte da escrita. Talvez um dia, se escreva, se pense, se aja em massa.» — **Novalis**

As fontes originárias do livro remontam à invenção do alfabeto. Os caracteres alfabéticos possuem algo em comum: uma urgência essencial de organizarem uma coluna de emissão, materializada numa estrutura perceptível.

O grupo de letras que faz o conjunto de um corpo alfabético pode partilhar a quantidade, a figuração, e até alguma sonância, dentro de uma certa área geográfica que integre historicamente um espaço civilizacional. Apesar disso acontecer, a maneira das letras se agruparem para designar as «mesmas coisas» é bem diferente. Essas «mesmas coisas» não são bem as mesmas, divergem na articulação e no som, o que já altera o contexto de significação, sendo mais flagrante ao intentar penetrar na lógica da textura das frases. A língua de um povo, e a sua escrita, posto que escrever não é falar, dimensionam a condição étnico/antropológica, desse mesmo povo, ou seja, uma expressão por excelência, da sua existencialidade simbólica.

Os livros são o depósito da escrita de uma cultura, transmitindo, a médio ou a longo prazo, estruturas do racional que ambientes humanos usaram, ou usam, face a face com o mundo. E o mundo de um povo é a serenidade da sua área, da sua língua, e da sua escrita.

Os primeiros livros da história da humanidade provêem do Egipto do ano 3500 a.C. Os longos rolos de papiro inauguram uma dimensão irreversível: a historicidade da escrita. Daí em diante iria começar o implacável tempo histórico, o tempo marcado, a evoluir sem retroceder. Um ponto de ordem é colocado em relação ao mistério das origens: reservam-se elementos a remeter para o futuro, numa actividade simbólica crucial que ultrapassava a vulgaridade por um novo sistema significante. A partir do papiro egípcio, da argila suméria, ou de outro qualquer material, onde fosse possível o grafismo, o precedente histórico estava lançado em definitivo. A fala contava na memória dos outros, é certo, mas esfumava-se, partia com quem partia, acompanhava a morte... a escrita sobreviveria, e, na medida do possível, alcançaria laivos de eternidade.

No silêncio das bibliotecas, os livros que ficaram gritam essa resistência ao tempo, desafiam o eterno e convidam à renovação.

O acto de escrever conferia ao escriba egípcio um lugar hierárquico rendível. Saber escrever era qualidade rara e acto difícil. Ainda hoje, quem escreve, criando, sofre...

As bibliotecas conventuais, os mosteiros recordam os scriptória, que preparavam o pergaminho, onde se iria escrever e iluminar os textos religiosos de maior interesse.

A Igreja, durante a Alta Idade Média, protagonizou a cultura librária, elevando o livro a um alto plano do saber. Foi na actividade monástica de copiar e traduzir que muitas das grandes obras do Mundo Antigo se preservaram. Contudo, a cultura clerical não permitia o uso do livro, como factor de intervenção, capaz de pôr em causa e fazer ir além do saber constituído. O livro «conveniente» era para ser repetido, consumido, exaustivamente, e em segredo divulgado, num circuito muito reduzido — o circuito eleito no interior da Igreja. Foram palavras que se guardaram hermeticamente, por constituírem uma arqueologia perigosa, a chamar outras palavras a não poderem ser ouvidas.

A possibilidade da vivência da palavra reside na letra. A letra inspira a subjectividade de um traço forte na metamorfose da escrita, enquanto a palavra «olhada» ao de leve vai aninhar-se na fala. Porém, a palavra, se procurar a sua integridade, encontra-a no fundamento do discurso oral, mas substancializa-se na escrita.

Entre 768/814, Alcuíno, monge erudito da Academia de Carlos Magno perguntava no seu manual: «Que é a letra? O guardião da história. Que é a palavra? A traição do pensamento.» Escrever é sempre voz futura...

Em 1450, Gutemberg funda um novo período: o período do — *Homo tipographicus* — começa a época da propagação múltipla de textos acessíveis a uma aprendizagem e informação mais fácil. A impressão tipográfica transformou-se através do tempo pela introdução de novas técnicas, a litografia em 1798, depois o «offsset», numa verdadeira arte: a Arte Gráfica. Dizendo melhor, a arte requintada de imprimir o grafismo. Um outro mundo surgiu para o livro, que, desde outrora, pediu, pelo congénito da sua natureza, uma certa ubiquidade difusora.

Penso na arte gráfica como um suporte cultural, um lugar secreto de «scriptória» e «copista», técnica/ideologicamente muito avançada, laborando no som baixo do intermédio, mediando o aparecimento concreto do livro. Aqui, a este nível, a arte gráfica está, sem estar, mostra silenciosamente o já escrito a quem lê, que vai lendo, sem pensar como é fácil a leitura.

A «Modernidade»

Modernamente assistimos a uma evocação histórica, apelando ao presente, o passado e o futuro. O passado antecede, sente-se a falta ancestral, e o futuro deseja-se (ou teme-se?), prevê-se numa linha ficcionista, saltando as lacunas cheias de imprevisibilidade (ninguém sabe bem como vai ser). Obviamente as duas dimensões são escritas, e comparam a sua linguagem.

Com efeito, como a nossa época é nossa, e não a podemos devolver, situamo-nos no âmbito de uma realidade diversa: a electrónica.

Enfrentamos o poder da imagem, profusamente rápida, guiando os olhos em perspectivas de simultaneidade e sobreposição.

Num instante, cobrimos a informação, ou a informação cobre-nos, submergimos pela invasão, e passivamente as coisas e os acontecimentos já foram ou estão a ser, quando chegam até nós. Os olhos amam a visão porque ela os constitui, e não é difícil a visualidade criar a gula de ver muito, na tontura do movimento.

Eis-nos ante o triunfo dos audiovisuais, dos computadores, a dizerem coisas, a darem respostas a uma velocidade que ninguém dá, pois não possui a mecânica accional da máquina. É a nova magia — a técnica mágica.

Porventura, esta magia terá maior importância para os técnicos que a manipulam e a sustentam na detenção do segredo do poder dos botões, do que para mim e outras pessoas, sem poderes mágicos desse género.

Estará o livro em luta com esta vaga anexa e abundante das capacidades da electrónica? Que futuro será o do livro?

Efectivamente, em Portugal não me parece que se leia muito. O livro é por seu lado monetariamente pouco acessível. Apesar deste sério contratempo cultural, quem quer ler invade as livrarias, vasculha as edições mais baratas, fotocopia, frequenta as bibliotecas e... lê. Depois, nota-se ainda uma certa superficialidade andando no ar, na gama de interesses que se manifestam nos diálogos, nas interjeições, e sobretudo nas exclamações... Só ver, sem reflectir, é tão redutor, como cortar com a experiência de ver a vida, vivendo. E ninguém duvida que ler é um bem, e saber ler, uma virtude. Não sei, acho não ser fácil a previsão do amanhã do livro.

Há pouco tempo, lancei um inquérito a um grupo de jovens, sobre o livro e o seu futuro. Notei algo de céptico nas respostas em relação à força da escrita... algum desânimo ao reconhecerem o poder sedutor da imagem. Paralelamente distinguiam os dois tipos de criatividade — a imagem que se vê, e a escrita que se lê —, concluindo numa pressentida angústia a presumível sobrevalorização comodista da imagem. A imagem tende a consumir e a ser consumida, enquanto o livro de boa escrita é elitista na exigência de ser entendido.

O valor de uma imagem bela — fotografia, slide, cinema, etc. — é indiscutível, embora destoando da escrita bela, na forma como sobrevive. A fotografia, ou outra qualquer imagem do instante, fala, conjugando o verbo no passado. Toda a produção de imagem, para além do original, atinge uma situação-limite de categoria, e as imagens fotográficas, ou mesmo as que se movem, são portadoras de um selo estanque, só quebrável pela repetição das mesmas ou pela continuidade de outras.

A escrita, por sua vez, confronta-se também com uma exigência de continuidade, mas, ao recolher no livro, resguarda-se e a sua mostragem vive a outro nível de solicitação.

Nota-se uma recusa, por parte da escrita, em ser só o que é: ela invade, porque já houve a antecedência da invasão. Não existe a nudez da escrita. Esta, em si própria nunca desnuda o autor e deixa um convite em aberto, enquanto não ocorrer a destruição do escrito. De resto, o livro acompanha, comportando o portátil invisível diferentemente de todas as outras imagens...

Penso não haver razão para recear. O livro criará um porvir para si mesmo.

Nascer para a escrita é dar sinal a um dom liberto que se condena a exprimir...

Digamos, a um disponível modo de mundo, numa intenção de nomear qualquer coisa, que não era antes, nem assim, e que pode ser aplicada.

Não se pratica muito nem a escrita nem a leitura em conjunto. Só os jornais são, como cita **Novalis,** «livros em comum» — a escrita conjunta. E em conjunto daríamos melhor — quem sabe? — conta da escrita e do livro como componentes essenciais da nossa vida.

A escrita e a pintura revelam muito o pedido do ser das coisas, e este pedido é sem tempo... Por isso é que o escritor ou o pintor só o podem ser em tempo total, ou seja, com o tempo todo ainda por vir.

Preocupante a situação do livro? Talvez.

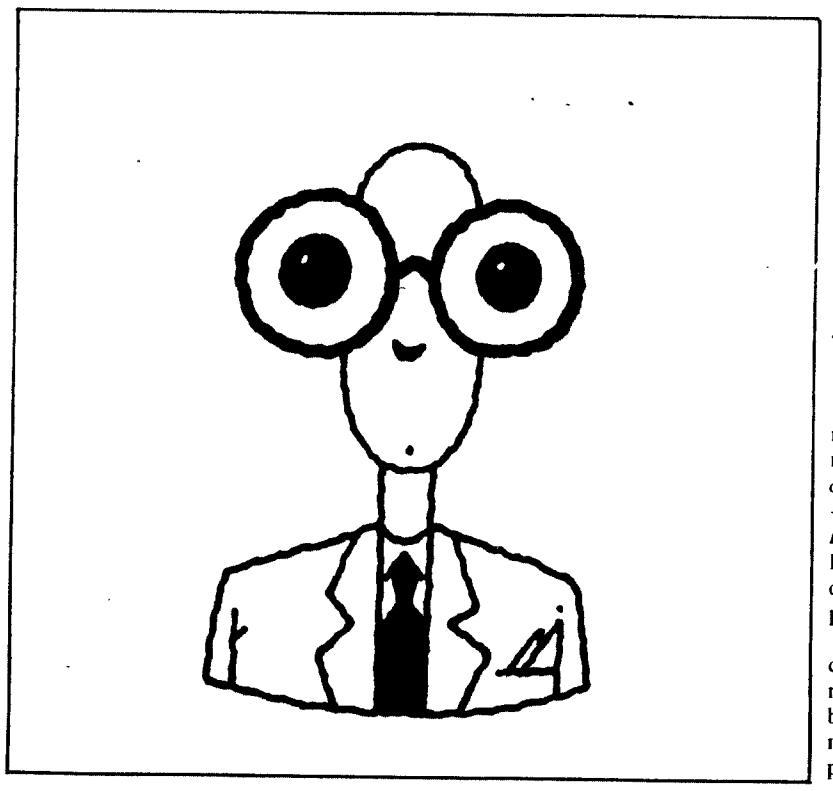
Mas a escrita, resiste, (re)inventando-se... Sobretudo se não deixarmos de a procurar...

Madalena Biscaia

Quando as Universidades passam à edição

São cada vez mais numerosas as universidades a lançar-se na edição. Empresas ainda frágeis mas que talvez caminhem no sentido da história.

Aqui fica um apontamento sobre a situação vivida em França.



DEVE-SE acreditar em Jean-Marie Bonnet, presidente da AFPU (Associação Francesa das Imprensas Universitárias) quando ele afirma: *«O fim deste século verá o desaparecimento de massa na edição?»* Ele acha, com efeito, que *«o público terá cada vez menos a possibilidade de ler e* (que) *quererá, por falta de tempo, trabalhos mais penetrantes, mais especializados»*. Segundo o presidente da AFPU, esse fenómeno já começou nos Estados Unidos. Ele quer prová-lo com os resultados financeiros de duas grandes cadeias de distribuição de livros nas livrarias de além-Atlântico: metade do seu volume de negócios provém hoje da venda de jogos ou «gadjets» diversos.

Essa evolução favorecerá os editores universitários? Se parece que as possibilidades de desenvolvimento existem, o caso não é simples. Metade no mundouniversitário, metade no da edição, as imprensas universitárias são, com efeito, extremamente diferentes, tanto na sua natureza jurídica como no seu funcionamento e na sua finalidade. Um verdadeiro matagal que, ano sim, ano não, propõe mais de cinco mil títulos aos investigadores, aos professores, aos estudantes ou, muito simplesmente, aos curiosos.

Para todos os gostose para todas as bolsas. Das «Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques» às «Publications de la Sorbonne7, das «Preses Universitaires» de Nancy, Lyon, Lille, Saint-Étienne e Bordéus, às edições da «École des Hautes Études», e às «Presses du CNRS», eis editores insubstituíveis no mercado das obras que nenhum «grande» da profissão ousaria lançar, por falta de interesse e de rentabilidade. *«Publicamos uma parte dos trabalhos de investigação que, em muitos casos, seriam ignorados se não fôssemos nós»*, declara Jacques Portes, secretário-geral das «Publications de la Sorbonne».

Quem ousaria, com efeito, editar obras como *le Papyrus Thmovis I, Colonnes 68-160, Os - Sements animaux du Moyen - Âge du Monastère de La Charité-Sur-Loire, le Phenomène Culturel à Bergerac* («Presses Universitaires de Bordaux»), ou ainda *Les Revenus Departementaux en 1864 et en 1954*. («Presses de la Fundation Nationale des Sciences Politiques»)?

Tal como o sublinha LouisBodin, director das «Presses es Sciences Politiques», *«descobrindo os autores, valorizando os textos, contribuímos para alargar o campo de investigação tornando-o mais dinâmico»*. Produções de alto nível redigidas por professores, investigadores ou autores exteriores à Universidade. Em suma, com os seus «clássicos» e os seus «marginais», estes editores surgem como a vitrina da Universidade.

A tiragem de cada obra lançada no mercado por estas imprensas universitárias varia entre mil e dois mil exemplares. Pequena tiragem, mas, praticamente todos os exemplares se vendem. Muitas vezes instaladas nas próprias universidades, estas edições não vivem muito mal. Elas andam às vezes na corda bamba mas, como o afirma um dos seus responsáveis, *«safamos-nos»* - principalmente graças às subvenções da universidade, do Centro Nacional das Letras e do CNRS ou aos auxílios financeiros dos municípios, dos conselhos gerais ou regionais. Elas multiplicam as iniciativas a fim de atingir um público mais amplo: lançam novas revistas, alargam o campo dos estudos, multiplicam as colecções.

Em Nancy, Lyon e na Fundação das Ciências Políticas, produzem-se hoje livros de bolso que são muitas vezes reedições. Também aparecem no mercado novas publicações. A Fundação das ciências políticas lançou recentemente uma revista de história, *Vingtième siècle*, e uma de linguística política, *Mots*, assim como uma série de trabalhos de referência, *«Amphithéatre»*.

As publicações da Sorbonne anunciam novos livros, tais como *Le Retour des prisonniers de guerre français* e *l'Histoire de l'art à Paris* (1940-1944). As *Presses Universitaires* de Bordeaux multiplicam-se na Auitania.

O catálogo enviado aos livreiros e a particulares inscritos em listas temáticas é o trunfo principal desses editores. Eles também se dirigem a profissionais da difusão como o CID (Centre Interinstitutionnel pour la diffusion des publications en sciences humaines), instalado no boulevard Saint-Michel.

Os volumes de negócios ainda são modestos. Se as *Presses de la Fondation nationale des sciences politiques* e as *Presses universitaires* de Nancy chegam aos 5 milhões de francos, as *Publications de la Sorbonne* e as *Presses universitaires de Lyon* mal ultrapassam o milhão. Lille anuncia 800 000 francos e Bordéus 600 000.

Alguns destes editores modernizaram-se. A informática entrou em força nas *Presses de la Fondation des sciences politiques*. Aqui, na rua de Saint-Guillaume, estamos bem longe das *Publications de La Sorbonne*, instalada em duas divisões da ilustre casa que ainda cheiram bem à tinta e ao papel acabado de sair da tipografia.

Em Paris, Nancy, Lille, Lyon, Bordéus, também se quer estar presente no mercado estrangeiro. Numerosos trabalhos são traduzidos para inglês, alemão e espanhol. A seriedade destas publicações é pois reconhecida além-fronteiras e já fazem parte da Comunidade Científica Internacional. A maioria destes editores estão presentes nos salões do livro de Paris e de Frankfurt.

No próximo Salão da capital, Kenneth White, depois de ter dedicado as suas obras no stand de um grande editor parisiense, passará, para o mais modesto, das *Presses universitaires* de Bordéus, para assinar o seu livro *Le Poéte cosmographe*. Um belo golpe editorial.

Jean Perrin
Exclusivo Le Monde/Diário de Lisboa

Poesia

Iluminuras

Uma carta de Turim (23 de Setembro de 1948)

Théodore Fraenckel

...DE campanella uma alegria
breve mas inesquecível.
Raramente de outro modo poderíamos compreender
essas estranhas simbologias
em que mais preciso e material
o universo se espelha e clarifica.
Mas tudo isso escrito sobre a mesa do café,
de uma janela que dava sobre as margens do rio.
Durante minutos esta insistência recordava-o
das horas, impiedosas, em Sorrento, de chuva.
(Das noites de Inverno em que se preparava para partir,
da Frígia...)
Todos os outros elementos do grupo tinham entretanto abdicado das suas intenções subversivas.
Dizia-se que o grupo se tinha perdido
(Esse sangue deslavado, impossível de esquecer, contudo).
A passagem necessária pelo sague espesso
em que se reordena o mundo...
Agora, todavia, preferia esquecer-se.
Algumas horas antes ainda o separavam do princípio de Outubro.
URGENTE. **Há uma semana que espero pelo dinheiro**
que pague o quarto (indiferente a tudo...)

Midnight Forecastle

VEJO crimes pelas ruas. O fogo, a luz, o dia, apagam-se
em reinos sem valor. Alguém fala como quem voa
longe, longe. E eu persisto vivendo, instante
a instante, a morte
de Cristo...Uma voz
distante... e dilui-se na memória excitando fantasmas,
revivendo o corpo ausente...e
penso no prazer e na dor.
Naquele desejo insaciável...

Mário Avelar

Excrementos

NÃO há nada como caminhar descalço sobre o fogo
paulatinamente a garra do corpo tudo leva à boca
de tudo tem medo.
A chuva amarela dos cigarros que circulam o vício.
O ir a jogo no escuro
onde ninguém morre mas entra em putrefacção

Doca de veias conspurcadas por corpos
a memória sempre com panos quentes
descasca o riso
cínico das coisas baratas como roubar fruta
ou praticar o incesto

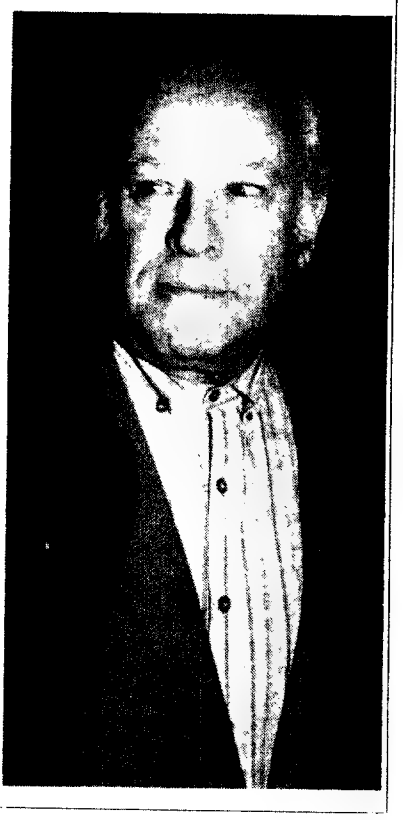
Família o colar de pérolas que a sociedade
arrasta para todo o lado
é bom ver a natureza renovar-se no calor insuportável do objecto
gordo que desenvolve as mãos pelos dedos fora
até dar as voltas necessárias para formar
um labirinto.

A. da Silva O.

Ao meu querido amigo Manuel da Fonseca

Manel!
Eles dizem coisas bonitas de ti
E trataram-te tão mal
Eles falam na tua juventude
E dizem que estás velho
Eles cobram a factura de não terem a tua coragem.
Manel!
E sei que tu não acreditas neles.
Eu sei que tu misturas todas as comidas
Numa só, quando não gostas.
Sei também que eles estão roucos
Por não terem a voz que tu tens,
O saber das tuas palavras,
A coragem da tua condição.
É mentira Manel!
Não acredites!
Mas eu sei que tu não acreditas.
Eles vêm de mansinho poisar no teu regaço
Porque já não podem mentir,
E vendem-se tal qual os trapos.
Já reparaste, Manel!
Que quando estão aò pé de ti nem sabem estar!
Sim! Eu sei que reparaste.
Mas nota Manel,
Os gajos não conseguem disfarçar.
Evitam-te por inveja.
Omitiram-te por ganância.
E sabes mais Manel, eu sei que tu sabes!
Eles julgam que tu vais morrer
Mas é mentira!
E sabes, Manel, mesmo que morras
Os gajos nunca mais te matam.
E é tão lógico morrer!
E é tão prático dizer que se vai morrer!
E é tão mentira tudo isso
Que a vontade que eu tenho,
É de os mandar à merda!
Sabes porquê, Manel?
Porque eles recusam falar da tua fala
Recusam dizer que não são como tu.
E tristemente recusam dizer
Que tu és a cultura deste país.
Mas olha, Manel!
Os gajos estão mortos com vida
E quando chegar a hora de morreres
Ninguém conseguirá matar-te!
Estás bem vivo, Manel!

João Fernando



Os cisnes selvagens e outros contos

de Hans Christian Andersen

A editorial Estampa acaba de lançar «Os cisnes selvagens e outros contos», de Andersen. Das peculiaridades do trabalho de tradutor dá conta Silva Duarte, que verteu o texto em português a partir do original. Como exemplo de conto publicamos «O Fuzil», sem dúvida um dos mais conhecidos de Andersen, agora na sua nova tradução.

Prefácio

OS contos de Andersen contam-se como sendo a obra mais divulgada depois da Bíblia. Encontram-se traduzidos por esse mundo fora nas mais variadas línguas e nas mais variadas formas. São muitas, naturalmente, as edições infantis ou não infantis, mas destas devem salientar-se as verdadeiramente sérias destinadas, por isso, a um público mais exigente. Há-as em língua inglesa, existem em espanhol, como obras completas traduzidas com a maior correcção, encontram-se em «colecções de clássicos» em língua francesa, alemã ou italiana e, além e constituírem, evidentemente, traduções do dinamarquês, apresentam prefácios como meritórios estudos da criação anderseniana.

Qual o panorama das traduções portuguesas? Quase todas se destinam ao público infantil, com melhor ou pior apresentação editorial. A mencionar como excepção, na *Biblioteca Universal Antiga e Moderna*, um volume dedicado a Andersen, publicado em 1888. Os contos, em geral, foram traduzidos do francês ou de outra língua acessível e repetem-se com frequência, o que denota o intuito comercial, constituindo recorde neste sentido *O Intrépido Soldado de Chumbo* e *A Sereiazinha*. Comparando os contos traduzidos nas várias edições, pode-se verificar como apresentam variantes apreciáveis. Por outro lado, nas notas ou prefácios que as acompanham pouco mais se pode encontrar do que elementares dados biográficos sobre o autor dinamarquês. Algumas versões confessam-se francamente como adaptações, ficando, assim, previamente justificadas as liberdades tomadas. Uma publicação é realização notável: *Alguns Contos de Andersen*, traduzidos por Lisa Tilberg e Ana de Castro Osório, também ilustrada por Carlos Carneiro.

O panorama das traduções portuguesas da obra de H. C. Andersen pode ser devidamente apreciado numa excelente bibliografia publicada pela Biblioteca Real de Copenhaga, constituindo o volume VII da série *Contribuições para a Bibliografia de H. C. Andersen* (*), consagrada à língua portuguesa, de Portugal e Brasil, e que regista 231 versões. A primeira tradução portuguesa que se aponta é de 1879, de Lisboa, treze anos depois da visita do contista dinamarquês a Portugal em 1866. Repetem-se edições e repetem-se tradutores, em Portugal e no Brasil. *O Soldadinho de Chumbo* é o conto mais editado. Nomes bem conhecidos da ossa literatura encontram-se ligados à tradução ou adaptação dos contos de Andersen, comoMaria Amália Vaz de Carvalho, Gonçalves Crespo, Mariana de Castro Osório, Herberto Hélder, Cabral de Nascimento. Mencionadas nessa bibliografia são também edições poliglotas com traduções portuguesas, adaptações para o teatro ou para a rádio, ou em discos, especialmente no Brasil. A maior parte das traduções é feita do francês e do inglês, registando-se curiosamente uma do japonês no Brasil. As versões apresentam modalidades diversas que se subtitulam, por exemplo, como «tradução portuguesa... calcada sobre versão francesa de...», «adaptação inglesa e tradução portuguesa autorizada...», «versão brasileira de...», «adaptação por...», «versão portuguesa», «adaptação livre», etc., que assim deixam transparecer o afastamento do original. Cotejando essas traduções ou adaptações, encontramos uma imensidade de diversidades que vai desde o falso entendimento do texto às mais grotescas situações imaginadas, com introduções de puro arbítrio que chegam a duplicar as proporções do texto original. Verdadeiras apropriações sem escrúpulos da obra alheia!

Que dificuldades se apresentam a um tradutor dos contos de Andersen, do dinamarquês para português? Para um tradutor português, a primeira situação consciente a enfrentar é a natural passagem duma língua germânica para uma língua românica, considerando as estruturas e capacidades de expressão diversas, que o obrigará continuamente a intentar correspondências que as aproximem. Assim, terá desde logo que desmantelar toda uma pontuação própria à língua dinamarquesa e ao estilo de Andersen, cuidadosamente tornando-a portuguesa, sem alterações de ritmo. Vêm depois vocábulos e expressões que têm, por vezes, de ser pacientemente estudados, para encontrar a devida correspondência e isto não só no sentido da diversidade das línguas como também quanto ao tempo que registou o seu uso, como pode suceder com objectos e situação não mais actuais. Por vezes o texto directamente vertido não pode ser convenientemente captado pelo leitor português, por ser peculiar, por exemplo, à vida na Dinamarca, e então terá o tradutor de decidir-se por uma versão mais clara que o afastará evidentemente do texto, ou por esclarecê-lo em nota apensa, que, evidentemente, pode não ser asolução mais elegante.

Andersen sempre deu aos seus contos uma ambiência dinamarquesa, mesmo quando os temas foram colhidos em viagens por outros países. É esta uma difícil barreira a transpor para o tradutor, dado que a esta ambiência podem estar ligados ditos de espírito, referências veladas, situações humorísticas, jogos de palavras, etc., que requerem uma transposição por vezes impossível de alcançar. O estilo dinamarquês permite repetições ou novos aclaramentos que numa língua neolatina parecerão supérfluos e aqui o tradutor tem de decidir-se conscientemente pela sua eliminação, se necessaria. Naturalmente, a estrutura da língua dinamarquesa, estando sempre presente, pode levar o tradutor a construções estranhas à sua língua, como, por exemplo, frequentes inversões do sujeito, começando a frase por uma expressão adverbial. Uma tradução séria dos contos de Andersen tem de tomarem conta estes e muitos outros problemas e para eles, evidentemente, encontrar solução adequada. Um tradutor consciente saberá resolvê-los, tendo em mente a estruturação admirável, a simplicidade de meios de expressão, a leveza, as encantadoras subtilezas e a profunda humanidade da obra de Andersen que, elevando-se miraculosamente acima da ignorância e mediocridade de alguns tradutores, da falta de escrúpulos de outros adaptadores, não só na língua, é evidente, continua a atrair maravilhosamente gerações sucessivas de leitores.

(*) Der Kongelige Bibliotek-Nationalbibliografisk Afdelings Publikationer-Bidrag til H. C. Andersen Bibliografi VII-Vaerker af H. C. Andersen oversat til Portugisisk — Ved Sv. Juel Moeller. — Copenhaga, 1975.

Silva Duarte

O Fuzil

VINHA um soldado a marchar pela estrada fora. Um, dois! Trazia a mochila às costas e um sabre à ilharga, pois estivera na guerra e regressava agora a casa. Encontrou então uma velha feiticeira na estrada. Era muito féia, o lábio inferior pendia-lhe quase até ao peito. Disse ela:

— Boa noite, soldado! Que bonito sabre tens e que grande mochila! És um verdadeiro soldado! Vais ter tanto dinheiro quanto quiseres!

— Muito obrigado, velha feiticeira! — disse o soldado.

— Vês aquela árvore grande? — perguntou a feiticeira e apontou para uma árvore que estava ao lado deles. — É completamente oca. Se trepares lá acima ao topo, verás um buraco pelo qual podes deixar-te escorregar e descer ao fundo da árvore. Vou atar-te uma corda à cintura para poder içar-te para cima outra vez, quando me chamares.

— E que vou fazer lá no fundo da árvore? — perguntou o soldado.

— Buscar dinheiro! — respondeu a feiticeira. — Verificarás, quando chegares ao fundo da árvore, que te encontras num grande corredor completamente iluminado, pois estão acesas aí mais de cem lâmpadas. Vês então três portas, podes abri-las, estão lá as chaves. Entra na primeira câmara, vês ao meio, no chão, uma grande arca, sobre ela está sentado um cão. Tem uns olhos tão grandes como chávenas de chá, mas não te importes com ele! Dou-te o meu avental de quadrados azuis, podes estendê-lo no chão. Vai direito depois ao cão e põe-no sobre o meu avental, abre a arca e tira de lá tantos xelins quantos quiseres. São todos de cobre, mas se quiseres tê-los de prata, entra no compartimento seguinte. Aí, porém, está um cão que tem os olhos tão grandes como mós de moinho. Mas não te importes com ele, põe-no em cima do meu avental e pega no dinheiro. Se quiseres ter ouro, também o podes obter e tanto quando puderes transportar, se entrares na terceira câmara. Mas o cão, que está sentado na arca do dinheiro, tem olhos tão grandes como a Torre Redonda (*). É um cão de verdade, podes crer. Mas não te importes com ele. Põe-no simplesmente em cima do meu avental, que ele não te fará nada e tira da caixa tanto ouro quanto quiseres.

— Não é nada mau! — disse o soldado. — Mas que tenho eu a dar-te em troca, velha feiticeira? Pois alguma coisa vais querer, bem posso imaginar!

— Não — disse a feiticeira. — Nem o mínimo xelim quero para mim. Apenas me trarás um velho fuzil de que a minha avó se esqueceu quando esteve lá a última vez.

— Bem, põe-me então a corda à cintura! — disse o soldado.

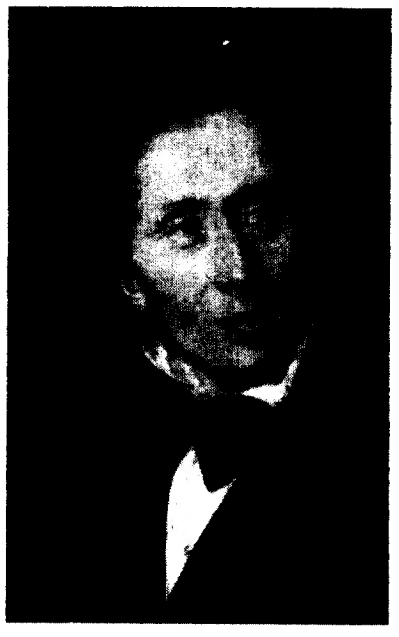
— Aqui está ela! — disse a feiticeira. — E aqui o meu avental de quadrados azuis!

Assim o soldado trepou à árvore, deixou-se escorregar pelo buraco e achou-se depois, como dissera a feiticeira, em baixo, no grande corredor, onde estavam acesas centenas de lâmpadas.

Abriu então a primeira porta. Ui! Lá estava o cão com os olhos tão grandes como chávenas de chá a olhar para ele.

— És um bom cãozinho! — disse o soldado, pondo-o sobre o avental da feiticeira e tirou tantos xelins de cobre quanto podia meter nas algibeiras. Fechou depois a arca, pôs o cão outra vez em cima dela e dirigiu-se para a segunda câmara. Ena! Lá estava o cão com olhos tão grandes como mós de moinho!

— Não deves olhar tanto para mim! — disse o soldado. — Podes ficar mal dos olhos. — E pôs o cão no avental da feiticeira. Mas quando viu tanto dinheiro de prata na arca, deitou fora todo o dinheiro de cobre que tinha e encheu as algibeiras e a mochila só com o de prata. Depois entrou na terceira



câmara. Oh! Era horrível! O cão tinha realmente dois olhos tão grandes como a Torre Redonda. E andavam à volta na cabeça, como rodas.

— Boa noite! — disse o soldado e levou a mão ao capacete, pois um cão assim nunca vira antes. Mas depois de o ter mirado um pouco, pensou: «agora já chega». Pegou nele, pô-lo no chão e abriu a arca. Oh! Santo Deus! Quanto ouro. Podia comprar toda a Copenhaga e os porquinhos de açúcar das doceiras, todos os soldados de chumbo, chicotes e cavalos de baloiço que houvesse no mundo. Sim, havia ali dinheiro bastante! — Então o soldado lançou fora todos os xelins de prata com que enchera as algibeiras e a mochila e substituiu-os por ouro, sim, todas as algibeiras, a mochila, o capacete e as botas ficaram cheias, de tal modo que mal podia andar! Agora é que tinha dinheiro! Levantou o cão e pô-lo sobre a arca, fechou a porta e gritou para cima da árvore:

— Iça-me agora, velha feiticeira!

— Já tens o fuzil? — perguntou a feiticeira.

— É verdade! — disse o soldado. — Tinha-me esquecido. — E voltou para buscá-lo. A feiticeira içou-o e lá estava ele outra vez na estrada com as algibeiras, botas, mochila e capacete cheios de dinheiro.

— Que vais fazer agora com o fuzil? — perguntou o soldado.

— Não te interessa! — disse a feiticeira. — Já tens o dinheiro! Dá-me simplesmente o fuzil!

— Parvoíce! — disse o soldado. — Ou dizes-me imediatamente o que vais fazer com ele ou puxo do sabre e corto-te a cabeça!

— Não! — disse a feiticeira.

Então o soldado cortou-lhe a cabeça. Ali ficou. Mas ele pôs todo o dinheiro no avental, atou-o, colocou-o às costas à laia de trouxa, meteu o fuzil na algibeira e dirigiu-se imediatamente para a cidade.

Era uma linda cidade e na mais bonita hospedaria entrou, pediu o melhor quarto e comeu do que mais gostava, pois era agora rico, tinha muito dinheiro.

Ao criado que deveria limpar-lhe o calçado pareceu que eram estranhamente velhas as botas que um senhor tão rico calçava, mas este ainda não tivera tempo para comprar outras novas. No dia seguinte arranjou, pois, botas para calçar e roupa que era uma beleza! Era agora o soldado um senhor elegante. Contaram-lhe então tudo da cidade, o que lá havia e falaram-lhe do rei e da linda princesa que era a filha dele.

— Onde se pode vê-la? — perguntou o soldado.

— Não é nada fácil vê-la — responderam todos juntos. — Mora num grande castelo de cobre, com tantos muros e torres à volta! Ninguém senão o rei pode lá entrar ou de lá sair, pois está profetizado que virá a casar com um simples soldado e isso não pode sofrer o rei!

«Bem gostaria de vê-la!» pensou o soldado, mas nunca obteria licença para isso.

Vivia agora divertindo-se, ia às comédias, andava de carruagem no Jardim do Rei e dava aos pobres muito dinheiro, o que era bem bonito! Lembrava-se muito bem dos velhos tempos, como era mau não possuir um xelim! Estava agora rico, vestia belas roupas e tinha muitos amigos, os quais diziam que ele era uma pessoa muito boa, um verdadeiro cavalheiro, e isso bem gostava o soldado de ouvir. Mas como todos os dias gastava dinheiro e não recebia nada em troca, apenas lhe restavam dois xelins e assim teve de sair do belo aposento onde morava, mudando-se para um quartinho estreito, mesmo debaixo do telhado. Tinha de escovar ele próprio as botas e consertá-las com uma agulha de passajar e nenhum dos seus amigos o visitava, pois eram muitos os degraus até lá acima.

Fazia noite bem escura e não podia comprar uma vela, mas lembrou-se que havia um coto no fuzil que utilizara na árvore oca, em que a velha o tinha ajudado a descer. Agarrou então no fuzil e no coto de vela, mas precisamente no momento em que fez fogo e as faíscas saltaram da pederneira, abriu-se a porta de par em par e o cão que tinha olhos como grandes chávenas de chá e que vira lá no fundo da árvore, estava diante dele e disse:

— Que ordena o meu senhor?

— Que é isto? — disse o soldado. — Era, na verdade, um fuzil bem engraçado! Posso assim obter o que quiser! — Arranja-me algum dinheiro! — disse ele para o cão. Zaque! e logo este desapareceu e zaque! logo voltou, trazendo na boca um grande saco cheio de xelins.

Sabia agora o soldado que era um

Continua na pág. 7

Uma antologia de poesia titulada *Sião*

Apareceu recentemente nas livrarias uma antologia de poesia titulada *Sião*. Organização de Al Berto, Paulo da Costa Domingos, Rui Baião, prólogo de Alexandre Melo, será «o actual século de poesia visto em síntese», no dizer duma circular oportunamente distribuída pela editora, Frenesi. E logo a propaganda avançava os nomes dos 70 poetas seleccionados (ou dos quais — nem todos poetas, a não ser numa acepção por vezes bastante marginal — tinham sido seleccionados poemas, ou outras peças), de Antero de Quental e Cesário Verde a Adília Lopes e Fernando Luís.

VAMOS ver. Antes disso, porém, um inflexão, para dizer que o que se segue não vai muito além da perplexidade inicial perante os nomes que aqui aparecem, o que se mantém para além da reacção inicial. Esperava-se, naturalmente, uma explicitação mínima de razões, de objectivos, de cretérios, — a qual poderia suscitar o comentário, a questionação, a discussão. Tal explicitação não se faz, para além duma pouco clara introdução e umas muito breves súmulas críticas sobre a prática ou a obra poética de cada um dos autores antologiados. Não é muito, pelo contrário, e nota-se demasiado que falta razões de fundo, objectivos de fundo, convicto e convincente (por mais sumário) discurso sobre isso. Temos então de confrontar esta antologia com algumas outras, na expectativa de que esse trabalho elementar, fazendo realçar as diferenças, aponte para razões de ser que esta nem diz que tem, mas que terá, mais do que provavelmente.

Exemplos

Nos últimos tempos (nas últimas duas, três, quatro décadas) têm-se publicado muitas antologias de poesia portuguesa. Não temos ficheiro, nem nada que se pareça, que nos habilite para a enumeração sequer razoável do que neste domínio se publicou. Também não caberia aqui, — e quem quiser pode ver numa das introduções às *Líricas Portuguesas*, III série, de Jorge de Sena, reedição de há dois ou três anos em Edição 70. A enumeração (não só enumeração, também crítica) de Sena data de 1969.

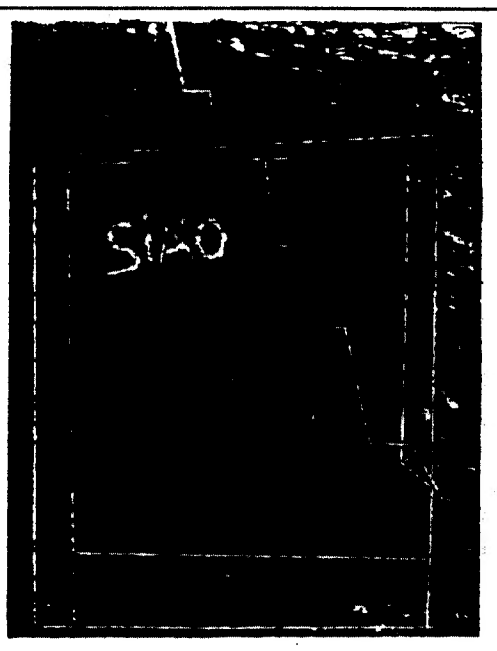
Depis disso há a assinalar mais antologias. Os destaques poderão ir para a 4.ª série das *Líricas*, de António Ramos Rosa, e para mais uma reedição da antologia de M. Melo e Castro e Maria Alberta Meneres, agora (fins de 70, princípios de 80) titulada *Antologia da Poesia Portuguesa* (prescindindo, pois, do qualificativo *novíssima* das edições anteriores).

A antologia de Ramos Rosa abre onde fecha a III série de Sena e fecha com Gastão Cruz, o mais novo dos poetas referenciados historicamente a *poesia 61*. É, compreensivelmente, uma selecção muito restritiva, e precisaria de actualização. Há muito, aliás, desapareceu das livrarias.

A antologia de Melo e Castro e Meneres, nesta terceira edição, ou versão, tal como nas anteriores, é um projecto demasiado ambicioso e os resultados estão longe de lhe corresponder. Há aí critérios demasiado pessoais, e parciais. Redundante, ou quase, dizê-lo nestes termos. A antologia tem de suporte um confronto com outras, e, principalmente, com o tempo e as mudanças de gosto e de sensibilidade da parte da recepção — e sobretudo desse sector específico (não propriamente da recepção, porque talvez mais próximo da criação, digamos assim, no processo de produção, processo global) que é a crítica. Melo e Castro e Meneres privilegiam, compreensivelmente, mas não se sabe até que ponto, aquele sector da poesia dos anos 60 que historicamente se pode referenciar pela designação *poesia experimental* (curiosamente, um sector praticamente fora dos horizontes desta agora, *Sião*) e falham, quanto a nós, principalmente, na perspectiva das promoções mais recentes. De qualquer forma, a importância deste trabalho está acima de reservas que se lhe possam fazer, e a antologia é, pelo menos, um estimulante desafio para a crítica e o público mais informado e esclarecido —, como não será o caso de estrangeiros a quem possa ser referenciada como bibliografia fundamental, que porventura prescindam de termos de comparação e não disponham de meios documentais que os habilitem para uma perspectiva crítica, diga-se de passagem.

Por falar-se de estrangeiros (da parte de quem, nos últimos tempos, têm vindo dos mais significativos e consequentes interesses pela poesia portuguesa actual), assinale-se que no estrangeiro têm sido publicadas diversas antologias. Do que conhecemos, destaque para um trabalho feito por Angel Crespo: *Antologia de la Poesia Portuguesa Contemporánea* (de Pessoa a Gastão Cruz), em princípios de 80, em Madrid (Ediciones Jucar), uns vinte anos depois duma primeira antologia publicada também na capital espanhola e aclualizando-a ampliadamente.

As antologias feitas no estrangeiro têm sempre um interesse especial, e não propriamente pela projecção que com elas ganham os autores portugueses seleccionados, a qual (projecção) é mínima, e quase sempre insignificativa, em termos de público leitor alargado (a menos que se trate de colecções de grande circulação como são a francesa Le Livre de Poche ou a inglesa Penguin Books, onde, entrentanto, e somente no caso da segunda, portugueses, até hoje, só apareceram Camões e Fernando Pessoa). O interesse maior tem a ver com razões, digamos, de ordem interna: desde logo pelo interesse, depois pelas facilidades ou dificuldades, e depois ainda pelo interesse — do tradutor, em relação a este ou aquele autor, quer dizer, a esta ou aquela poesia —, pode o autor dela ter uma ideia das potencialidades de projecção internacional do trabalho que está a fazer em português e em Portugal. Há também aqueles (quase sempre não muitos) ecos que a publicação de antologias produz, e por eles (pelas notícias deles, que venham chegando) é possível apurar ideias, juízos, impressões, etc., etc. Serve isto para uso de cada um e para uso da crítica, e tudo tem interesse, quando se trata de trabalho feito com honestidade e rigor. E quase sempre o estrangeiro dá lições, nestes tocantes, com exemplos admiráveis e a considerar, a portugueses, — não tanto antólogos, mas autores, alguns dos quais se dão ao luxo absurdo de não consentirem ser traduzidos e publicados noutras línguas, o que, quanto a nós, não deveria ser atitude ao alcance de cada um sem ficar impune.



O actual século de poesia visto em síntese. Um volume organizado por: Al Berto, Paulo da Costa Domingos, Rui Baião. Prólogo de Alexandre Melo. Capa de Pedro Calapez.

Todavia, por falarmos de exemplos, o de Jorge de Sena nas *Líricas* ainda é, opinião nossa, o melhor que temos. Aliás, único: trata-se, como se sabe, duma antologia consultada, coisa que nunca se tinha feito antes nem voltou a fazer-se depois, entre nós.

Prevalece a ideia de que o antólogo, no seu trabalho deve ser honesto, rigoroso, etc., — mas a noção que se tem dessas excelentes qualidades não tem a ver com muito mais do que a subjectividade, o impressionismo, o gosto e a sensibilidade pessoais, com os consequentes critérios daí resultantes.

Naturalmente, a consulta não é um método infalível. Antes de mais, põe-se a questão de saber quem vão ser os consultados, e um antólogo não pode delegar o trabalho que preliminarmente lhe cabe numa empresa especializada em sondagens. Haverá sempre, pois, um mínimo de factores pessoais, subjectivos, etc., etc., no trabalho de escolha, de delimitação do âmbito de escolha, — mas sobrepõe-se a isso a qualidade duma metodologia. Os resultados, neste caso, são sempre, de algum modo, inquestionáveis, — e não pelas mesmas razões por que serão inquestionáveis os gostos pessoais, mas por razões, se não precisamente contrárias, pelo menos muito diversas.

E eis porque as *Líricas* de Sena ainda é a melhor — a mais honesta e rigorosa, digamos, — antologia de poesia portuguesa que até hoje se fez. Os qualificativos são vulgares, mas devem ser lidos na melhor acepção que a subjectividade lhes pode dar.

Mas o trabalho de Sena, na sua versão mais actualizada, já tem uns quinze anos. Interessante — mais do que isso, importante, e mesmo urgente, — que entretanto se fizesse outro, de idêntico teor, que lhe desse a dimensão histórica por que aspira, cobrindo o tempo que entretanto decorreu. Isto sem queremos dizer que é menos importante a antologia (*Líricas*, IV série) de António Ramos Rosa. Apenas o trabalho feito por Sena não teve seguimento, e talvez a adopção dos mesmos processos produzisse resultados menos estritos, e, principalmente, mais claros. Produziria, certamente, resultados diversos dos patentes na *Antologia da Poesia Portuguesa* de Melo e Castro e Meneres, o que não quer dizer, também, que os pusesse demasiado em causa. Postos em causa, e radicalmente, ficariam os resultados patentes (em termos de nomes, desde logo) na antologia de que agora se trata: *Sião*.

Falemos então desta antologia, mais concretamente, de duas ou três sugestões que esta antologia nos dá, desde logo a partir dos nomes que estão aí representados.

Sião

São 70 poetas, de Antero e Cesário a Adília Lopes e Fernando Luís. «O actual século de poesia» não é, pois, o XX, mas os últimos 100 anos, desde as décadas de 70-80 do Oitocentos até aos anos 80 do Novecentos.

Isto explicará que a antologia abra com Antero e Cesário: são referências capitais da poesia portuguesa nos últimos cem anos, e figuras muito ascendentes (irregularmente, embora) sobre a assunção de sucessivas gerações, razão sumária pela qual, aliás, se compreende a inclusão de Brandão. Não se tratando, a sua obra, do que possa chamar-se uma obra poética (a não ser numa acepção marginal), é, no entanto, uma referência fortemente ascendente também sobre a prática literária (e designadamente a poética) de sucessivas gerações. Mas impõe-se a questão de distinguir poesia de prosa, e uma antologia deve ser feita com um mínimo de rigor. Um caso assim seria objecto de tratamento especial, num capítulo complementar ao *corpus* antológico fundamental, — e uma ideia, — se acaso a presença de Brandão, da sua prosa, fosse considerada imprescindível, e não vemos por que o há-de ser.

Brandão, aliás, não é caso único. Há ainda, muito próximo, um Ângelo de Lima, mas epistolar, não se entende porquê, quando tem obra poética. Uma hipótese é que os antólogos perfilhem, de poesia, uma acepção qualitativa, do poético como adjectivo aplicável a uma infinidade de trabalhos (literários, e não só, — e, então, não se entenderá a restrição da noção à literatura, ou à escrita).

Mais adiante, também não se entenderá facilmente a inclusão de um Manuel de Lima, excerto do romance «Malaquias», por exemplo.

E, naturalmente, reage-se com alguma surpresa do aparecimento de António Nobre, — principalmente se confrontado com a ausência de um Gomes Leal (o que não diríamos, entretanto, da ausência de um Junqueiro). Sucessivas gerações têm tido pouco a ver com Nobre, embora mais por razões ideológicas (nem sempre relevantes de uma justa compreensão histórica do caso). Por vezes tem-se-lhe reconhecido uma certa modernidade em aspecto como a oralidade, por exemplo. A poesia portuguesa mais recente — a que os responsáveis por esta antologia pertencem — parece tender para a valorização destes aspectos ou motivos de interesse. É possível que isto tenha a ver com a decisão de o incluir na antologia.

Camilo Pessanha aparce, certamente, porque não podia deixar de aparecer, e este caso está acima da discutibilidade de um António Nobre. Outro tanto se passa com Teixeira de Pascoaes, obviamente, mas, neste caso, experimenta-se alguma estranheza. Não vemos que a obra de Pascoaes seja ascendente muito forte para a poesia portuguesa contemporânea, mas a sua sombra é vasta e anda por aí. Pascoaes, o interesse por ele tem sido bastante irregular. Nesta altura atravessa maré alta, ao que parece, e pelo menos num confronto com o silêncio que sobre a sua obra por vezes longamente se faz. O seu aparecimento em *Sião* talvez possa ser interpretado como homenagem das gerações mais novas, o que só funciona a favor destas gerações.

O dez ou vinte nomes que se seguem até às promoções mais recentes, são os que se seriam de esperar. Mas também e não menos esperavelmente, há ausências que se notam: Régio, Torga, Afonso, Duarte, da *presença* ou coevos, e muitos neorealistas dos anos 40 e 50. Nós, por nós, não ficaríamos surpreendidos se aqui vissemos alguns nomes desdenhados, por exemplo, Políbio Gomes dos Santos: a sua inclusão não destoaria. Mas há mais casos, por certo, embora principalmente, a partir de 60. Aqui começar-se-á por estranhar presenças como Maria Gabriela Lhansol e Álvaro Lapa. São nomes que não se costuma ver referenciados como poetas, ou escritores de poesia e nunca nos tinhamos apercebido da sua presença no movimento da poesia portuguesa das últimas décadas. A sua inclusão nesta antologia, tal como outras, já atrás referidas, põe a questão de saber o que se deve entender por poesia. Quanto a nós, deve haver disso um entendimento definido com um mínimo de rigor. Casos assim, caberão sempre, mas devidamente classificados, em apêndice, marginália, complemento ou suplemento, seja o que for.

Ainda nos anos 60, referências iniciais, mas entrando já pelos 70 e 50, qualquer leitor mais ou menos familiarizado com este pequeno grande mundo de referências que é a poesia portuguesa actual ou contemporânea notará facilmente a ausência dos principais nomes ligados à chamada *poesia experimental*. E se aqui esti-

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

vesse um Alberto Pimenta — não propriamente um histórico do movimento, mas, de qualquer forma, autor duma obra que se tem processado com alguma referência a ele, e é hoje um contributo singularmente enriquecedor, sobretudo pela assunção internentiva e crítica nos planos do social e até dos *mass-media,* — se aqui estivesse Alberto Pimenta, diziamos, não teriamos nada que ficar surpreendidos.

Passamos sem detenção por nomes como Sophia, Sena, Reinaldo Ferreira, Eugénia de Andrade, Natália Correia, António Ramos Rosa, Alexandre O'Neil, os surrealistas, Ruy Belo, Pedro Tamen, Fernando Assis Pacheco, Luisa Neto Jorge (a única presença referível a *poesia 61* — notando-se, pois, e pelo menos, a ausência dum Gastão Cruz), e entramos nas promoções dos anos 70 e 80. É aqui que começam as nossas maiores discordâncias, se for caso de as divulgar. E talvez seja, se bem que não muito (que a questão também não deve ser demasiado empolada).

As novas gerações

Um relance sequer pelos nomes certamente que não se deterá sobre uns dois ou três que nenhum critério selectivo, por mais específico, excluiria, ou excluiria a custo.

Sejamos francos: estão no caso, para nós Manuel António Pina, António Franco Alexandre, Nuno Júdice, João Miguel Bernardes Jorge e Joaquim M. Magalhães (sendo de notar que os dois últimos não autorizaram a inclusão de textos seus na antologia).

Temos dúvidas sobre o caso dum Nuno Guimarães, — cuja obra representará, na viragem de 60 para 70, um momento singular de sintese de certas tendências de poesia então actual. e designadamente da tradição e da continuidade renovada do ideário e da poética realista. Mas a síntese que se pode ver na obra deste poeta fica um tanto aquém dos avanços entretanto feitos por outros. E a sua inclusão talvez se deva entender mais em função do caso pessoal de que se trata: morte por volta dos trinta anos. O gesto de inclui-lo, assim entendido, também não destoa.

Há mais nomes aqui presentes sobre os quais não haverá nada a dizer: Eduardo Pitta, Hélder Moura Pereira, Emanuel Jorge Botelho e talvez mais, incluindo dois dos seleccionadores, Paulo da Costa Domingos e Al Berto. Mas a generalidade dos restantes, umas duas ou três dezenas de nomes, — a sua inclusão só pode considerar-se estranha, pelo menos. Nós, por nós, e da maior parte deles, já conhecíamos um livro ou dois, uns poemas avulsos, de que retínhamos o que possa dizer-se boa impressão. De outros, porém, nem tanto, ou muito menos, e em dois ou três casos precisamente o contrário. Não vamos distinguir casos, que nada adiantariam.

Diga-se apenas que há aqui nomes de que nem mal se tinha ouvido falar, e outros de que conhecíamos trabalho feito noutros domínios que não propriamente a poesia. Mas pode ser insuficiência de informação, nada nos custa admiti-lo.

De uns tantos, porém, — e, de novo, não adiantaria mencionar nomes, — parece que é preciso muito mais do que uma grande boa vontade para admitir sequer a hipótese de lhes seleccionar trabalho para uma antologia, a não ser uma antologia do mau gosto, de mediocridade, ou da extravagância, ou da semana, ou do mês, no âmbito do disparate ou do achado fortuito ou irrisório, da graça ocasional, tantas vezes ao nível do disparate ou do efémero, etc.

Critérios

Percebe-se, com maior ou menor dificuldade ou facilidade, que uma intenção electiva presidiu à escolha de autores, quer os de ontem quer os de hoje. Pode-se ser generoso, deixar passar isto por critério. Todavia, se de critério se trata, ele não aparece aqui suficientemente explicitado. Temos de deduzi-lo a partir da introdução e das súmulas críticas dedicadas a cada autor.

Não se exigiria um trabalho como o de Jorge de Sena para a sua série das *Líricas,* mas, por outro lado, nada haveria a comentar se liminarmente nos fossem faladas as razões e os objectivos da antologia.

Pode-se objectar que os critérios são de cada um (ou de dois ou três, que podem coincidir, ou convergir) e ninguém tem a ver com isso. Todavia, a antologia propõesenos como «o actual século de poesia visto em síntese», o que é uma indicação que se pode dizer tudo excepto imprecisa, e muito menos espretensiosa.

Pode-se objectar que todas as antologias — mesmo a de Sena — levantam estas pequenas questões, até mesmo uma tão estritamente pessoal como *Edoi Lelia Doura, Herberto Hélder, que ninguém põe em questão. Pois não, mas o grau de confiança,* digamos assim, que Herberto Helder nos merece situa-se bem acima da confiança que nos poderão inspirar um Al Berto, um Paulo da Costa Domingos, um Rui Baião.

Não é argumento a que se recorra? Talvez, porque cada um tem e todos têm o direito d fazer a sua antologia. Pois, — mas nem todos vão fazer a sua antologia, e menos ainda dá-la à estampa. E, de resto, num confronto com a de Herberto Hélder, esta não se pretendia «o actual século visto em síntese»: bem mais modestamente, era apenas uma «antologia das vozes comunicantes».

Quem, minimamente informado sobre o que nos últimos anos se tem publicado nestes domínios (poesia) vê facilmente que a grande maioria dos trinta, quarenta nomes dos anos 70 e 80, que aqui figuram, são autores que têm aparecido associados a referências de grupo como *Frenesi,* (que, aliás, chancela a antologia), *E E Etc., Fenda,* e outras (revistas, cadernos, etc.) É capaz de ser um juízo preconceituado, mas não se deve omiti-lo: o significado, a representatividade, enfim, a importância de *Sião* não vão muito além da ideia que já se tinha do que essas chancelas nos últimos anos nos vêm popondo.

E a ideia que tem quem escreve isto aqui é que há, nesse âmbito de referências, uns tantos que estão a fazer trabalho, no mínimo, interessante (por vezes muito). A desigualdade de uns casos para outros é, no entanto, outra ideia que ocorre acerca do que, sob tais chancelas, se publica e, tratando-se de saber de critérios, ocorrem denominações como arbitrariedade, sectarismo, etc., etc.

Nada contra o sectarismo, quando se trata de assunções colectivas ou de grupo forçadas a tal pose ou posicionamento por necessidade de afirmação, mas que, depois se hão-de revelar interessadas na discussão, no diálogo, com a contemporaneidade (e com o passado), pelo que isso representa de desenvolvimento possível de determinadas situações.

Alguma coisa contra, no entanto, quando aí se encobre uma convicção, uma autoconvicção de que poucos partilham. Diz-se encobre. Nada disso, no caso: declara-se, proclama-se. Em casos isolados poderia parecer muitas coisas, inclusivamente ridículo. Em grupo, talvez não, — e a melhor dissimulação táctica ainda é recorrer a referências exteriores ao grupo, trazê-las para o interior do grupo, exibi-las, associá-las a uma estratégia, fazer qualquer coisa como sugerir que somos os herdeiros e continuadores duma grande tradição, — a qual conta com nomes como, por exemplo, Antero, Cesário, Pessoa, Pessanha, ou seja, os melhores de sempre, reconhecidamente, nos domínios da unanimidade. Presenças assim avalizam alguma coisa todas as omissões que se possam fazer seguidamente.

Utilidade

Mas, sejam quais forem — e por maiores que sejam — as reservas que nos sugere, esta antologia é, desde já, de grande utilidade, até para a crítica e para os estudos interessados nos caminhos mais recentes da poesia portuguesa.

Ela reúne um conjunto numeroso de autores que, certamente, nunca teriam nem virão a ter grandes hipóteses de entrtar numa antologia feita com as exigências clássicas que uma antologia impõe, e arquiva, desses autores, um manancial de produção relativamente numeroso, — e muito do qual nem se conheceria, — e insinua (mais do que isso, propõe, mais do que isso intenta impor) uma geração, pelo menos, e a mais recente, que dificilmente se conheceria na produção irregular e avulsa, mesmo que muita dessa produção tivesse em comum o aval desta ou de outra chancela.

Uma geração, ou um sector, dessa geração, ou mais (as últimas promoções, anos 70 e 80).

A representatividade — o significado, a mportância — desta geração, destas gerações, ou de um sector delas, eis outra questão, bem mais séria, obviamente, para a discussão da qual *Sião* é, na sua parcialidade quase ostensiva, quase ofensiva, um contributo de alta valia. É com estas noções presentes que deve ser vista.

E que nenhum dos cem ou duzentos autores de poesia vivos — uns 90 por cento das quais se julgam sempre muito mais importantes (significativos, representativos) do que aos outros parecerá que o são — se sinta injustiçado porque esta antologia o ignora. Desde logo, são em número excessivo os que esta antologia ignora. Depois, nenhuma antologia é definitiva — não garante a posteridade aos antologiados nem o esquecimento dos excluídos.

Mas uma antologia faz sempre história, e esta vai fazê-la, para já e nos tempos mais próximos. Desde logo, é aqui que pela rimeira vez entrevemos uma geração ou duas como afirmação de conjunto. E é, quando não a nossa geração, a que nos fica mais próxima — a dos que estão mas próximos de nós.

Nós, por nós, não nossentimos muito identificados. Mas isso, naturalmente, é uma questão pessoal que não teria aqui maior interesse. E é mais do que provável que outros se sintam identificados. o que será excelente, — tratando-se de quem tenha 20, 30 anos. Esta (talvez dupla) faixa etária, afinal, é isto — esta antologia, estes autores, estes poemas — o que tem mais à mão para conhecer e se identificar. Há-de haver nisso muito de positivo e até etimulante. E cada um aperceber-se-á, a curto ou médio prazo, da vanidade, da irrelevância, da fatuidade, etc., etc., de muito que aqui se propõe.

Talvez um dia se faça, destes anos 70 e 80, uma antologia como as *Líricas* de Sena. Mas, para os anos 70 e 80 é capaz de não ser ainda tão urgente assim. E até lá, todos temos direito a um pouco de ilusão a respeito de nós própios e do valor do trabalho que vamos fazendo. Esse direito, custa sempre um tanto recusá-lo liminarmente aos demais.

Luís de Miranda Rocha

O Fuzil, de Andersen

Continuação da pág. 5

fuzil maravilhoso. Se fazia fogo uma vez, vinha o cão que estava sobre a caixa com dinheiro de cobre; se fizesse duas vezes, vinha o que tinha dinheiro de prata e se fogo fizesse três vezes, vinha o que tinha ouro . . . Voltou a correr para o belo aposento, vestiu-se com boas roupas e logo o reconheceram todos os amigos que tanto gostavam dele.

Pensou então um dia: «É coisa bastante estranha que não se possa ver a princesa! Deve ser muito bonita, dizem todos! Mas para que serve a beleza, se tem de estar sempre metida num grande castelo de cobre com tantas torres? Não conseguirei mesmo vê-la? Onde está o meu fuzil?» E fez fogo uma vez e zaque! logo apareceu o cão com os olhos tão grandes como chávenas de chá.

— Já é noite alta — disse o soldado — mas gostaria tanto de ver a princesa, só por um momento!

O cão logo desapareceu pela porta e antes que o soldado tivesse tempo de pensar, já estava de volta com a princesa sentada a dormir no lombo, que era tão bonita que todos podiam ver como parecia uma verdadeira princesa. O soldado não pôde conter-se, teve de beijá-la, pois era soldado de verdade.

O cão regressou a correr com a princesa, mas quando era já manhã e o rei e a rainha tomavam chá, disse a princesa que tivera um sonho maravilhoso na noite anterior, com um cão e um soldado. Cavalgara num cão e o soldado beijara-a.

— Sem dúvida uma linda história! — disse a rainha.

Então uma das velhas damas da corte ficou de vigia junto ao leito da princesa na noite seguinte para ver se era um sonho verdadeiro ou qualquer outra coisa.

O soldado ansiava tão terrivelmente por ver outra vez a bela princesa, que veio assim o cão à noite, pegou nela e correu tanto quanto pôde. Mas a velha dama da corte calçou as botas à prova de água e correu com igual rapidez atrás deles. Quando viu depois que acabaram de entrar numa casa grande, pensou «agora sei onde é»! e fez com um pedaço de giz uma cruz na porta onde o soldado morava. Depois foi para casa e deitou-se e o cão regressou também com a princesa. Mas quando viu que havia uma cruz na porta onde o soldado morava, pegou também num pedaço de giz e fez cruzes em todas as portas da cidade. Foi coisa feita com muita esperteza, pois agora a dama da corte não saberia encontrar a verdadeira porta, visto que havia cruzes em todas as portas.

De manhã cedo vieram o rei e a rainha, a velha dama da corte e todos os oficiais para verem o sítio onde a princesa tinha estado.

— É aqui — disse o rei, quando viu a primeira porta com uma cruz.

— Não, é ali, querido marido! — disse a rainha que viu uma segunda porta com uma cruz.

— Mas é aqui e é ali! — disseram todos. Para qualquer lado que olhassem havia cruzes nas portas. Bem puderam assim verificar que não valia a pena procurar mais.

Mas a rainha era uma mulher bastante esperta, sabia bem mais do que andar de carruagem. Pegou a sua grande tesoura de ouro, cortou um grande pedaço de seda em bocados e fez deles um saquinho bonito. Encheu-o com sémola, de trigo mourisco, pequena e fina, atou-o às costas da princesa e, feito isto, fez um buraquinho no saco, de modo que a sémola pudesse derramar-se por todo o caminho por onde a princesa andasse.

À noite veio de novo o cão, pôs a princesa às costas e correu com ela para o soldado, que tanto gostava dela e que bem gostaria de ter sido um príncipe para a tomar como esposa.

O cão não notou como a sémola se foi derramando pelo caminho do castelo até à janela do soldado, onde saltou pelo muro com a princesa. De manhã viram muito bem o rei e a rainha onde a filha tinha estado e assim prenderam o soldado e puseram-no no calabouço.

Lá estava sentado. Ui! Como era escuro e triste! E disseram-lhe: «Amanhã vais ser enforcado!» — Não era nada divertido ouvir uma coisa dessas e esquecera-se do fuzil na estalagem. De manhã pôde observar através das grades de ferro da pequena janela a gente que se apressava a sair da cidade para ir vê-lo ser enforcado. Ouviu as trombetas e viu os soldados a marcharem. Toda a gente corria para fora. Havia também um aprendiz de sapateiro com avental de coiro e pantufas. Tanto corria a galope que uma das pantufas voou-lhe dos pés e foi bater precisamente contra a parede por detrás da qual estava o soldado sentado a olhar para fora por entre as grades de ferro.

— Eh! Aprendiz de sapateiro! Não precisas de ter tanta pressa! — disse o soldado. — Nada vai acontecer antes de eu lá chegar! Se quiseres, porém, correr até onde morei e trazer-me o meu fuzil, receberás quatro xelins! Mas tens que dar às pernas! — O aprendiz de sapateiro queria bem ganhar os quatro xelins e logo se apressou a ir buscar o fuzil que entregou depois ao soldado e . . . agora vamos ter que ouvir!

Fora da cidade tinham levantado uma grande forca. À sua volta havia soldados e uma centena de milhar de pessoas. O rei e a rainha estavam sentados num belo trono precisamente diante dos juízes e de todo o conselho.

O soldado estava já no cimo da escada, mas, quando iam pôr-lhe a corda ao pescoço, disse que sempre haviam concedido a um pecador, antes de sofrer o castigo, a possibilidade de satisfazer um desejo inocente. Ele gostaria tanto de fumar uma cachimbada, seria bem a última que fumaria neste mundo!

Tal não quis o rei negar-lhe e assim o soldado pegou no fuzil e fez fogo, uma, duas, três vezes. E lá estavam todos os cães, o dos olhos tão grandes como chávenas de chá, o dos olhos como mós de moinho e o que tinha os olhos tão grandes como a Torre Redonda.

— Ajudem-me para que não seja enforcado! — disse o soldado e logo se atiraram os cães aos juízes e a todo o conselho, pegaram nuns pelas pernas e noutros pelo nariz e lançaram-nos a muitos metros para o ar, de modo que quando caíam logo ficavam em pedaços.

— Eu não quero — disse o rei, mas o cão maior pegou tanto nele como na rainha e lançou-os para o ar como aos outros. Então os soldados ficaram assustados e a gente gritou: — Soldadinho, serás o nosso rei e terás a linda princesa!

Sentaram assim o soldado na carruagem real e todos os três cães dançavam à frente e gritavam — Hurra! E os moços aprendizes assobiavam pelos dedos e os soldados apresentavam armas. A princesa saiu do castelo de cobre e foi feita rainha e bem podia sentir-se contente por isso! A boda durou oito dias e os cães sentaram-se à mesa e fizeram grandes olhos.

NOTA:

(*) Observatório do célebre astrónomo Tyge Brahe, em Copenhaga. (N. do T.)

Acabados de Chegar

■ D. Quixote de La Mancha, Miguel de Cervantes, ed. Vega, col. Juvenil

Trata-se de uma adaptação a pensar num público adolescente e feita por Maria Ponce para a Vega. Ao publicá-la, a editora mantém firme a aposta que fez para esta colecção: tentar criar um público jovem para osclássicos da literatura. A capa é de António Pimentel, mas, para ilustrar o texto, os editores preferiram recorrer a um punhado de gravuras de Gustavo Doré, o que acrescenta interesse ao livro. Possam iniciativas como esta devolver à gente mais nova o gosto pelo livro, e a aposta estará ganha.

■ Húmus, Raul Brandão, ed. Vega col. Mnésis

A obra mais importante de Raul Brandão, com prefácio reescrito por José Manuel de Vasconcelos, sai agora em segunda edição. Brandão é naturalmente um clássico, e **Húmus** o seu texto central, onde o paisagista e o viajante, o amante de história, se desfiguram e se fundem para criarem um texto caleidoscópico, de inspiração metafísica, e invulgarmente rico em intertextualidade, em cumplicidadesliterárias e teóricas com contemporâneos seus.

■ Sonata de Outono, Ramo Valle-Tnclán, ed. Vega, col. Provisórios e Definitivos

Das sonatas de Valle-inclán, a Vega decidiu começar por esta, traduzida por Rafael Gomes Filipe e prefaciada por Miguel Viqueira, um dos mais sérios conhecedores da literatura espanhola contemporânea. As sonatas centram-se nas memórias do Marquês de Brandomin, testemunham a aventura errante do autor e fazem, nele, arrancar o modernismo. A editora tenciona publicar igualmente as três restantes, correspondentes às outras estações do ano.

■ Se numa noite de Inverno um viajante, Italo Calvino, ed. Vega, col. Provisórios e Definitivos

Traduzida por Maria de Lurdes Sirgado Ganho e José Manuel de Vasconcelos, esta, penúltima obra de Calvino, a que o LerEscrever se referiu em pormenor há semanas, num longo texto sobre o autor, será provavelmente um dos seus textos mais significativos. A actual edição inclui o curiosíssimo apêndice de Calvino «como escrevi um dos meus livros», construído por um grande número de hipóteses de posicionamento do leitor face ao texto, figurativamente apresentadas. Trata-se de uma «brincadeira» originalmente divulgada em 1984 e então apresentada por Greimas. Certamente ue o leitor que tenha ficado pelo **Atalho (dos ninhos de aranha)** pouco reconhecerá, aqui, do seu Clvino, que lhe propõe narrativas impossíveis, incompletas, interceptadas... E de uma grande agudeza e mestria, pela sua construção.

■ O mito de D. Juan, Jean Rousset e outros, Vega, col. Universidade

O principal dos textos de Rousset, mas igualmente estudos de Tamisier, Jean Pfeiffer, Beatrice Didier e outros, além do prefácio de Álvaro Manuel Machado, «O mito de D. Juan ou a erótica da ausência»; o seu autor organiza a edição.

Múltiplas aproximações do mito enquanto modelo de comportamento, matriz erótica, posição face à vida. Não se trata de um trabalho interdisciplinar, mas a multiplicidade dos enfoques abre novas perspectivas de leitura.

■ Diário da Prisão, Egon Schiele, Ed. Litoral

«Mantiveram-se presos 24 dias! Vinte e quatro dias, ou quinhentas e setenta e seis horas. Uma eternidade! (...) Quem não tenha sofrido o que eu sofri, devia sentir-se, doravante, cheio de embaraço e confusão em relação a mim». É a última carta da prisão de Egon Schiele que morreu com 28 anos vitimado pela «gripe espanhola» que assolou a Europa no Inverno de 1918. Porque foi preso o autor? Uma interrogação que o próprio Schiele apenas sabe responder por aproximação: talvez pelos seus desenhos, um dos quais foi, aliás, queimado em público pelo juiz. Desenhos de que nos são dados exemplos nesta edição de «Diário da Prisão».

■ Obras Completas de Raymond Chandler-vol. 2 «À Beira do Abismo» e «O Lápis da Morte», Livros do Brasil, Col. Vampiro Gigante

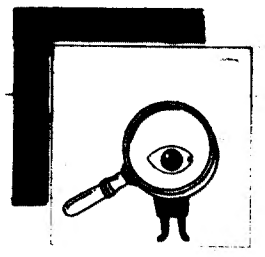
O segundo dos dez volumes, que a Livros do Brasil pretende editar numa iniciativa que permitirá a muitos leitores conhecer as obras completas de Chandler: oito romances e 22 novelas. O livro agora editado, que reúne ainda, para além dos dois títulos citados, a novela «Os Espertos Também Morrem». Em «À Beira do Abismo» (The Rig Sleep), Philip Marlowe tem de solucionar um caso de chantagem que ameaça uma família com alguns elementos perturbados e perturbadores. «O Lápis da Morte» (The Pencil) é a primeira novela de Marlowe e foi, como afirma Chandler, especialmente escrita em Inglaterra. «Até então — conta o autor — eu tinha persistentemente recusado escrever novelas, visto sempre ter pensado que o romance é o meu elemento natural, mas fui persuadido a fazê-lo, porque certas pessoas a quem voto a maior consideração insinuaram desejá-lo e também porque eu sempre tencionara escrever uma história acerca dos assassínios do sindicato». Por seu lado, a novela «Os Espertos Também Morrem» é ainda dominada pela figura do detective Johnny Dalmas, que viria depois a ser substituído por Philip Marlowe.

■ Amor Numa Rua Escura, Irwin Shaw, Livros do Brasil, Col. Dois Mundos

O autor de «Jovens Leões» opta neste «Amor Numa Rua Escura» pelo conto (são dez) para descrever as reacções de um americano confrontado com vários dramas na sua travessia por cidades europeias.

■ O Mistério dos Bombons Envenenados, Anthony Barkeley, Livros do Brasil, Col. Vampiro

Reedição de um título assinado pelo autor de «A Festa da Enforcada» e «Erro Judiciário», entre outros. Em «O Mistério dos Bombons Envenenados», um clube de escritores e criminologistas propõe-se realizar o que a Polícia se demonstrou incapaz de fazer ou seja, investigar o assassínio de Mrs. Bendix...



■ Maigret e o Homem Solitário, Georges Simenon, Livros do Brasil, Col. Vampiro

Mais um caso do comissário Maigret, escrito pelo autor que surpreendeu muitos leitores com as suas «Memórias Íntimas». No presente romance, Maigret é obrigado a investigar o passado de um vagabundo de Paris, assassinado em circunstâncias inexplicáveis.

■ A Visirova, Roger Villand, Publicações Dom Quixote, Biblioteca de Bolso

A Visirova, o primeiro dos romances que Roger Vailland escreveu, apareceu em 1933, sob a forma de folhetim, no jornal «Paris-Soir», mas só em 1986 viria a ser reeditado. René Ballet, que assina o prefácio desta edição, descreve assim a intriga de Visirova: os soldados da guarda real apresentam armas à virgem que chega. Um ano depois, voltam a apresentar armas à ex-virgem que parte. Entretanto, o seu rei conseguiu uma grande vitória: desflorou a Virgem das Folies, ou seja, a bailarina mais nua das Folies-Bergère.

■ Enciclopédia dos Mortos, Danilo Kiš, Publicações Dom Quixote, col. Ficção Universal.

Danilo Kiš, que reside actualmente em Paris, nasceu em 1935, em Subotica, na fronteira húngara. «Enciclopédia dos Mortos», constituída por nove narrativas, é o primeiro título de Kiš a sr editado em Portugal. «Todas as novelas deste livro se inserem mais ou menos sob a égide de um tema que eu qualificaria de metafísico», diz o autor, que acrescenta ser «a morte um dos temas obsessionais da literatura». E com a morte é também o amor (ou será o contrário?) este não se encontra afastado do livro de Kis, que, aliás, o sugere com a seguinte epígrafe de George Bataille: «A minha fúria de amar dá para a morte como uma janela para a rua».

■ Da Pedra à Estrela, Claude Allégre, Publicações Dom Quixote, Col. Ciência Nova.

No centro deste livro está o esbatimento de uma dicotomia. Com efeito, ele é o testemunho de uma ciência jovem que estabelece a ponte entre a Geologia e a Astronomia, dois ramos da História Natural que durante muito tempo se ignoraram mutuamente.

■ Fernand Braudel e a História, Centro Cultural de Châteauvallon, Ed. Teorema.

Em Outubro de 1985, o Centro Cultural de Châteauvallon consagrou a Fernand Braudel e à sua obra — O Mediterrâneo, o capitalismo, a França — um colóquio de três dias. O livro agora editado pela Teorema reproduz as comunicações e os debates então travados e em que participaram Hélène Ahrweiler, Albert Du Roy, Paul Fabre, Vitorino Magalhães Godinho, Emmanuel Le Roy Ladurie, entre muitos outros.

■ Engano Astucioso, Ruth Rendell, Publicações Europa-América, Clube do Crime.

Ruth Rendell é geralmente associada a Patrícia Highsmith na qualidade de «rainha do crime». Embora as nossas preferências se virem para a segunda, o certo é que Ruth Rendell é uma autora que vale a pena ser lida. Neste «Engano Astucioso» encontramos de novo o inspector Wexford a braços com um caso que a sua imaginação e certos sinais enganadores tornam bem mais complicado do que na realidade ele é.

O eu nos outros

O.motor

Quando o motor do automóvel se fez ouvir, numa espera exigente estacionado na rua, um frio silêncio instalou-se em toda a sala.

— Bem... — titubeou Anselmo.

Eurico desfez o cigarro no cinzeiro de pé alto:

— Nem bem, nem mal! Que espere... Ainda podemos conversar um pouco mais. O tipo que desligue o motor. Não é que eu me enerve, mas não deixa de ser um ruído incómodo. Ora dizíamos nós que...

Ângela levantou-se do «maple» e atravessou a sala em diagonal, muito devagar, contando os passos que dava. António subiu-lhe o corpo com os olhos enquanto ela se afastava: os sapatos rasos e brancos, as costas desnudadas, a nuca alta e loira. Carmelinda, sentada à sua frente, encolheu os ombros — e, num gesto de grande preguiça, recostou-se no «maple», os seios salientes, os olhos fechados. Lá fora, continuava o ruído do motor do automóvel, ligado, estacionado, exigente... Augusta, junto à coluna de pau-preto, entretinha-se com os jarros brancos, harmonizando-os no vaso com o toque dos seus dedos longos. Eurico fixou-a por momentos, quase esqueceu o que estava a passar-se, pensou que...

Chamou-o à relidade o gesto de ternura de Celina: pequenina, estava agora em bicos de pés, rolando a cabeça pelo peito de Anselmo. Eurico respirou fundo, disse:

— Então nada mais dizemos, ó gentinha...?

O motor do automóvel, insistente, insinuava-se, com o seu ruído, como única resposta a todas as perguntas e hesitações — e foi então que, lá do fundo da sala, Irene abandonou a cadeira de palhinha, passou por entre todos, atravessou a porta de sala. Momentos depois, o silêncio na sala ainda foi maior: deixara-se de ouvir («Splash!») o amor-rumor do motor.

Pedro Alvim

O DIREITO DE MORRER
SUICÍDIO E EUTANÁSIA
Um tema controverso
Um livro para um público adulto
Por
Álvaro Lopes-Cardoso

Tem o Homem o direito ao suicídio? Tem o Homem o direito à eutanásia? Tem o Homem o direito a morrer com dignidade, quando e como quiser?

Qual a posição dos médicos quanto à manutenção da vida de um doente terminal, para o qual não restam esperanças? Quem determina esse ponto? Que questões éticas e morais se levantam?

Ao editar este livro, Europa-América tem consciência da controvérsia que o tema irá gerar. Mas não é lúcida nem objectiva a posição de enterrar a cabeça na areia para não se enfrentar qualquer problema.

O objectivo da edição desta obra, da autoria de um conceituado juiz português, é o de trazer elementos de informação e de reflexão a um público adulto, com ideias já firmes sobre o Homem, a sociedade e a vida.

Um livro que, sendo do interesse geral, deverá ser de leitura obrigatória para todos os médicos e advogados, porque trata de um tema que a todos interessa e a todos afecta!

UM NOVO LIVRO DE AUTOR PORTUGUÊS

À VENDA
NOS BONS LIVREIROS

EUROPA-AMÉRICA...
...a memoria no futuro